



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NO CÓRREGO CANIVETE: A  
RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO E A DINÂMICA URBANA**

**EDUARDO ALVES SOARES**

Dissertação de Mestrado

RONDONÓPOLIS – MT

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NO CÓRREGO CANIVETE: A  
RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO E A DINÂMICA URBANA**

Eduardo Alves Soares

Orientador Prof. Dr. Jorge Luiz Gomes Monteiro

Dissertação de Mestrado

RONDONÓPOLIS – MT

2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - CUR  
Rodovia Rondonópolis-Guiratinga, km 6 (MT-270) - - Cep: 78735901 -Rondonópolis/MT  
Tel : (66) 3410-4020 - Email : mestrado.ppgeo.cur@gmail.com

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO : "As transformações socioambientais no córrego Canivete: a relação espaço-tempo e a dinâmica urbana."**

AUTOR : Mestrando Eduardo Alves Soares

Dissertação defendida e aprovada em 13/12/2018.

### Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador	Doutor(a)	Jorge Luiz Gomes Monteiro
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinador Interno	Doutor(a)	RONEI COELHO DE LIMA
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinador Externo	Doutor(a)	Carlos Alberto Franco da Silva
Instituição : UFF		
Examinador Suplente	Doutor(a)	José Adolfo Iriam Sturza
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		

RONDONÓPOLIS, 14/12/2018.

## FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

S676t Soares, Eduardo Alves.  
AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NO CÓRREGO CANIVETE:  
A RELAÇÃO ESPAÇO-TEMPO E A DINÂMICA URBANA / Eduardo Alves  
Soares. -- 2018  
xiii, 147 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Jorge Luiz Gomes Monteiro.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Geografia,  
Rondonópolis, 2018.  
Inclui bibliografia.

1. Problemas socioambientais. 2. Espaço vivido. 3. Espaço concebido. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À minha mãe Risoleta Alves da Silva pela motivação, seus ensinamentos e todo amor que tem por mim.

Ao meu pai Eurípedes Pedro Soares pela força e conversas que foram importantes para essa conquista e principalmente pelo amor que tem por mim.

À minha esposa Thais Morhani Oliveira Souza, pelo grande companheirismo e ajuda nos momentos difíceis e principalmente pelo amor que sente por mim.

Ao meu orientador Professor Doutor Jorge Luiz Gomes Monteiro pela grande paciência e pelo excepcional trabalho realizado que elevou meu aprendizado.

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES pela bolsa concedida, sem a qual minha participação no mestrado seria inviabilizada.

E agradeço ainda as professoras Clara Ângela de Souza e Patrícia Alves Santos Oliveira pela amizade e solidariedade para comigo e que foram de suma importância para finalização dessa pesquisa.

Meu muitíssimo obrigado a estes que fizeram parte da minha formação em um nível espetacular e que sem vocês não teria chegado até esta conquista.

## RESUMO

O objetivo do estudo consiste em compreender como a percepção dos moradores das proximidades do Córrego Canivete foi se modificando a partir da crescente produção do espaço urbano. Teve como princípio analisar como ocorreu o processo de ocupação nas proximidades do córrego em questão, a partir das relações estabelecidas entre o morador e o ambiente adjacente, e como no decorrer do tempo as mudanças foram se manifestando. Pesquisar tal assunto é importante para compreender a relação que existe do morador das proximidades do córrego e, para tanto, foi necessário fazer um levantamento sobre como o homem percebe os cursos d'água no meio urbano, bem como, avaliar se as transformações ocorridas no seu entorno foram também contribuintes para a valorização do espaço vivido. A pesquisa está fundamentada na Tríade de Lefebvre – espaço vivido, percebido e concebido, como vetor analítico, caracterizando as diversas dinâmicas do processo de transformação do curso d'água e do espaço, sobretudo no entorno do córrego. Entretanto, como a escala de análise da Micro Bacia é determinante no processo de transformação do recorte territorial da pesquisa realizada, utilizou-se de dados secundários da prefeitura municipal que permitiram verificar a evolução do processo de ocupação a partir dos diversos agentes produtores do espaço. Foram produzidos mapas temáticos pelo Sistema de Informação Geográfico (SIG) focando na delimitação do plano amostral para aplicação das entrevistas com os moradores, descrição dos bairros contidos na micro bacia, utilizando imagens LANDSAT 5, e ainda trazendo a evolução temporal por década da ocupação do espaço, a partir de 1984 utilizando para tanto o Google Earth Pro. Através do plano amostral foram aplicados questionários junto aos moradores lindeiros ao córrego, destinados a obter informações da comunidade, relacionado ao tempo de moradia, características do espaço e do ambiente anterior à canalização após a concretização desta. O resultado da pesquisa aponta para a intensificação da ocupação na microbacia do Córrego Canivete, sobretudo na Área de Preservação Permanente e proximidades, o que desencadeou ações de retirada da vegetação, mudança da qualidade da água, afastamento de espécies animais, alteração de forma definitiva de parte da paisagem onde elementos de infraestrutura foram se instalando, o que estimulou os moradores a projetar benefícios sociais com a canalização e, principalmente, antever a valorização da área próxima ao córrego após a obra de canalização ser finalizada.

**Palavras – chave:** Problemas socioambientais, Espaço Vivido, Espaço concebido.

## ABSTRACT

The aims of this study is to understand how the perception of the inhabitants of the vicinity of the Canivete stream has been changing from the growing production of urban space. It had as principle to analyze how the occupation process occurred in the proximities of the stream in question, from the relations established between the resident and the adjacent environment, and as in the course of the time the changes were manifesting. To search for such a subject is important to understand the relationship that exists between the resident of the vicinity of the stream and, therefore, it was necessary to do a survey about how the man perceives the water courses in the urban environment, as well as to evaluate if the transformations occurred in the their surroundings were also contributors to the valuation of the lived space. The research is based on the Triad of Lefebvre - lived, perceived and conceived space, as an analytical vector, characterizing the various dynamics of the process of transformation of the water course and space, especially in the surroundings of the stream. However, since the scale of analysis of the Microbasin is decisive in the transformation process of the territorial cut of the research, it was used secondary data of the city hall that allowed to verify the evolution of the occupation process from the various producing agents of the space. Thematic maps were produced by the Geographic Information System (GIS) focusing on the sample plan delimitation for the interviews applications with the residents, description of the neighborhoods in the micro basin, using LANDSAT images 5, and also bringing the temporal evolution by decade of the occupation of the space, from 1984 using both Google Earth Pro. Through the sampling plan, questionnaires were applied to the residents near the stream, to obtain information about the community about the dwelling time, characteristics of the space and the environment before and after its completion. The results of this research shows the intensification of the occupation in the Canivet stream microbasin, mainly in the Permanent Preservation Area and in the vicinity, which triggered vegetation removal, water quality change, animal species removal, alteration of the definitive form of the landscape part, where elements of infrastructure were installed, which stimulated the residents to project social benefits with the channeling and, mainly, to foresee the appreciation of the area next to the stream after the work of the draining to be finished.

**Keywords:** Socio-environmental problems, Lived space, Space conceived.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Córrego Canivete em Rondonópolis (MT) .....	18
Figura 2 – Escolha do plano amostral: delimitação e número de imóveis .....	24
Figura 3– Imóveis que foram aplicados as entrevistas .....	25
Figura 4 – Distância de área de preservação permanente em cursos d'água .....	54
Figura 5: Bairros contidos na Microbacia do Córrego Canivete .....	59
Figura 6: Evolução temporal na Microbacia do Córrego Canivete .....	70
Figura 7: Área verde onde localiza-se a nascente principal do Córrego Canivete .....	73
Figura 8: Principais trechos utilizados como depósito de resíduos no córrego .....	75
Figura 9: Mapa mental dos moradores pioneiros residentes nas proximidades do córrego ...	106
Figura 10: Quantidade de imóveis contidos na área de preservação permanente do córrego .....	109
Figura 11: Planta genérica de valores de terrenos urbanos de Rondonópolis-MT .....	113
Figura 12: Avenidas que conectam moradores da Microbacia do Córrego Canivete ao centro comercial de Rondonópolis .....	115
Figura 13: Valoração dos terrenos na Microbacia do Córrego Canivete .....	121
Figura 14: Pontes construídas após a canalização .....	125
Figura 15: Ruas do entorno do Córrego Canivete que não contém asfaltamento .....	127
Figura 16: Áreas com serviços de drenagem de águas pluviais .....	129
Figura 17: Áreas com níveis de probabilidades de ocorrências de inundação .....	131



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Determinação do tamanho da amostra a partir do tamanho da população .....	22
Quadro 2: Distribuição dos moradores entrevistados por sexo e idade.....	56
Quadro 3: Dados referentes aos bairros contidos na Microbacia do Córrego Canivete .....	60
Quadro 4: Implantação de loteamentos por década.....	62
Quadro 5: Valor do m <sup>2</sup> dos terrenos localizados nos bairros contidos na Microbacia do Córrego Canivete.....	117
Quadro 6: Percentual de acréscimo do (IPTU) utilizando o INPC em Rondonópolis-MT ...	119

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Nível de escolaridade dos moradores pesquisados .....	56
Gráfico 2: Tempo de residência no local do entrevistado .....	57
Gráfico 3: Tipo de moradia dos entrevistados .....	57
Gráfico 4: Animais vistos nas redondezas do Córrego Canivete .....	63
Gráfico 5: Características do córrego quando se fixou no local .....	64
Gráfico 6: Presença de ocupação nas proximidades do córrego .....	64
Gráfico 7: Construção de casas nas proximidades do córrego .....	65
Gráfico 8: Razões de morar próximo ao Córrego Canivete .....	67
Gráfico 9: Naturalização em destinar resíduos nas proximidades do córrego .....	72
Gráfico 10: Tipos de resíduos encontrados nas proximidades do córrego segundo os entrevistados .....	74
Gráfico 11: Moradores que declararam ter destinado resíduos nas proximidades do córrego .....	74
Gráfico 12: Moradores que declaram ter destinado esgoto no córrego.....	76
Gráfico 13: Moradores que identificaram residências que destinaram esgoto ao córrego .....	76
Gráfico 14: Moradores que presenciaram e denunciaram o descarte de resíduos nas proximidades do córrego .....	77
Gráfico 15: Razões pelas quais não denunciou a deposição de resíduos nas proximidades do Córrego .....	77
Gráfico 16: Razões pelas quais denunciou o descarte de resíduos nas proximidades do córrego .....	78
Gráfico 17: Famílias que já utilizaram das águas do córrego.....	79
Gráfico 18: Finalidade do uso da água do córrego .....	79
Gráfico 19: Principais problemas enfrentados pelos moradores nas redondezas.....	81
Gráfico 20: Os principais problemas com relação ao córrego.....	82
Gráfico 21: Percentual de preocupação com a qualidade do ambiente do córrego.....	82
Gráfico 22: Ações feitas pelos moradores para conservação do córrego .....	83

Gráfico 23: Nível de preferência dos moradores para com o córrego.....	83
Gráfico 24: Razões pelas quais prefere a canalização .....	85
Gráfico 25: Razão de ser contra a canalização .....	85
Gráfico 26: Elementos do passado que mais agradavam no córrego .....	87
Gráfico 27: Percentual de pessoas que tiveram suas casas tomadas por enchentes .....	88
Gráfico 28: Intervenções do poder público para sanar danos causados por enchentes .....	89
Gráfico 29: Nível de satisfação em morar próximo ao Córrego Canivete .....	89
Gráfico 30: Razões de não gostar de morar próximo ao Córrego Canivete .....	89
Gráfico 31: Razões pelas quais gostam de morar próximo ao Canivete .....	90
Gráfico 32: Nível de satisfação com a canalização no córrego.....	91
Gráfico 33: Relação de ações que tornaria a região mais agradável .....	92
Gráfico 34: Nível de satisfação com o córrego no momento em que foi morar na região.....	93
Gráfico 35: Possibilidade de recuperação do córrego em oposição à canalização.....	94
Gráfico 36: Benefícios da canalização segundo os entrevistados .....	97
Gráfico 37: Proporção dos resíduos destinados nas proximidades do córrego após o início das obras de canalização .....	98
Gráfico 38: Os malefícios da canalização .....	98
Gráfico 39: Possibilidade da volta de animais silvestres após a canalização.....	99
Gráfico 40: Percentual de participação das discussões para o projeto de canalização.....	101
Gráfico 41: Sabe ou não de propostas diferentes de canalizar o Canivete .....	101
Gráfico 42: Parecer a respeito de ter ou não a necessidade de mais reuniões para discutir sobre canalizar ou não o córrego.....	102
Gráfico 43: Percentual daqueles que acreditam ou não na finalização da obra de canalização no ano de 2018.....	103

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Lixo despejado em terreno não edificado em Rondonópolis-MT .....	50
Foto 2 – Esgoto despejado no Córrego Canivete em Rondonópolis-MT.....	52

.

## SÚMARIO

LISTA DE FIGURAS .....	vii
LISTA DE QUADROS .....	viii
LISTA DE GRÁFICOS .....	ix
LISTA DE FOTOS .....	xi
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>17</b>
1.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....	17
1.2 O MÉTODO .....	19
1.3 ETAPAS DA PESQUISA .....	19
1.4 DADOS PRIMÁRIOS .....	20
1.5 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS PESQUISADOS .....	20
1.6 DEFINIÇÃO DO PLANO AMOSTRAL PARA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM OS MORADORES .....	20
1.7 ENTREVISTAS PARA FORMULAÇÃO DO MAPA MENTAL DOS MORADORES SOBRE O CÓRREGO CANIVETE .....	26
1.8 ENTREVISTAS COM PESSOAS DA COMISSÃO DE REPRESENTANTES EM PROL DA CANALIZAÇÃO .....	27
1.9 A UTILIZAÇÃO DO SIG .....	27
1.10 ANÁLISE DOS DADOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS .....	27
<b>2 ABORDAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL .....</b>	<b>28</b>
2.1 SOBRE A CIDADE E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO .....	28
2.2 A TRÍADE – ESPAÇO VIVIDO, PERCEBIDO E CONCEBIDO COMO FORMA DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO .....	31
2.3 A RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE – UM PROCESSO “EVOLUTIVO” .....	38

2.4 OS AGENTES DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO E A SUA VALORIZAÇÃO .....	43
2.5 O CRESCIMENTO DAS CIDADES EM DIREÇÃO AOS CURSOS D'ÁGUA.....	47
2.6 O ESPAÇO URBANO E A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL .....	52
<b>3 ESPAÇO CIRCUNDANTE AO CÓRREGO CANIVETE: DINÂMICA DAS TRANSFORMAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS .....</b>	<b>56</b>
3.1 A CARACTERIZAÇÃO DOS MORADORES ENTREVISTADOS .....	56
3.2 ALGUNS ASPECTOS DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NA MICROBACIA DO CÓRREGO CANIVETE .....	58
3.3 O AMBIENTE PRETÉRITO E OS ATRATIVOS PARA O LUGAR .....	63
3.4 A POPULAÇÃO RIBEIRINHA E AS TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO E ESPAÇO .....	67
3.5 OS PROBLEMAS DO PASSADO/PRESENTE E A SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO COM A CANALIZAÇÃO .....	80
3.6 A CANALIZAÇÃO E IMPACTOS NA VISÃO DOS MORADORES .....	96
3.7 PARECER DOS MORADORES ACERCA DA CANALIZAÇÃO DO CÓRREGO ...	100
3.8 AS PARALIZAÇÕES DA CANALIZAÇÃO E A COMISSÃO PRÓ CANALIZAÇÃO .....	103
3.9 A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO: CONSTRUINDO UMA ANÁLISE DO ESPAÇO VIVIDO, DO ESPAÇO PERCEBIDO E DO ESPAÇO CONCEBIDO NA MICROBACIA DO CÓRREGO CANIVETE .....	105
<b>4 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>133</b>
REFERÊNCIAS .....	135
ANEXOS .....	140
APÊNDICES .....	144

## INTRODUÇÃO

Grande parte das cidades surgiram próximas de rios ou córregos que eram a base fornecedora de irrigação para a plantação, como meio de transporte, como fonte de alimentação e abastecimento de água para dessedentação humana e das atividades terciárias e secundárias.

Essa afirmação é pertinente uma vez que percebemos o avanço das cidades em seu crescimento na direção de córregos e de forma invasiva produzindo em um espaço curto de tempo problemas ambientais e sociais. Esse problema é verificado na escala global e, no Brasil, não é diferente porque atinge todas as regiões brasileiras.

No Mato Grosso esse quadro existe desde os primórdios da colonização na época das bandeiras, principalmente pelos cursos d'água se constituírem em uma via de comunicação e de orientação no passado. Com o tempo o processo se intensificou ocasionado pela urbanização no estado, notadamente na segunda metade do século XX, quando o espaço urbano “absorveu” a rede hidrográfica, fato perceptível na maioria das cidades mato-grossenses, nas quais Rondonópolis se enquadra.

Conforme afirma Carvalho (2015), a partir de 1970, Rondonópolis apresentou um fenômeno de expansão agrícola e isso proporcionou o crescimento urbano e, principalmente, o surgimento de assentamentos partindo da iniciativa privada e pública que atendiam aos migrantes, sobretudo do campo para cidade, onde estes loteamentos eram distantes do centro urbano da cidade e sem infraestrutura.

Rondonópolis continua em processo de expansão e seu crescimento tem produzido particularidades na produção do espaço, dessa forma, o estudo permitiu verificar os problemas antes e após a canalização do Córrego Canivete que estão relacionados com o dinamismo urbano.

O processo de ocupação na bacia do córrego ocorreu sem infraestrutura básica para suportar a habitação em diferentes momentos da história de Rondonópolis produzindo diversas relações do homem com o lugar “Canivete”.

Conforme Trugillo (2009) para uma sociedade se desenvolver de forma sustentável precisa haver minimamente uma conscientização ambiental que caminhe de maneira conjunta

com o desenvolvimento econômico e social, visando a preservação da natureza na busca constante pelo equilíbrio ambiental.

O tema chama atenção devido ao crescimento populacional da cidade e à produção do espaço, sobretudo, nas áreas de risco como áreas de preservação permanente, uma vez que, o homem tem como característica a transformação da natureza de acordo com suas necessidades durante a construção da sua história.

Pesquisar tal assunto é importante para compreender a relação que existe do morador adjacente aos rios para com os mesmos e assim tornar possível fazer um levantamento sobre como o homem percebe os cursos d'águas no meio urbano, bem como, se as transformações ocorridas no seu entorno podem ou não contribuir para uma valorização do espaço vivido.

O estudo tem relevância uma vez que a abordagem assumida pela pesquisa na bacia é inédita e proporciona a condição de analisar como os moradores adjacentes ao córrego percebem o ambiente. Reveste-se ainda de importância, pois trata também da relação do homem urbano com o espaço circundante aos cursos d'água.

A presente pesquisa assume uma responsabilidade social tendo em vista que trata de uma questão fundamental para o homem, que são os cursos d'água, principalmente no meio urbano, assunto que vem chamando atenção da sociedade e do mundo acadêmico, pelos processos desencadeados com elevados custos sociais, financeiros e danos ambientais.

A dissertação tem por objetivo geral compreender a produção do espaço na Microbacia do Córrego Canivete a partir de melhorias no canal fluvial e a percepção dos moradores acerca das transformações no ambiente e os impactos sobre o valor da terra, e como objetivos específicos, expor a evolução da ocupação do solo na APP e nas proximidades do Córrego Canivete, descrever o comportamento da população na relação direta com o Córrego Canivete, e abordar sobre a canalização e seus impactos sociais.

Essa pesquisa visa responder a seguinte indagação: a produção do espaço urbano na Microbacia do Córrego Canivete modificou a relação do homem com o meio e desenvolveu neste a percepção da valorização do espaço?



A dissertação foi então subdividida em duas partes. A primeira parte consiste em trabalhar teoricamente a concepção de Lefebvre sobre o espaço vivido, percebido e concebido na relação do homem com o ambiente e a dinâmica do espaço urbano.

A segunda parte consiste em tratar a percepção dos moradores adjacentes ao córrego a respeito da expansão do espaço urbano na bacia do Canivete e as relações estabelecidas nas diversas temporalidades.

Analisar as condições que levaram o córrego Canivete a ser canalizado e como os moradores residentes nas bordas do córrego o percebem ambientalmente, permite assim minimamente entender como a sociedade interage com o curso d'água e com o espaço circundante a este.

# 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos são os mecanismos utilizados para dar cabo à pesquisa, a começar pela delimitação do espaço onde se fará a análise.

## 1.1 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Segundo Sette (1997) Rondonópolis está localizada entre as coordenadas 16°15'57'' a 17°18'00'' de latitude sul e 53° 52' 00'' a 55° 01' 45'' longitude oeste na região tropical. O município possuía segundo o IBGE, no último Censo realizado em 2010, uma população de 195.476 pessoas e sua estimativa em 2017 estava em 222.316 habitantes. Ainda de acordo com o IBGE o município contava em 2016 com 4.686,622km<sup>2</sup> de área territorial.

A figura 1, apresenta a localização da área de estudo do Córrego Canivete, contribuinte do Ribeirão Arareau em Rondonópolis, Mato Grosso:

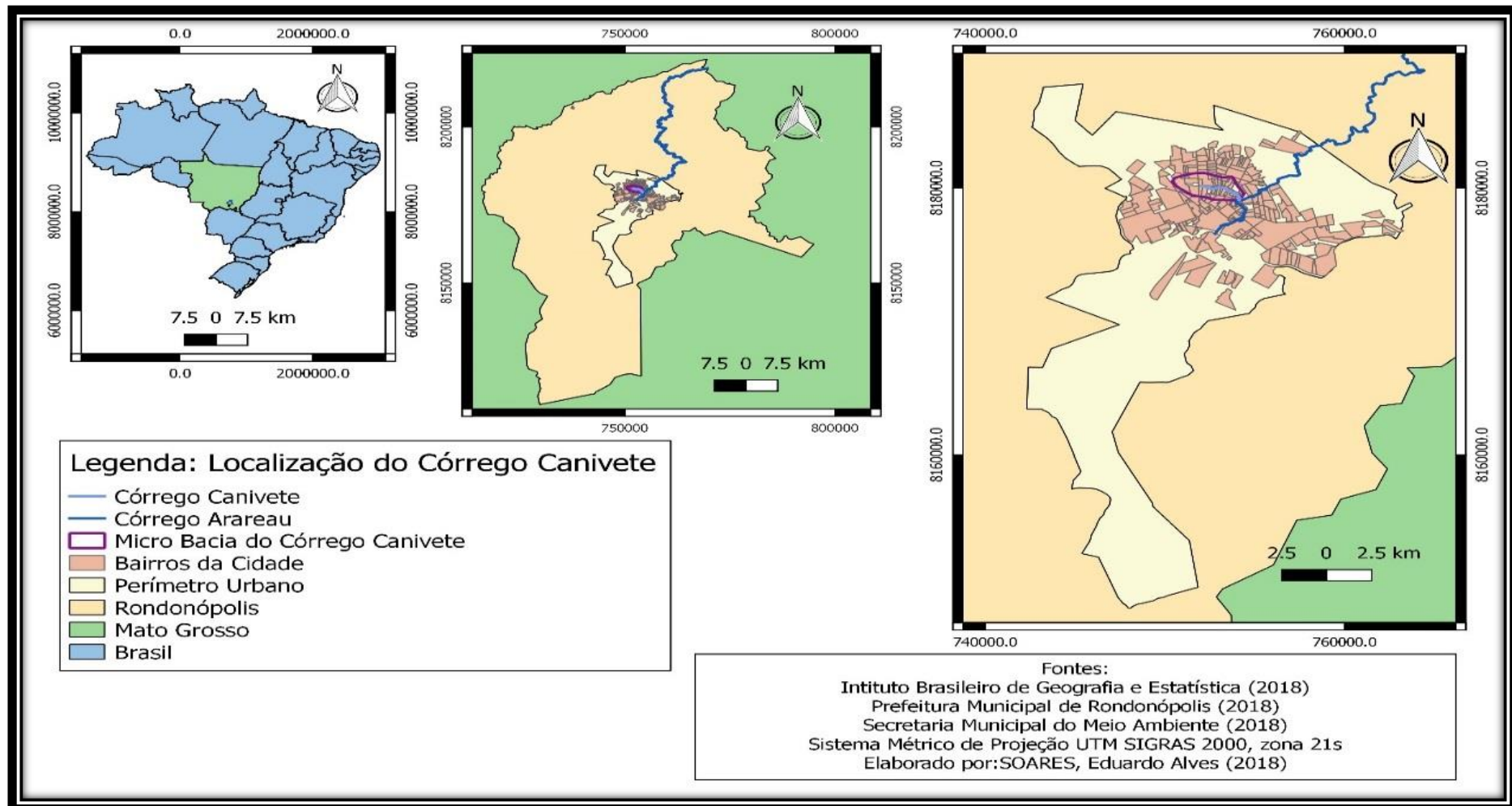


Figura 1 – Localização do Córrego Canivete em Rondonópolis-MT

Fonte: Secretaria Municipal do Meio Ambiente (2018)

A bacia hidrográfica do Córrego Canivete tem em seu entorno alguns dos bairros mais populosos da cidade, o Bairro de Vila Operária. O córrego também é cortado por importantes avenidas da cidade como: Avenida Bandeirantes; Avenida João Ponce de Arruda; Avenida José Barriga; Avenida Goiana e Avenida Barão do Rio Branco.

## **1.2 O MÉTODO**

A produção metodológica da pesquisa está pautada na premissa que nas ciências sociais se trabalha diversos métodos e, que abre assim, diferentes ópticas de análises do objeto de estudo. Nesse sentido Marconi e Lakatos (1999, p.41):

Método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Assim o método é uma ferramenta fundamental que direciona o pesquisador nas diversas etapas da pesquisa científica possibilitando-o que não se perca, “abrindo os olhos” para possíveis equívocos.

Para esta pesquisa procura-se utilizar a dialética a mesma que Henri Lefebvre adotou, uma vez que, leva o homem a superar fatos, separando as ideias e posterior a isso, discuti-las, explicando sua realidade vivida. Essa possibilidade traz então uma conexão para com o procedimento utilizado na pesquisa que é a tríade de Henri Lefebvre baseada no espaço concebido, espaço percebido e o espaço vivido, uma vez que o sujeito levantará seu posicionamento sobre o objeto de estudo, através de suas experiências vivenciadas, descrevendo-a por meio da sua percepção, e perspectivas para o futuro com relação ao objeto estudado.

## **1.3 ETAPAS DA PESQUISA**

Com base no referencial teórico considerado fundamental norteador da pesquisa realizada na Microbacia do Córrego Canivete em Rondonópolis, selecionaram-se as variáveis necessárias para a coleta dos dados.

O estudo sobre os problemas socioambientais, culminando na canalização do Córrego Canivete foi estruturado seguindo o característico ritual de uma pesquisa científica, começando

pelo levantamento bibliográfico que envolve monografias, dissertações e teses, livros, artigos entre outros trabalhos.

#### **1.4 DADOS PRIMÁRIOS**

Os dados primários foram levantados a partir de pesquisa direta com a população e com o Secretário do Meio Ambiente de Rondonópolis. Em sua quase totalidade foram utilizados instrumentos de coletas constituídos por questionários e entrevistas.

A escolha das entrevistas semiestruturadas se fez necessário para que o entrevistado respondesse um conjunto de perguntas (roteiro) sobre o tema pesquisado, mas também possibilitou que falasse livremente sobre assuntos que pudessem surgir como o desdobramento do tema principal.

O aspecto tratado compreendeu as percepções, atitudes e valores informados pelos seus moradores, construídos por experiências de vida pois, eles contribuíram para as transformações no espaço urbano e também sofreram os efeitos destas no tempo e espaço.

#### **1.5 CARACTERIZAÇÃO DOS MORADORES PESQUISADOS**

Na aplicação dos questionários buscou-se traçar um perfil descrito por sexo, idade, escolaridade, tipo e tempo de residência. Essas informações trazem para pesquisa as características dos pesquisados e, assim, contribui para verificação do perfil atual dos moradores das proximidades do córrego.

O questionário foi estruturado para estabelecer o perfil dos moradores constando de elementos de identificação como a idade, escolaridade, condição da residência, tempo de residência e a percepção do espaço local no passado.

#### **1.6 DEFINIÇÃO DO PLANO AMOSTRAL PARA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM OS MORADORES**

Para determinar um plano amostral foi necessária a delimitação da área onde foram aplicados os questionários, o porquê da escolha dessa área e dos limites estabelecidos. Primeiramente usou-se o conceito de população utilizado em Estatística uma vez que é incerto o número de habitantes que vivem na área delimitada.

Gatti e Feres (1975, p.14) explicam o conceito de população em Estatística:

Este conceito estatístico de população corresponde a uma generalização do conceito comum de população que se refere a um conjunto de indivíduos. Em Estatística quando falamos em população estamos nos referindo a um conjunto de seres ou um conjunto de observações.

Como a distribuição dos moradores ao longo do curso d'água não apresenta homogeneidade e em virtude da necessidade de um critério subjetivo da escolha dos moradores para as visitas, o procedimento adotado para constituir um plano amostral, consistiu no estabelecimento de uma regra: a partir do curso atual do Córrego Canivete se estabeleceu um limite de 100 metros no seu entorno (100 metros à direita e 100 metros à esquerda) onde foram identificadas 453 imóveis, sendo destes (46,35%), 210 imóveis visitados para aplicação das entrevistas quanti-qualitativas, e buscando assim entrevistar 210 pessoas.

Gerardi e Silva (1981) explicam que o critério utilizado para determinar o número de indivíduos a serem pesquisados tem sido uma discussão para os geógrafos e, quanto maior for o número de indivíduos na população, proporcionalmente menor o número de indivíduos selecionados.

Para tanto utilizamos uma tabela base apresentada por Gerardi e Silva (1981, p.20) que mostra como deve ser o tamanho da amostra a partir do tamanho da população. O quadro 1, encontra-se a base utilizada para aplicação das entrevistas:

N	A	N	A	N	A
10	10	220	140	1200	291
15	14	230	144	1300	297
20	19	240	148	1400	302
25	24	250	152	1500	306
30	28	260	155	1600	310
35	32	270	189	1700	313
40	36	280	162	1800	317
45	40	290	165	1900	320
50	44	300	169	2000	322
55	48	320	175	2200	327
60	52	340	181	2400	331
65	56	360	186	2600	335
70	59	380	191	2800	338
75	63	400	196	3000	341
80	66	420	201	3500	346
85	70	440	205	4000	351
90	73	460	210	4500	354
95	76	480	214	5000	357
100	80	500	217	6000	361
110	86	550	226	7000	364
120	92	600	234	8000	367
130	97	650	242	9000	368
140	103	700	248	10000	370
150	108	750	254	15000	375
160	113	800	260	20000	377
170	118	850	265	30000	379
180	123	900	269	40000	380
190	127	950	274	50000	381
200	132	1000	278	75000	382
210	136	1100	285	1000000	384

Observação: N é o tamanho da população; A é o tamanho da amostra.  
Apud. Krejcie e Morgan (1970, p.608).

**Quadro 1: Determinação do tamanho da amostra a partir do tamanho da população**

Fonte: Gerardi e Silva (1981, p.20)

Organizador: SOARES, E. A. (2018)

A partir dessa base de dados metodológicos referenciais, utilizou-se o software QGIS para: delimitação da área para a aplicação das entrevistas (criação do buffer com 100 metros), em seguida realizou-se a contagem dos imóveis existentes na área entrevistada (criação dos pontos que marcam a quantidade de imóveis no limite de amostragem estabelecido), bem como os imóveis que foram entrevistados.

A figura 2, representa o limite do plano amostral de 100 metros e os respectivos imóveis aptos a participar da seleção e, posteriormente a esta etapa, foram estabelecidos os imóveis para a serem visitados conforme na figura 3:



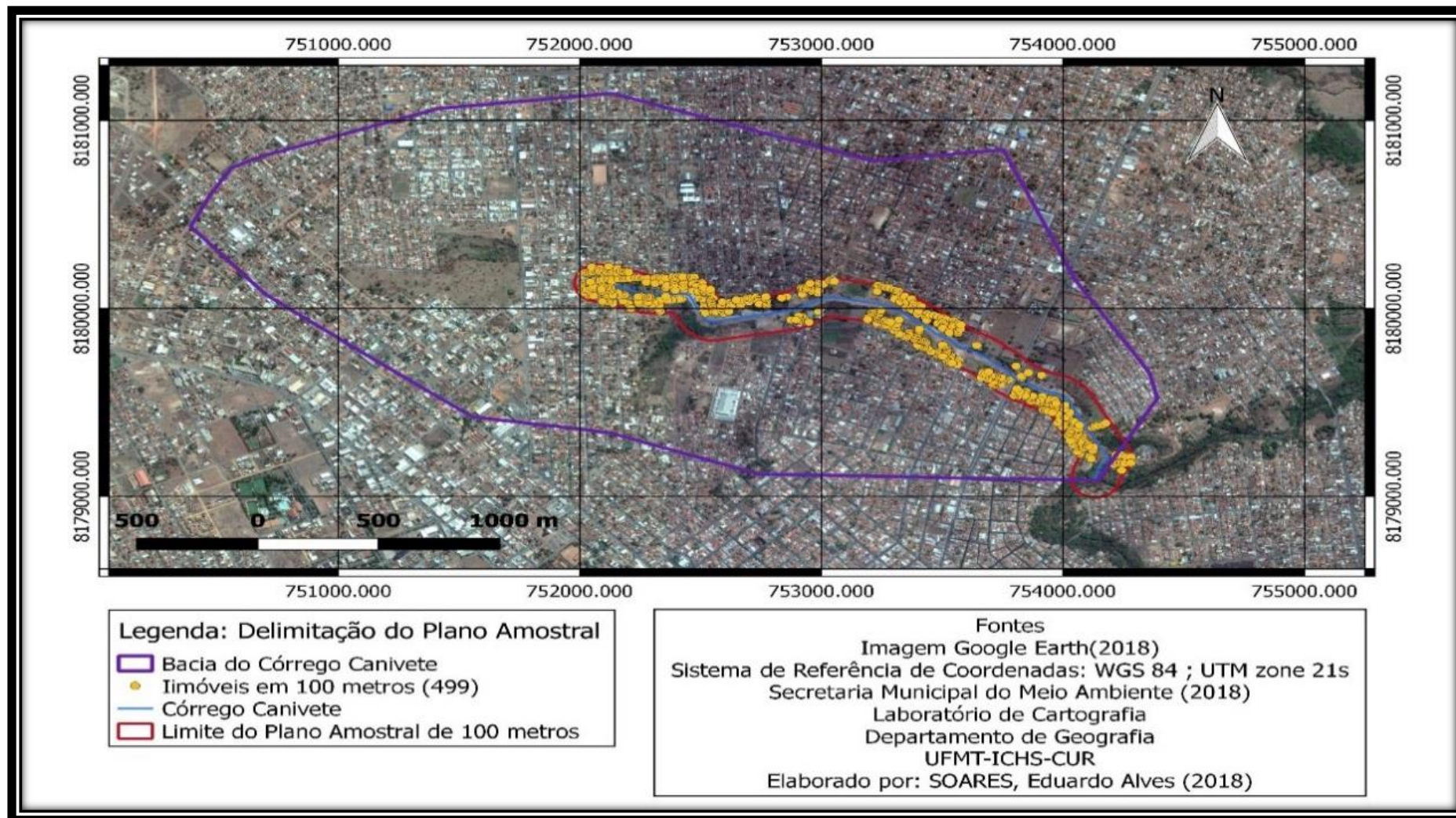


Figura 2 – Escolha do plano amostral: delimitação e número de imóveis.

Organizador: SOARES, E. A (2018)



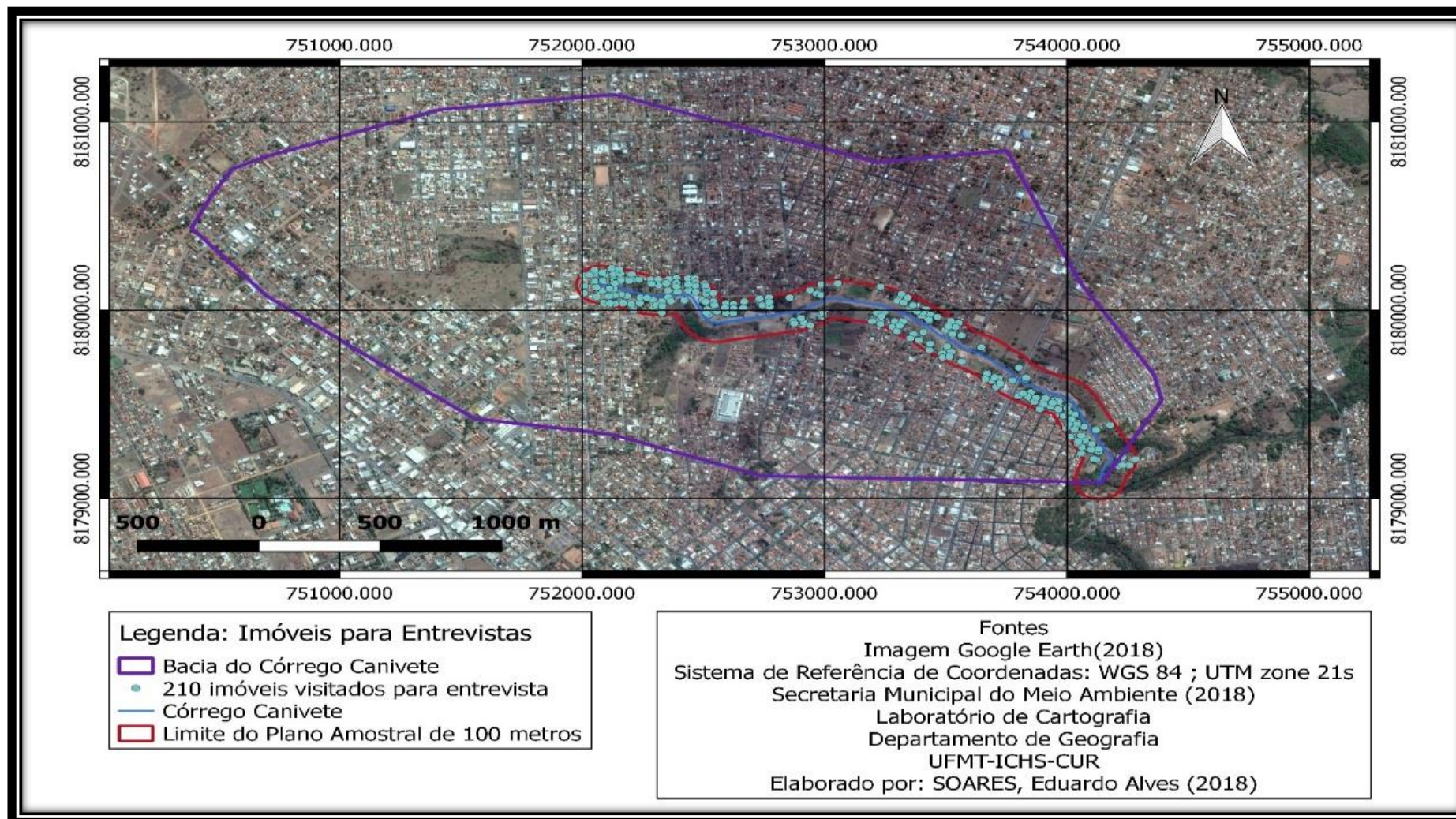


Figura 3– Imóveis que foram aplicados as entrevistas.

Organizador: SOARES, E. A (2018)

Estabeleceu-se assim um plano amostral com 100 metros ao redor do Córrego, entendida como zona de maior impacto aos fenômenos ocorrentes na Microbacia Hidrográfica e na Área de Preservação permanente sobretudo, nos períodos de chuva, onde ocorrem as enchentes. Os moradores desse perímetro tornam-se assim sujeitos com potencial maior para descrever suas vivências no referido espaço.

Juntamente com a demarcação das residências que foram visitadas adotou-se também o método de amostragem intencional, pois buscou-se eleger intencionalmente moradores ou proprietários de comércios que tivessem seus imóveis de esquina ou sobre esquina ou, ainda que estivessem com seus imóveis localizados em cruzamentos. Caso no imóvel não se encontrasse ninguém para responder, a visita seria realizada no imóvel da direita e, persistindo, a visita ocorreria no imóvel da esquerda fazendo alternância caso fosse necessário.

Martins (2010, p.196) diz que:

De acordo com determinado critério, é escolhido intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra. O investigador dirige-se, intencionalmente, a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião. Por exemplo, em uma pesquisa sobre preferência por determinado cosmético, o pesquisador dirige-se a um grande salão de beleza e entrevista as pessoas que ali se encontram.

Para Martins a amostragem intencional é devido ao objetivo que aquele tipo de estabelecimento pode lhe fornecer devido a interação mais significativa com o objeto estudado.

Como no caso desse estudo o que faz dessa técnica de amostragem ser pertinente à pesquisa, é que ao escolher imóveis que estejam nas esquinas ou em cruzamentos subentende-se que estes moradores tem uma interação maior com os fenômenos que estão sujeitos a ocorrerem no córrego.

## **1.7 ENTREVISTAS PARA FORMULAÇÃO DO MAPA MENTAL DOS MORADORES SOBRE O CÓRREGO CANIVETE**

Nas entrevistas para formulação do mapa mental referente ao Córrego Canivete, adotamos como princípio, identificar (com ida a campo) quais eram os moradores com maior tempo de moradia nas proximidades do córrego e que tinham disponibilidade para relatar como eram as redondezas do Córrego Canivete.

Posteriormente foram feitas perguntas sobre o local e que por meio das respostas foi possível descrever como era aquele espaço. Os diversos dados foram confrontados com outros

entrevistados para que pudéssemos confirmar alguns relatos descritivos. Dessa forma foi construído um croqui manual que busca ilustrar a memória de 6 pioneiros residentes nas proximidades do Córrego Canivete.

A escolha dos moradores mais antigos foi motivada pela necessidade da caracterização mental – descritiva do lugar no passado em termos de ocupação territorial lembrando o que existia no momento de sua chegada e como era a vida naquele momento temporal.

### **1.8 ENTREVISTAS COM PESSOAS DA COMISSÃO DE REPRESENTANTES EM PROL DA CANALIZAÇÃO**

As entrevistas foram semiestruturadas e aplicadas para a presidente da Comissão Pró-Canalização na atualidade com um membro representante do poder legislativo municipal. Foi feita uma visita a campo em diversos pontos do Córrego Canivete o que possibilitou apontamentos e levantamentos a respeito da situação atual e do passado recente do córrego. A entrevista visou caracterizar este movimento e sua representatividade para com os moradores da bacia do córrego.

### **1.9 A UTILIZAÇÃO DO SIG**

Foram utilizados como instrumentos para a caracterização do objeto de estudo e espacialização de fenômenos e transformações o Google Earth Pro e o QGIS 2.18, o que possibilitou melhor caracterizar o levantamento de dados e a produção de mapas temáticos a partir do Sistema de Informação Geográfico (SIG) como: a delimitação da bacia; a delimitação da APP; mapa com os bairros que estão na bacia do Córrego Canivete; evolução temporal da ocupação do espaço em intervalos de 10 anos a partir de 1984, sendo o último intervalo de apenas 3 anos (2014/2017) via Google Earth Pro; delimitação do plano amostral das entrevistas e quantificação de imóveis no perímetro amostral entre outros.

## **1.10 ANÁLISE DOS DADOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS**

A partir dos dados obtidos com os moradores foi possível compreender como eles percebem os incrementos na produção do espaço urbano que transformaram a Microbacia do Córrego e o próprio curso d'água. Para tanto após a tabulação dos dados estes foram agrupados e dispostos em quadros, tabelas, gráficos para melhor observação possibilitando dessa forma comparar os dados quantitativos. O emprego de técnicas cartográficas permitiu espacializar as informações de natureza quantitativa e qualitativa de tal modo, que a categoria geográfica espaço fosse identificada na tríade estabelecida por Lefebvre.

## **2 ABORDAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL**

O estudo científico demanda observar o leque de interpretações, conceitos e teorias elaboradas pela comunidade científica em suas diversas áreas. Esses elementos associados aos procedimentos adotados permitem compreender como os diversos fenômenos se manifestam. Como a pesquisa em tela aborda aspectos relativos ao ambiente natural de uma parcela do espaço urbano, compreender o processo de produção do espaço e da relação do homem com o mesmo é de fundamental importância.

### **2.1 SOBRE A CIDADE E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO**

A cidade certamente é onde a dinâmica social está bem evidenciada, uma vez que, a concentração de pessoas e suas interações com objetivos distintos levam, assim, a uma produção espacial cada vez mais direcionada para interesses de grupos capitaneados em detrimento da maioria que carece de melhor infraestrutura.

Sobre a cidade Lefebvre, (1991, p.52) diz que:

Ela se situa num meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima (relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles) e a ordem distante, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma "cultura" e por conjuntos significantes. A ordem distante se institui neste nível "superior", isto é, neste nível dotado de poderes. Ela se impõe.

Essa visão apresentada por Lefebvre sobre como a cidade se constitui por meio da “ordem próxima”, os indivíduos e suas relações e, uma “ordem superior”, onde a Igreja e o Estado se constituem em poderosas instituições que ditam as regras e normas determinando assim os rumos da sociedade. Nessa perspectiva acrescenta-se os detentores dos meios de produção que se juntam com essas instituições a pré-determinar a vida dos indivíduos em sociedade, conforme observaremos na parte empírica dessa pesquisa.

Assim Lefebvre, (1905, p.144) explica que:

A cidade contém a população exigida pelo aparelho produtivo e “o exército de reserva” que a burguesia reclama para pesar sobre os salários tanto como para dispor de uma “rotatividade” de mão-de-obra. Mercado das mercadorias e do dinheiro (dos capitais), a cidade torna-se também o mercado do trabalho (da mão-de-obra).

Além desse elemento capitalista apontado por Lefebvre, deve-se então considerar que a produção da cidade está nas relações dos indivíduos e nas normas e regras que a “ordem superior” dita, esses impulsionam cada vez mais a geração de novas relações e ações no espaço, ações que são compostas pela singularidade de cada pessoa, produzindo diferentes impactações na produção do espaço urbano.

Isso provoca o entendimento a respeito do que aponta Corrêa (1989) que explica quem são os agentes espaciais que produzem e/ou reproduzem o espaço urbano, (os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; os grupos sociais excluídos), sendo essas produções e reproduções do espaço urbano motivadas em prol da coletividade ou da individualidade.

Pensando a produção da cidade como ação ou reação humana em consonância com suas ânsias, desejos e necessidades, não se pode, pensá-la, apenas materialmente (ruas, casas, prédios, carros etc...), mais também socialmente (conversas, festas, encontros, reuniões, celebrações etc...), uma vez que elas se constituem por meio do homem.

Para Carlos, (2007, p.20 e 21):

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática socioespacial. A materialização do processo é dada pela concretização

das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. O homem se apropria do mundo através da apropriação de um espaço-tempo determinado, que é aquele da sua reprodução na sociedade.

Então, considerando a “ordem próxima” e a “ordem superior” que Lefebvre (1991) aponta, e com os produtores do espaço urbano que Corrêa (1989) indica, e ainda fundamentado por Carlos (2007) onde, a cidade se encontra em um plano da materialização e que ela se desenvolve através da prática socioespacial, então, pode-se considerar que estes são três elementos fundamentais que constituem a produção e reprodução do espaço da cidade.

A partir desses elementos de formação das cidades, temos o que Corrêa apresenta como “processos e formas espaciais” e tais elementos devem contribuir para entendermos que os processos (sociais) constituem a (materialização) das cidades.

Côrrea (1989), coloca que a produção social e o acúmulo do capital proporcionam nas cidades os processos de produção e reprodução do espaço criando funções para cada elemento produzido e, simultaneamente, formas espaciais que materializam essas atividades e geram, por fim, uma nova organização espacial urbana.

Uma forma de ilustrar esse fenômeno é a demanda por habitação nas cidades que por meio de atividades advindas da produção social, resultam na realização de um residencial onde a sua função de habitação proporciona uma nova organização social urbana em um espaço que tinha uma forma e função diferente.

Carlos (2007) diz que a ideia de cidade é resultado de uma construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza. Então pode-se entender que a cidade é uma materialização de construções humanas ocorridas em diferentes temporalidades, fruto do trabalho que tem como característica a relação social com a natureza.

Santos (2007) trata o espaço como o maior conjunto de objetos existentes, e a partir disso, os fixos e fluxos são elementos constituintes do espaço. Nos fixos enquadram-se a estrutura da cidade, ruas, calçadas, edifícios, casas, indústrias, ou seja, os elementos que são possíveis de encontrar no espaço, por outro lado, os fluxos, tanto materiais quanto imateriais, possibilitam a condição de conectar o social aos fixos como a energia, os transportes, as

informações, as comunicações, estes estão, portanto indiscutivelmente associados na produção do espaço, sobretudo nas cidades.

Dessa forma deve-se considerar ainda o que Lacoste (1985, p. 189) coloca:

A grande cidade é o espaço social cuja organização é particularmente determinada pelos comportamentos das minorias privilegiadas. É na cidade que as necessidades novas se formam mais rapidamente, mas também é lá que se concentram os efetivos populacionais que se encontram não mais em situação de subemprego disfarçado, mas de desemprego caracterizado.

A cidade, assim, é um espaço onde as relações sociais a produz por meio do trabalho e também direciona posturas sociais que privilegiam uma minoria e, condicionam diversos indivíduos em níveis econômicos distintos a produzirem a cidade de forma que favoreça cada vez mais suas necessidades e desejos.

De forma geral, a cidade e a sua produção espacial são frutos de relações sociais materializadas devido as ações dos agentes que produzem e reproduzem o espaço urbano, espaço esse caracterizado por formas e funções, possuidor de fixos e fluxos, considerando ainda que o comportamento da “ordem próxima” tem força e ação de produzir o espaço tanto quanto a “ordem superior”.

## **2.2 A TRÍADE – ESPAÇO VIVIDO, PERCEBIDO E CONCEBIDO COMO FORMA DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO**

A sociedade contemporânea capitalista encontra-se em uma condição dupla de produzir (talvez de forma exagerada e desesperada), e também de usufruir a sua produção nos diferentes espaços em que esta é elaborada.

Lefebvre (2006, p. 105) diz que:

A Idéia (absoluta) produz o mundo; depois do que, a natureza produz o ser humano o qual, por sua vez, produz, por suas lutas e seu trabalho, às vezes a história, o conhecimento e a consciência de si, portanto, o Espírito que reproduz a Idéia inicial e final.

Essa espiritualidade que Lefebvre aponta, está explícita na vida do homem de tal forma que as ideias (o conceber) são instantâneas nos diversos sujeitos, precisando apenas de estímulos do cotidiano que os impulsionem para mover – trabalhar, criar, produzir, transformar o espaço em espaço de uso e de valor, sobretudo na contemporaneidade do capitalismo.



Carlos (2007) explica que essa produção cotidiana se dá a partir das relações capitalistas que produzem nas famílias a necessidade de consumir cada vez mais, e tal comportamento se propaga socialmente o que contribui para o sustento do sistema capitalista, além de gerar danos comportamentais nos indivíduos e problemas ambientais com o aumento do descarte de resíduos.

Olhar para o espaço em seu entorno e observar os objetos que existem buscando compreender que o passado é fundamental para o entendimento do presente será, então possível, conceber realidades ou possibilidades no futuro. É a partir do cotidiano, momento presente e suas práticas diárias, que de fato cria-se uma ponte com o futuro, com o concebido.

Segundo Lefebvre (1991, p. 31):

O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É, portanto, aquilo que não tem data.

Lefebvre continua dizendo que o homem é de fato um ser cotidiano, ou do cotidiano, isso significa que a atuação humana no espaço se dá diariamente, tal atuação é reflexo da realidade em que está inserido(a), portanto vivenciada e diretamente ligada ao espaço percebido.

Segundo Silva e Silva (2014, p 170):

É importante destacar que a vida cotidiana deve ser objeto de uma crítica e não simplesmente propõe-se entendê-la como um objeto por si. Ressalta-se, ainda, que essa vida cotidiana programa a sociedade de consumo na qual estamos inseridos, e, nessa condição, ela constitui um meio para o entendimento da própria produção do espaço.

Percebe-se que a atuação diária, automática ou não produz o espaço e suas dinâmicas ditando ritmos individuais e coletivos. Mesmo que a repetição pareça existir de forma a não transparecer que ocorra nada de diferente, é a partir dessa vida cotidiana que se produzem pensamentos, comportamentos, ações diferenciadas que provocaram resultados diferentes no espaço, e sobretudo novos pensamentos, comportamentos e ações em diferentes sujeitos que convivem ou que observam estas particularidades, fugindo dessa maneira das regras impostas pelas poderosas instituições que regem parte da vida dos indivíduos.

Para Lefebvre (1991, p. 24):

Em sua trivialidade, o cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças de dispositivos, rotação, vaivéns), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade etc.

Para Silva e Silva (2014) a partir da vida cotidiana se pode pensar na produção do espaço. É no cotidiano que o lugar se constitui e modifica e por sua vez o espaço se dinamiza e se produz e reproduz. Portanto, a vida cotidiana é uma forma de renovação da própria vida a partir das ações diárias socializantes.

Nesse sentido Lefebvre (2006), explica que o espaço não é concebido como sendo passivo como os “produtos”, ou seja, o espaço não é apenas um receptor da ação e dinâmica humana, ele também intervém nas dinâmicas que o homem terá nele futuramente, como a organização do trabalho produtivo, tipos de transportes, fluxos de matérias-primas e de energias e repartição de produtos.

Lefebvre explica que essas condições que o espaço condiciona também, torna-se mutável até certo ponto em que a técnica humana vá evoluindo e proporcionando novas possibilidades de conceber o espaço além do que atualmente seja possível.

Sanchez (1991, apud Bernardes 2007, p. 241) assim explica:

[...] as transformações sociais devem encontrar correspondência na adequação espacial, sem a qual não é viável a manutenção da estrutura social, o que justifica a consideração do espaço como uma variável significativa no estudo das relações sociais. Portanto, a tecnologia explica o espaço e este explica a sociedade, já que cada formação social é ao mesmo tempo formação espacial, onde o sistema de produção e reprodução social, a organização e a oposição de classes sociais estão materialmente impressa.

Portanto, a técnica e a tecnologia assumem papel fundamental e cada avanço técnico correspondente a uma dada adaptação espacial e ou produção de um novo espaço, ou seja, a constituição dos elementos produzidos no espaço leva a explicar a sociedade uma vez que os elementos do espaço imprimem suas faces materiais de diversos grupos sociais.

Martins (1996) diz que Lefebvre busca explicar as diferentes formas de ritmos, consequência de um desenvolvimento de práticas distintas do homem que o proporciona a produzir sua própria história ainda assim, isso não o torna senhor do que faz. Suas ações tornam-se objeto que o condiciona a novas atuações e tal objeto é dominado pelo próprio sujeito.

Martins (1996) diz que é nesse cotidiano (espaço vivido) que a construção das relações sociais, concepções, ideias e interpretações dão sentido aquilo que se produz e aquilo que precisa ser produzido (concebido). Produz, mas também reproduz, ou seja, modifica o espaço e a sociedade onde sua base de atuação se dá a partir da natureza, modificando-a, se utilizando das condições da própria natureza na busca pelos interesses sociais, de natureza técnica e econômica.

Essa ligação do cotidiano, ou espaço vivido, para com o espaço concebido, projetado para o futuro a partir das relações, necessidades e condições atuais, expressam assim uma atuação do perceber de cada sujeito ao ponto de como esteve tal espaço, estará e principalmente como esse se encontra.

Para Costa (2018, p.30):

De espaço concebido, horizontalizado, comprável, negociável, de valor de troca. Coexiste aquele espaço vivido, das experiências, dos sentimentos, do apego, da festa, do sustento, do valor de uso. Que estão todos ali percebidos, pelas muitas relações, mas insistentemente corrompidas na conservação de seu valor de troca.

O renomado francês Henri Lefebvre, filósofo marxista e sociólogo com seus estudos, desenvolveu sua forma de analisar o espaço a partir das relações humanas. Em sua teoria do espaço, Lefebvre trabalha dois conceitos centrais da geografia, espaço e cidade, onde nesse caso torna plausível realizar uma breve análise da produção temporal do espaço-cidade que são resultantes das relações sociais produtivas do trabalho em diferentes temporalidades.

Segundo Schmid, (2012, p.89):

A teoria da produção do espaço de Lefebvre parece ser altamente atraente neste contexto. Sua significância reside especialmente no fato de que ela integra sistematicamente as categorias de cidade e espaço em uma única e abrangente teoria social, permitindo a compreensão e a análise dos processos espaciais em diferentes níveis.

Assim, Lefebvre trabalha com o conceito de produção do espaço, e coloca o espaço sendo basicamente fruto de uma realidade social, ou seja, daquilo que a sociedade produz material e por meio da imaginação. Lefebvre utiliza-se também do pensamento dialético, onde ele reconhece que a vida social é repleta de contradições e o seu entendimento só é possível a partir de um esforço para compreensão dessas contradições.

Então Lefebvre elabora a tríade dialética que trabalha o ser humano e que constitui uma relação individual e/ou coletiva (social) que se origina da produção do homem no espaço e sobretudo, das relações da sociedade nesse espaço produzido e em reprodução.

A tríade dialética, o espaço percebido, concebido e vivido de Lefebvre é explicado por Schmid, (2012), da seguinte forma: o espaço percebido é a apreensão do real (é resultado das ações do indivíduo e da sociedade) por meio dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) dos elementos contidos no espaço representados materialmente, e que são suscetíveis à percepção do sujeito; o espaço concebido, é portanto o espaço imaginado, produzido mentalmente utilizando a junção dos elementos que compõem o espaço, e tal pensamento produzido mentalmente está ligado à produção do conhecimento; espaço vivido é assim a experiência vivida do sujeito no espaço, isso implica em suas ações e consequências compreendidas diariamente.

Segundo Schmid (2012), alguns elementos que destaca a Tríade de Lefebvre são o tempo, as relações sociais e o homem. O tempo está representado na materialidade das relações sociais e naturais no espaço. As relações sociais estão representadas nas culturas, educação e relações de interesses que expõem os valores e princípios que norteiam essas posturas. O homem por fim, está representado na singularidade e na forma que cada um percebe, o espaço vivido.

O cotidiano de cada indivíduo se mostra de forma diferente no espaço para cada um, e isso está relacionado com a cultura, grupo social de convívio, postura ética e moral assumida, religião ou não adotada, condição econômica, educação, onde esses elementos levam o indivíduo a perceber e conceber o espaço de forma particular. Teremos sim percepções parecidas, mas a sua constituição será minimamente atribuída aos elementos acima citados.

Lefebvre, (1968, p.19) diz que:

O cotidiano, como conjunto de atividades em aparência modestas, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos (plantas, animais, oriundos da Physis, pertencentes à Natureza), não seria apenas aquilo que escapa aos mitos da natureza, do divino e do humano.

Essa capacidade humana de criar e recriar objetos e possibilidades torna-o diferenciado e unicamente capaz de realizar tal feito no cotidiano além disso, essa condição humana ou dom está diretamente relacionado e condicionado à vida em sociedade.

Carlos (2007) explica que a soma do tempo e do espaço que se produz e reproduz encontram-se totalmente relacionados às relações sociais cotidianas, de cada sujeito (cidadão), que por meio de sua rotina, ações, gestos, modelo de uso dos diferentes lugares, dinamiza assim o espaço.

Nesse sentido, ainda na visão de Carlos (2007, p.56):

Com a quantificação do tempo, o capitalismo invade a sociedade, o que significa dizer que as condições de rígido controle do tempo, que no processo de produção definem a produtividade, se estendem à esfera da vida privada e, deste modo, a necessidade de um novo tempo de produção atinge as relações cotidianas.

Essa é uma condição provocada na sociedade capitalista decorrente do consumo ou do estímulo de consumir cada vez mais, que se propaga via mídia e via o próprio comportamento e discurso daqueles que vivenciam o mesmo cotidiano em que está inserido.

Dessa forma, é impulsionada uma demanda nova de produtividade que também está voltada às novidades, as quais o capitalismo através das indústrias, habituou o indivíduo, movimentando então as relações sociais cotidianas e dinamizando-as cada vez mais no espaço.

Como o cotidiano se apresenta no espaço vivido e através das relações sociais, os indivíduos percebem elementos no espaço, e diferentes comportamentos sociais, com maior ou menor intensidade devido o interesse e/ou desinteresse que se tem em determinados elementos e comportamentos.

Palma (2005, p.16) ao abordar sobre a percepção assim se manifesta:

Entende-se por percepção a interação do indivíduo com seu meio. Este envolvimento dá-se através dos órgãos do sentido. Para que possamos realmente PERCEBER, é necessário que tenhamos algum interesse no objeto de percepção e esse interesse é baseado nos conhecimentos, na cultura, na ética, e na postura de cada um, fazendo com que cada pessoa tenha uma percepção diferenciada para o mesmo objeto.

Muitos desses espaços vividos são em momentos espaços de passagem, ou seja, o sujeito vive por um determinado tempo naquele espaço, e tal circunstância degrada a percepção do indivíduo em comparação ao sujeito que tem uma condição de fixar-se por mais tempo e envolver-se mais na porção do espaço vivido, assim o percebe de forma diferente e talvez mais profunda.

A solidez de casas, prédios, carros, estradas, praças, todos os elementos que estão contidos no espaço e que por sua vez são constituintes desse espaço estão diretamente relacionados com a vivência humana e frutos de suas relações sociais, potencializando assim o cotidiano de cada indivíduo da sociedade moderna.

Segundo Portela (2016, p.15):

Esta formação da sociedade moderna se evidencia na constituição dos espaços construídos, sejam eles urbanos ou rurais. A produção do espaço não se separa da produção da vida, o que justifica o debate sobre o conceito de cotidiano, vista a sua grande importância por revelar a prática cotidiana como prática socioespacial.

Continuando, Portela (2016) explica que as mudanças e as ações e reações do espaço e do social são percebidas a partir do ambiente vivido, que foi produzido e está continuamente sendo reproduzido no tempo e no espaço, sobretudo na sociedade dita como moderna.

Segundo Costa (2018), é através da vida cotidiana, ou seja, no espaço vivido, que se promove a alienação social que torna os sujeitos cada vez mais passivos e infelizes. A alienação que o capitalismo engendra na sociedade a necessidade de consumir cada vez mais e tal consumo não sendo nunca suficiente. A essa repetição torna-se naturalizada e processada a tal ponto no cotidiano através das mesmas práticas que são disseminadas como as aceitáveis na contemporaneidade.

Mas ainda assim, esse espaço duplamente vivido e percebido possui elementos importantes para produção do espaço, que é o concebido, ou seja, criado, imaginado sem ter ainda existido ou produzido/reproduzido. A ideia de criar e imaginar algo é o grande motor da vida humana e faz parte das relações sociais e, principalmente, da produção e reprodução do espaço.

Lefebvre em sua obra sobre a produção do espaço diz que este é concebido e está representado de forma abstrata, através das relações entre os diversos grupos da sociedade com a própria natureza, ocupando locais, transformando-os e reorganizando o espaço e a sociedade. Assim o que é concebido está sujeito a mudanças decorrentes das relações sociais e seus interesses diversos e, portanto, aquilo que se imaginou inicialmente nem sempre se torna real.

Então tomando como exemplo o Estado, ao conceber o espaço este tem interesses que visam atender determinados grupos sociais que geralmente detém o domínio do capital delegando aos grupos dos excluído os “restos” daquela ação no espaço.

Assim o poder de conceber no espaço está muito mais estruturalmente voltado para os grupos que concentram os ganhos econômicos elevados e que tem técnicas, por outro lado, o espaço concebido por parte dos excluídos dessa economia, cabem estes produzir a partir de suas condições financeiras vigentes, e o espaço concebido por vezes se torna distante.

Desta forma, este trabalho traz a conexão do espaço vivido, percebido e concebido apresentados nos resultados, evidenciando essa análise como importante eixo para a compreensão social e espacial.

Lefebvre (2006, p.315) diz que:

A conexão entre as representações elaboradas do espaço e os espaços de representação (com seus suportes), conexão fragmentada e incerta, esse é o objeto do conhecimento, “objeto” que implica-explica um sujeito, no qual o vivido, o percebido, o concebido (o sabido) se reencontram numa prática espacial.

Portanto, o espaço percebido, concebido e vivido são três elementos que não devem ser privilegiados quando se analisa a produção do espaço, assim como o próprio Lefebvre a considerava fundamental. A primeira natureza quando analisada no tempo também passa por diferentes interpretações por parte da sociedade, assim como o espaço produzido socialmente em diferentes épocas.

### **2.3 A RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE – UM PROCESSO “EVOLUTIVO”**

O homem é um ser carregado de histórias convertidas em comportamentos que tem o objetivo de atender suas necessidades de sobrevivência além do conforto. Este mesmo homem em momentos históricos diferentes impactou o meio ambiente de diversas formas e essa variação se deu pelo seu poder intelectual de transformação da natureza e, posteriormente, da organização econômica existente nos diferentes períodos.

Mas, talvez fosse necessário impactar para evoluir o modo de vida humana, e foi a partir do domínio do fogo pelo homem que os impactos se intensificaram.

Sparemberguer e Silva, (2005, p. 82) explicam que:

Desde o surgimento do homem na Terra, existe uma modificação na natureza. Assim, o processo de degradação do meio ambiente se confunde com a origem do homem. Antigamente, acreditava-se que este seria julgado por tudo aquilo que fizesse contra a natureza. Esta era uma criação divina e deveria ser respeitada, logo, o homem não a agredia indiscriminadamente e dela retirava só o necessário para o seu sustento. Ainda assim, o homem modificou o seu ambiente a fim de adequá-lo às suas necessidades. Com isso, as agressões de grande porte começaram nas Idades Média e Moderna, especialmente na fase da Revolução Industrial.

Para Gonçalves (2006) o ser humano produz cultura e ela no decorrer da história humana produziu uma relação de controle humano sobre a natureza constituindo assim uma necessidade de dominar a natureza e seus elementos.

Para Chagas (2010, p.57):

No Cristianismo, o homem se concentra apenas em si mesmo, pois ele desliga-se da conexão com a natureza e faz de si uma essência absoluta e sobrenatural. A separação da natureza é, por conseguinte, o ideal essencial do Cristianismo: o cristão desdenha o mundo, por exemplo, pela sua fé no fim do mundo; ele nega a natureza, pois esta significa a finitude, a transitoriedade e nulidade de sua existência

Essa produção cultural em dominar a natureza é percebida na visão cristã onde o homem se desliga da natureza e ela passa a servir o homem de tal maneira que a exploração dos recursos ocorria tranquilamente.

Com o surgimento do Renascimento que procurava explicar racionalmente o que acontecia e como se davam estes acontecimentos, ampliou-se a possibilidade de entender o homem e a natureza, passando então a se valer do conhecimento científico e não tão somente do religioso.

Basicamente o homem passa então a manter relações de respeito e cuidado com o meio “intercalando” com relações deliberadas de extração de matérias e recursos naturais.

Pierre (1973) explica que o homem visa garantir uma satisfação de suas necessidades e ainda aumentar a produção em detrimento do crescimento populacional, por outro lado tem



ações defensivas que se contrapõe a anterior, pois visam a preservação contra processos destrutivos ao meio ambiente.

Mas essa relação humana tem um marco na intensificação dos impactos ambientais, que é justamente com o momento de maior criatividade do homem em sua história desde a descoberta do fogo, a Revolução Industrial.

Branco, (1988, p.18) explica que:

Desde o surgimento do homem na Terra, a frequência e os tipos de impacto ambiental têm aumentado e diversificado muito. O primeiro tipo de impacto causado pelo homem provavelmente derivou-se do domínio do fogo. À medida que a espécie humana foi desenvolvendo novas tecnologias e ampliando seu domínio sobre os elementos e a natureza em geral, os impactos ambientais foram se ampliando em intensidade e extensão.

Os recursos utilizados foram sendo cada vez mais intensificados de tal maneira que as áreas impactadas foram aumentando gradativamente, por outro lado, a degradação era encarada naquele momento da Revolução Industrial como um processo normal que não necessitava de cuidados, pois a visão que se tinha era da inesgotabilidade dos recursos naturais. Tal processo se dava naturalmente, uma vez que o homem daquele momento histórico entendia ainda que os recursos existiam em abundância e estavam disponíveis para a exploração humana.

Concordando com Silva e Sammarco, (2015, p. 05) que colocam:

A reflexão acerca das relações humanas com o ambiente nos remete as questões ambientais atuais. Filosoficamente, a relação humana com o ambiente pode ser pensada sobre outro ponto, quando definida que a própria condição humana é natural. O ser humano, em sua essência, é natural, assim como todos os outros seres, o que os difere é sua capacidade de racionalização, ou seja, é dotado de uma consciência intencional.

Com a intensificação da exploração da natureza e sua impactação o homem vê a necessidade de mitigar os danos causados que ocorrem após a Primeira e Segunda Guerra Mundial e de certa forma, foi a primeira vez que se buscou efetivamente tal ação no âmbito mundial em prol da preservação da natureza que vinha sendo degradada.

Sparemberguer e Silva, (2005, p. 83) afirmam o seguinte:

O problema ecológico só foi enfrentado e regulamentado pelos legisladores no período do segundo pós-guerra do século XX (1939-1945). Nessa fase, a

conscientização da necessidade de proteção ao meio ambiente espalhou-se pelo mundo por meio das Entidades Não-Governamentais (ONGs).

O fato do homem não se importar com as consequências em relação a intensidade com que se retiravam recursos da natureza provocou impactos jamais vistos no planeta até então.

A certeza de encontrar o que precisa na natureza faz parte da história humana e o processo de exploração se torna maior sobretudo, quando se tem um modo de produção pautado em um modelo econômico que visa o resultado final, o lucro do capitalismo, salvo que não é apenas o lucro que determina a existência de impactos.

Pádua, (2004 apud Albuquerque, 2007, p. 22) coloca que:

O que sempre esteve em jogo nos diversos modos de produção surgidos ao longo da história foi sempre o como produzir e o para quem destinar os frutos da produção, já que a questão de onde retirar a matéria-prima necessária teve sempre uma resposta única: da natureza.

Em meio a produção industrial e o consumo no atual momento da humanidade surge então a ameaça de desaparecimento de espécies animais e vegetais que dão o equilíbrio necessário para existência da matéria-prima que o homem utiliza para produção industrial.

Branco, (1988, p.20) explica que:

O grande problema da civilização moderna, industrial, tecnológica é talvez o de não ter percebido que ela ainda depende da natureza, ao menos em termos globais; que sua liberação ainda não é total e que, provavelmente, nunca será; que não é possível produzir artificialmente todo o oxigênio necessário à manutenção da composição atual da atmosfera nem toda a matéria orgânica necessária a seu próprio consumo; que não é possível manter, sem a participação da massa vegetal constituída pelas florestas, savanas e outros sistemas, os ciclos naturais da água de modo a garantir a estabilidade do clima, a constância e a distribuição normal das chuvas e a amenidade da temperatura.

O homem tem em seu processo histórico transformado a natureza e pode se destacar como fatores que foram determinantes as tecnologias, cuja intensidade está na razão direta da capacidade de transformação de matéria prima; a estrutura de classes, que determina os diversos produtos que serão produzidos para atender as classes existentes e a cultura que ditou até certo ponto a forma que o sujeito iria lidar com o produto desde o uso até seu descarte final.

Assim explica Albuquerque, (2007, p. 23 e 24):

Esse conjunto de fatores faz com que o impacto do homem sobre a natureza seja muito mais intenso do que seria se fosse determinado apenas por suas necessidades físicas. É isso o que diferencia a ação do homem sobre a natureza da ação dos outros animais: ela é socialmente determinada e, portanto, vai variar historicamente de acordo com o modo de produção, a estrutura de classes, as tecnologias disponíveis e a cultura de cada sociedade.

O capitalismo é por excelência um sistema que evidencia ao sujeito uma supervalorização do status e poder econômico. Em conjunto esses dois elementos na atualidade produzem um homem que se coloca sempre superior aos demais seres da natureza e se impõem, tornando-o homem, autoritário e absoluto nas ações sobre a natureza.

Essa relação humana com o meio ambiente se estabelece dialeticamente onde o homem se coloca como superior e a natureza dá indícios da necessidade de equilibrar as ações humanas no meio natural.

Como indícios encontrados podemos destacar as enchentes, inundações, escassez de água onde as secas são cada vez maiores entre outras situações de revés da natureza com relação a ação humana para com ela.

Souza, (2009, p.117) analisando a situação a expõe da seguinte forma:

Este ser revolucionário, capaz de transformar a natureza e a si próprio, multidimensional, local e global é o que é o homem hoje. No entanto, ele se auto-proclama superior aos demais seres da natureza, mostrando-se, muitas vezes, como um verdadeiro ditador que impõe as normas que deveriam assegurar a sua sobrevivência, esquecendo-se que a natureza ainda age por si, não seguindo as previsões do homem, não se deixando dominar e demonstrando que também pode destruir a humanidade (vide os tsunamis, os furacões, os terremotos).

Contudo, o ser humano para evoluir necessitou compreender a natureza e utilizar recursos advindo dela, para assim, desenvolver um refúgio/casa e extrair alimentos. Essa necessidade era fundamental para que a espécie sobrevivesse e evoluísse, porém na atualidade o homem precisa se adequar, uma vez que suas ações têm produzido efeitos negativos como poluição do ar, da água, o desaparecimento de espécies animais e vegetais.

Branco, (1988, p.20) mostra a intensão humana com relação a tecnologia:

O objetivo principal do desenvolvimento tecnológico sempre foi, pois, o de dominar a natureza e se libertar da estreita dependência que obriga todas as demais espécies de seres vivos a viver somente onde o clima lhes seja mais

favorável, onde existam vegetais ou animais que lhes sirvam de alimento, ou local para abrigo, construção de ninhos e outras condições essenciais à sua vida. Sem elas, a espécie desaparece ou migra para outro lugar.

Esse posicionamento humano em desenvolver tecnologias e buscar dominar a natureza como objetivo de viver em diversos lugares do mundo independente das condições, trouxe bons resultados a princípio, porém produziu prejuízos ambientais no segundo momento.

É natural que a atuação do homem no espaço provoque impactos na natureza, no entanto o que se deve buscar cada vez mais é a intensidade desses impactos, e buscar prevenir e minimizar danos, proporcionando as condições necessárias para a natureza manter seu equilíbrio.

Existem ações por parte das instituições públicas que visam preservar e conservar a natureza desde leis até ações de conscientização e atividades de replantio de espécies vegetais nativas e a regeneração de áreas que apresentam uma considerável retirada da vegetação, no entanto, é preciso evoluir no que diz respeito às práticas humanas com relação a preservação e conservação do meio natural.

#### **2.4 OS AGENTES DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO E A SUA VALORIZAÇÃO**

A ideia de valorização do espaço urbano tem como um indicativo a apreciação do espaço que está dotado de atributos atrativos ao seu uso ou reuso, em um local específico ou no seu entorno. Esses atributos de valorização do espaço urbano, estão relacionados para a finalidade do uso do solo e suas condições para produção desse espaço em dimensão estrutural.

Segundo Ferreira (2013, p.06 e 07):

O espaço urbano é então uma abstração, isto é, um processo que envolve a reprodução do capital por meio de relações contraditórias que se materializam na cidade. Dessa maneira, a cidade além de representar uma determinada forma do processo de produção e reprodução de um sistema específico, é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido.

Assim pode-se dizer que o espaço urbano é produzido em decorrência da reprodução do capital desenvolvido através das relações sociais materializando essa produção e/ou reprodução

no espaço. Mas a valorização desse espaço está relacionada principalmente aos agentes produtores do espaço urbano que possui maior poder econômico e político.

Corrêa (1989) ao apresentar os cinco (5) produtores do espaço urbano os caracteriza pelas suas dinâmicas produtivas: o proprietário industrial e de grandes empresas comerciais em virtude de suas atividades produtivas demandam um grande espaço e, assim, buscam terra mais barata e que tenham acessibilidade principalmente de produtos e de trabalhadores.

Nesse primeiro ponto Corrêa (1989) esclarece que as relações dos proprietários dos meios de produção e os proprietários da terra urbana entram em uma negociação bem complexa, pois existe uma especulação fundiária.

Corrêa (1989, p.15) explica que:

Nas grandes cidades, onde a atividade fabril é expressiva, a ação espacial dos proprietários industriais leva à criação de amplas áreas fabris em setores distintos das áreas residenciais nobres, onde mora a elite, porém próximo às áreas proletárias. Deste modo, a ação deles modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra.

Aqui pode-se compreender que a ocupação de amplas áreas fabris direciona o crescimento da cidade e propicia uma valorização desses espaços que antes não eram interessantes para outros usos urbanos, e ao mesmo tempo impõe uma outra condição para a valorização de espaços destinados aos trabalhadores e, no presente momento histórico, em sentido contrário, direciona espaços voltados para a fixação da elite urbana. Concordamos com Corrêa quando atribui esse relevante papel ao capital industrial. Em que pese no recorte territorial dessa pesquisa não haver a presença de atividades industriais do circuito superior da economia urbana, ainda assim de forma tangencial observamos essa realidade na implantação do bairro Vila Operária, que compreende uma porção da Microbacia do Córrego Canivete

Os proprietários de terras constituem-se no segundo grupo de agentes produtores do espaço urbano apontado por Corrêa onde esse grupo visa a conquista cada vez maior da renda fundiária de sua propriedade e, para tanto, estes buscam que o uso da terra seja direcionado para o comércio ou residências. Outra forma de valorização dessas terras ocorre por intermédio de ações de investimento por parte do poder público como asfaltamento, iluminação, esgotamento, ou seja, a infraestrutura nessas áreas ou em suas proximidades.

Para Carlos (2017, p.21):

Com efeito, esse espaço da sociedade capitalista se quer racional enquanto que na prática ele é comercializado, fragmentado, vendido em parcelas. É assim que ele é, ao mesmo tempo, global e pulverizado. Ele parece lógico e ele é absurdamente recortado. Essas contradições explodem no plano institucional.

A procura por terra, seja para o uso comercial, ou de habitação, dependerá da renda que os grupos sociais tenham, e o quanto essa renda os tornam capazes de participar da compra de terras ou de imóveis.

Um diferencial de valorização do espaço urbano está voltado a sua localização, como por exemplo a proximidade ao centro ou a áreas arborizadas, à beira mar, de beleza paisagísticas e que, posteriormente, com um forte marketing e com exaltação da qualidade de vida, esses espaços transmitem um desejo de adquirir a área e, por consequência, tem o preço elevado, fragmentando a sociedade em grupos entre os que podem pagar pelo lote e os que não podem pagá-lo, cabendo aos últimos buscar espaços que não tenham essas características e passíveis de aquisição.

Corrêa aponta como o terceiro produtor do espaço urbano os promotores imobiliários, estes realizam o financiamento do imóvel, construção e comercialização com lucro. O seu perfil é inovar ao produzir as habitações superando as antigas e, assim podendo agregar um valor de venda ao imóvel. A valorização desse imóvel condiciona também a valorização do espaço ao seu redor e do espaço ocupado com aquela característica física de valor de uso.

O quarto produtor do espaço urbano é o Estado que é dotado de instrumentos que regem parte da produção espacial nas cidades. Corrêa (1989), coloca os seguintes instrumentos que o Estado tem para com o espaço urbano: o direito de desapropriar e preferência na compra da terra; regularização do uso do solo; controla o limite de preço da terra; limite da superfície da terra de que cada indivíduo pode se apropriar; aplicação de impostos fundiários e imobiliários que podem variar de acordo com o tamanho do imóvel, o seu uso e localização; aplicação de taxa para terrenos livres, forçando a produção de um espaço e não a especulação; criação de reservas fundiárias públicas, afetando o preço da terra e orientando a ocupação do espaço; investimento público implantando infraestrutura; possibilitando a abertura de créditos à habitação; pesquisas e testes voltados aos procedimentos de construção e o controle de produção e do mercado deste material.

Segundo Carlos, (2017, p.19 e 20):

No caso em questão o Estado utiliza-se de seu poder de planejador, para “em nome do interesse público”, desapropriar áreas imensas da metrópole (fazendo a terra mudar de mãos) instalando, na sequência, infraestrutura necessária ao desenvolvimento da nova atividade, e, com isso, mudando o uso, a função e o sentido dos lugares. Esse processo permite não só o estabelecimento de uma nova atividade no lugar – o que gera a transformação da função residencial (substituída pela de serviços) mas sobretudo desencadeia um processo de valorização do solo urbano através dos investimentos em infraestrutura e o aumento do potencial construtivo da área (até então interditado pela lei de zoneamento vigente na cidade).

O Estado tem o poder de reger consideravelmente a produção espacial das cidades, e a cada direcionamento que ele indica, pode contribuir para uma valorização ou estagnação de espaços urbanos, haja visto que o Estado tem ferramentas cada vez mais úteis para o direcionamento dessas decisões, como é o caso do plano diretor municipal.

O quinto agente produtor do espaço urbano que Corrêa considera são os grupos sociais excluídos sendo aqueles que tem uma renda insuficiente para pagar o aluguel ou adquirir uma residência juntamente, quer trabalhadores por emprego fixo, informal ou ainda outros cidadãos desprovidos de condições mínimas de sobrevivência. Este grupo deve adquirir os espaços urbanos dotados de menor valor e por consequência, de menor infraestrutura como os cortiços, sistemas de autoconstrução, favelas e conjuntos habitacionais construídos pelo Estado, ou ainda, áreas de riscos, no caso específico dessa pesquisa, locais susceptíveis a enchentes desprezados pelo capital imobiliário.

Segundo Lacoste (1985, p.187):

Quanto mais a cidade cresce, quanto mais ela é o lugar de um crescimento econômico importante, mais os terrenos se valorizam e tanto mais as massas populares se encontram confinadas nos piores espaços que se acham dentro do perímetro urbano.

Por vezes, a ocupação desse grupo com o propósito de adquirir e constituir sua moradia leva à produção do espaço urbano e até uma desvalorização de determinados espaços, haja visto que suas habitações não são dotadas de desenho arquitetônico mais elaborados e, os produtos em sua totalidade, são considerados pelos promotores imobiliários de qualidade inferior.

Então é possível perceber que a produção do espaço e sua valorização estão relacionados com os agentes produtores e as dinâmicas que estes produzem no espaço, sobretudo aquelas oriundas do Estado e dos burgueses que desempenham um poder significativo de produção e valorização do espaço no sistema econômico capitalista e na atuação do estado no ambiente citadino.

Carlos, (2017, p.21) explana:

Nesse plano se descobre que a burguesia tem um duplo poder sobre o espaço: inicialmente a propriedade privada do solo, que se generaliza no espaço inteiro, a exceção dos direitos das coletividades e do estado – e secundariamente, pela globalidade; a saber, o conhecimento, a estratégia, a ação do Estado. Há conflitos inevitáveis entre esses dois aspectos, e notadamente, entre o espaço abstrato (concebido ou conceitual, global ou estratégico) e o espaço imediato, percebido, vivido, fragmentado e vendido.

Nesse sentido, o espaço urbano caminha em direção à valorização utilizando-se, minimamente, de dois processos que são voltados para as relações sociais: o primeiro está em imaginar o que existirá no futuro contrapondo o que já existe, e o segundo, está na necessidade que o sistema econômico e social exige para o uso e para a produção e reprodução futura do espaço urbano.

## **2.5 O CRESCIMENTO DAS CIDADES EM DIREÇÃO AOS CURSOS D'ÁGUA**

Ao olhar a cidade contemporânea e deparar-se com o seu crescimento em direção aos rios e córregos e o quanto isso tem gerado problemas socioambientais, percebe-se que a preocupação social com os cursos d'água não é a pauta principal das discussões urbanas, visão que se arrasta no decorrer da história.

De acordo com Batista e Cardoso (2013, p.125):

A história das relações do homem – e suas cidades – com os rios segue uma trajetória complexa, marcada por variadas formas de interação ao longo do tempo e do espaço, fundada na dinâmica e sazonalidade naturais dos corpos de água, mas, sobretudo, nas significativamente variáveis necessidades e expectativas humanas, no decorrer de distintos períodos, épocas e lugares. Trata-se, portanto, de uma relação com aproximações e antagonismos sucessivos, materializados de forma distinta ao longo do tempo, nas diversas culturas e nos diversos sítios.



De forma geral o homem manteve uma dependência pela natureza, e a busca pelo incessante domínio foi e ainda continua sendo implacável. O resultado disso é a produção de objetos e conhecimento que facilitou a sobrevivência humana, porém essa obsessão tem produzido reações prejudiciais ao equilíbrio da vida animal e humana no planeta.

Com referência aos impactos da urbanização Batista e Cardoso (2013, p.131) explicam:

Logo após os primórdios das ocupações urbanas, ainda quando as populações ribeirinhas eram rarefeitas, nas Idades Antiga e Média, os rios já começaram a sentir os impactos da urbanização, recebendo elevadas cargas sanitárias, resíduos das atividades comerciais e manufatureiras, poluição urbana difusa, ocupação de margens etc.

Dessa forma percebe-se que os hábitos sociais na vivência urbana vão se estabelecendo e produzindo cidades em que suas populações ribeirinhas impactam os rios e córregos justamente pela praticidade dos diversos usos que se poderia ter com o recurso hídrico.

Com o passar dos séculos a intensificação de mortes devido a insalubridades existente para quem residia em espaços com tamanha degradação hídrica, e com avanços no conhecimento científico, já no século XIX iniciam-se então mudanças no comportamento humano para com os rios urbanos.

Batista e Cardoso (2013, p.132) apontam que:

No século XIX, o crescimento das aglomerações urbanas, juntamente com as epidemias de cólera e tifo que assolaram a Europa, em combinação com os avanços científicos – notadamente em microbiologia e epidemiologia –, levaram ao estabelecimento dos preceitos higienistas, que representam uma mudança radical na relação existente entre as águas e o meio urbano.

No entanto as cidades continuam o seu crescimento em direção aos cursos d'água, porém com algumas ressalvas no que diz respeito ao direcionamento da população para prevenção de enchentes, construções de esgotamento buscando minimizar os problemas existentes com as águas pluviais e servidas no espaço urbano.

Batista e Cardoso (2013, p.132):

Assim, o higienismo, originário da Europa e amplamente difundido no Brasil desde fins do século XIX, apontava para a construção de sistemas de esgotamento sanitário e drenagem pluvial na busca do controle de enchentes e de doenças de veiculação hídrica por meio da rápida evacuação das águas pluviais e servidas.

Hulsmeyer; Françoso e Panissa (2015) explicam que após a década de 50 a maior parte dos cursos d'água no meio urbano teve uma intensificação dos processos de degradação onde tem destaque a precarização do saneamento básico, poluição em rios urbanos e até mesmo a criação de obras de canalização e retificação.

Para Ancona (1993, apud Silva 2004, p. 20) diz:

[...] a questão ambiental urbana pode ser encarada como a constatação dos problemas gerados a partir do vertiginoso crescimento das cidades e a dificuldade de se estabelecer um equilíbrio entre desenvolvimento e patrimônio ambiental – natural e construído.

A segregação socioespacial é produto da desigualdade econômica-social que condiciona a população de baixa renda a se estabelecer em áreas distantes do centro, ou em regiões que são de risco como a proximidade de morros, encostas e principalmente nas bordas de córregos e rios.

Lacoste (1985, p.187) diz que:

Em razão do encarecimento dos terrenos e das perspectivas de lucro que se pode auferir nas cidades, cuja população dobra a cada dez ou quinze anos, e, mais ainda em superfície, as categorias sociais mais desfavorecidas, ou seja, a maior parte da população, se encontram empurradas para os sítios mais desfavoráveis, aqueles onde as particularidades hidrológicas, topográficas ou ecológicas tornam a construção “normal” extremamente onerosa, senão impossível: fundos de vales inundados na estação das chuvas, margens de pântanos, vertentes extremamente abruptas e sobretudo em vertentes formadas de terrenos passíveis de escorregamentos, zonas para onde escoam os esgotos ou depósitos de lixo.

Estes espaços são adquiridos devido ao baixo custo, principalmente por serem áreas de risco de enchentes e/ou deslizamentos. Podem ainda passar por um processo de ocupação de forma irregular. Nesse sentido Hulsmeyer; Françoso e Panissa (2015) colocam que os espaços onde existe vegetação e sem uso pelos indivíduos, são considerados áreas de abandono e possibilitam a construção de sub-habitações ou casas mesmo em completa revelia ao que estabelece a legislação.

O poder público ignorou o problema durante décadas no Brasil, e agora as cidades médias e, principalmente os grandes centros urbanos, tem notado as consequências dessa ocupação no espaço.

Nesse sentido, Silva (2004, p. 24) explica que:

Parcela expressiva da população de baixa renda encontra o seu local de moradia nas periferias urbanas. Características intrínsecas a estas áreas – como a existência de estoques de terras livres, a ausência de infra-estrutura instalada, a precariedade de serviços públicos, a longa distância dos centros urbanos, a baixa qualidade dos loteamentos e a clandestinidade generalizada – rebaixam o seu valor no mercado imobiliário e possibilitam o seu acesso por parte da população de menores recursos. A conjugação de determinadas circunstâncias, dentre as quais a ausência sistemática do poder público na provisão de políticas públicas habitacionais de interesse social, fez com que o então denominado modelo de expansão periférica prevalecesse no contexto brasileiro desde a década de 1950 e se transformasse em uma das formas de acesso habitacional mais significativa do país.

Essa realidade populacional onde a aglomeração e a precarização das condições de vida de parte desses sujeitos, contribuem para que os problemas socioambientais sejam potencializados nas cidades brasileiras e, mesmo com mudanças na legislação, muito ainda deve ser feito estruturalmente e no comportamento.

A quantidade de lixo descartado erradamente nos cursos d'água, em sua proximidade ou na cidade tem impactado diretamente o ambiente e toda sua biota, haja visto que no caso específico do Brasil ainda é comum depositar resíduos sólidos nas ruas ou em terrenos não edificados. A foto 1, demonstra essa afirmação em Rondonópolis:



Foto 1 – Lixo despejado em terreno não edificado em Rondonópolis-MT.

Fonte: Portal da Prefeitura de Rondonópolis – MT (2016)

Organizador: SOARES, E. A. (2018)

Ainda é comum em países de economia subdesenvolvida encontrar esses resíduos descartados em lotes/terrenos nas proximidades de cursos d'água o que provoca em muitos casos a proliferação de doenças oriundas dessa condição.

Segundo Pereira e Alves (2013, p.01):

Os rios e córregos são alvos de agressões implacáveis tanto nas áreas urbanas e rurais, mas com ênfase acentuada nas áreas urbanas. Os rios brasileiros recebem uma grande carga de poluentes vinda de seus afluentes, isso ocorre porque os dejetos que são produzidos pelas cidades são lançados diretamente nos córregos que percorrem o perímetro urbano, contaminando a água deixando-a imprópria ao consumo.

Uma vez que o urbano expande sua área e suas atividades é possível notar que os impactos aumentam nos córregos. Isso é resultado da aproximação do homem com a área verde que margeia o córrego e torna assim, um local em potencial para descarte de diversos tipos de lixo, do doméstico até móveis e restos de construção.

Assim expõem Pereira e Alves (2013, p.08):

Dessa forma observamos que na medida em que a cidade vai se expandindo, principalmente nas áreas próximas ao córrego, as agressões vão se intensificando. Isso é uma prova da falta de cumprimento da legislação vigente estabelecida pelos próprios responsáveis seja o município ou o Estado.

Em muitas cidades os problemas ambientais nos córregos têm se agravado de tal forma (acúmulo de lixo no leito) o que gera situações ainda piores, quando atinge famílias por meio de enchentes e inundações que adentram as residências próximas desses cursos d'água. Esse tipo de problema tem ganhado destaque nesse cenário que é cada vez mais devastador para o homem e, principalmente, para a natureza.

Tucci (2003 p.89) explica que:

A tendência da urbanização das cidades brasileiras tem provocado impactos significativos na população e no meio ambiente. Estes impactos têm deteriorado a qualidade de vida da população, através do aumento da frequência e do nível das inundações, redução da qualidade de água e aumento de materiais sólidos no escoamento pluvial.

O apontamento de Tucci (2003) é pertinente devido se tornar mais grave quando esse escoamento pluvial está juntamente carregado de materiais sólidos já descartados pela sociedade, tendo ainda agregado o esgoto doméstico que se junta em destino aos córregos que

estão no meio urbano, acrescido de sedimentos carreados das margens e vertentes desprovidas de vegetação.

Um exemplo está exposto na foto 2, uma tubulação de esgoto de uma residência que é despejada diretamente no Córrego Canivete, dá uma dimensão dos problemas enfrentados pelo nosso objeto de estudo.



Foto 2 – Esgoto despejado no Córrego Canivete em Rondonópolis-MT.

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Esses dois tipos de poluição (lixo em terrenos e esgoto em córregos) são em geral encontrados no meio urbano, e tem se tornado uma prática humana cada vez mais comum. Os córregos urbanos tornam-se cada vez mais “invisíveis” devido receber o lixo (por meio do escoamento superficial da água da chuva ou até mesmo jogado diretamente nele) e do esgoto.

Assim, as práticas do homem urbano têm provocado transformações das características naturais dos rios e córregos urbanos, levando cada vez mais a se tornar um ambiente menos natural.

## **2.6 O ESPAÇO URBANO E A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL**

O urbano é um espaço de dinâmica econômica e cultural, onde busca-se a agilidade nos afazeres o que contribui para o comportamento do homem. O produzir e lucrar é um comportamento comum nos moldes atuais, sobretudo no modo econômico capitalista, assim o espaço é o reflexo da sociedade e de seus pensamentos e ações.

Para Carlos (2011, p.50):

[...] o espaço é produto, condição e meio do processo de produção da sociedade em todos os seus aspectos. O espaço é entendido em função do processo de trabalho que o produz e reproduz a partir da relação do homem com a natureza. Assim, o espaço se cria a partir da natureza que é totalmente transformada no curso de gerações.

As ações humanas são voltadas sempre para satisfazer suas necessidades e desejos, e essas geram transformações na forma de agir socialmente e perante a natureza. A valorização ou desvalorização da produção humana se dá pelo tempo e espaço, conforme sua realidade muda as suas necessidade e desejos também mudam.

Grande parte da produção humana tem como base a utilização de matéria-prima da natureza e quanto mais o urbano se expande mais necessita dos recursos naturais. Na medida que estes recursos são mais utilizados aumenta-se também o espaço ocupado para diversas finalidades, fazendo com que a natureza se torne cada vez mais dominada pelo homem e dependente de seus cuidados.

Para Santos (2009, p.55),

Os movimentos da totalidade social modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos, incitam as novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram ou mudam de valor; e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade.

Quanto mais o espaço urbano é ocupado, mais valor é agregado a ele e isso torna-o uma mercadoria valiosa. A valorização do espaço urbano está relacionada com os serviços distribuídos nesse espaço, bem como, as áreas com potenciais de crescimento.

Segundo Santos (2009, p. 30),

O espaço, portanto, tornou-se a mercadoria universal por excelência. Como todas as frações do território são marcadas, doravante, por uma potencialidade cuja definição não se pode encontrar senão a posteriori, o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto.

Assim, de forma dialética, o espaço produzido, e em reprodução está influenciando as atitudes sociais, que por sua vez exercem influências no meio ambiente natural.



Assim explica Santos (2005, p.33):

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos.

A manutenção social da vida no espaço urbano é pautada sobretudo na produção industrial, produtos consumidos e geradores de resíduos sólidos de difícil degeneração, onde muitos não chegam a reciclagem ou não são passíveis de reciclagem ou de reutilização. Quando esses resíduos não chegam no destino apropriado são jogados nas ruas que por sua vez adentram em tubulações de águas pluviais e chegam aos córregos e rios urbanos.

Outro agravante gerador de problemas ambientais são as ocupações em áreas de preservação permanentes nas proximidades de rios e córregos urbanos e, dessa forma, contribuindo para que esses espaços sejam degradados.

Na figura 4, é apresentado um exemplo esquemático da distância da área de preservação permanente de acordo com a legislação vigente necessária para a manutenção hidrológica e ambiental dos cursos d'água.

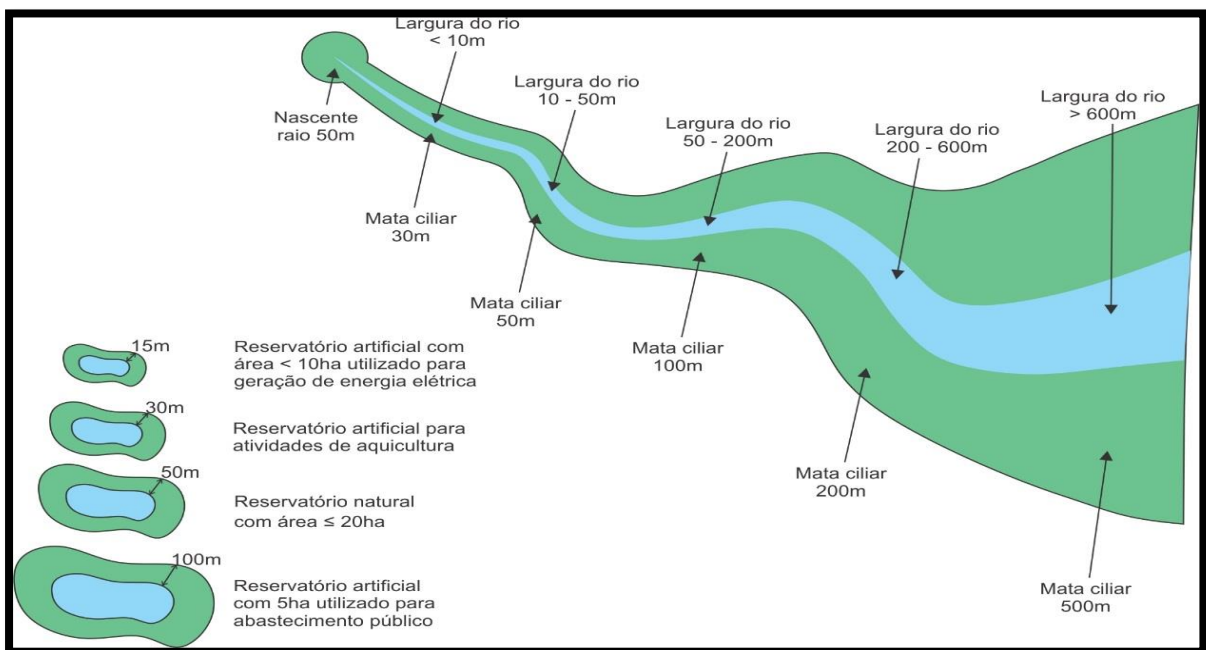


Figura 4 – Distância de área de preservação permanente em cursos d'água.

Fonte: EcoDebate Site de informações, artigos e notícias socioambientais (2014)

Organizador: SOARES, E. A. (2018)

Mas a constituição do espaço urbano proporciona uma barreira econômica e principalmente de infraestrutura (sobretudo nos países em desenvolvimento) que produz a periferia urbana mais pobre ou que ocupa áreas de risco.

Santos (2007, p. 63) tece um quadro da sociedade desigual:

Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. É o mesmo que se dá com os transportes. Caros e ruins. Ruins e demorados. Como conciliar o direito à vida e as viagens cotidianas entre a casa e o trabalho, que tomam horas e horas?

A precarização das condições de vida no espaço urbano está diretamente relacionada com a condição financeira onde a prioridade do sujeito é a conquista da alimentação, moradia, trabalho e transporte no espaço urbano. As decisões do indivíduo impulsionam-no a produzir lugares com características precárias gerando problemas socioambientais nesse espaço urbano.

Para Carlos (2011, p.45):

O uso do solo ligado a momentos particulares do processo de produção das relações capitalistas é o modo de ocupação de determinado lugar da cidade. O ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si, não é meramente ocupar uma parcela do espaço; tal ato envolve o de produzir o lugar.

Então a dinâmica social capitalista tem em si a intencionalidade individual do sujeito em promover o seu lucro ocupando um determinado lugar no espaço, sendo para viver e/ou para produção material do lugar ocupado.

Dessa forma pode-se dizer que o homem - através de sua cultura, ética, situação econômica, religiosidade, percepção do espaço vivido e concebido - produz em si uma consciência ambiental e essa construção é montada e remontada constantemente pelas relações sociais e seus interesses na dinâmica social capitalista vigente.



### 3 ESPAÇO CIRCUNDANTE AO CÓRREGO CANIVETE: DINÂMICA DAS TRANSFORMAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS

Para essa dinâmica de transformação é preciso levar em consideração o espaço percebido, vivido e concebido pelos moradores entrevistados e como suas ações no espaço bem como as relações sociais-políticas refletiram e refletem na produção espacial.

#### 3.1 A CARACTERIZAÇÃO DOS MORADORES ENTREVISTADOS

Os pesquisados, moradores que tem suas residências localizadas até 100 metros a direita e a esquerda do Córrego Canivete, são constituídos em sua maioria por mulheres, contabilizando 73,3%, cabendo aos homens apenas 26,7% dos pesquisados. No quadro 2, a quantidade de pesquisados distribuídos por faixa etária e sexo masculino e feminino:

Sexo	Idade						Total	Total %
	18 a 25	26 a 35	36 a 45	46 a 55	56 a 65	mais de 66		
Feminino	13	29	34	26	39	13	154	73,3%
Masculino	7	13	13	7	7	9	56	26,7%
Total	20	42	47	33	46	22	210	100,0%

Quadro 2: Distribuição dos moradores pesquisados por sexo e idade

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Na sua maioria as mulheres pesquisadas classificam-se como não empregadas em um trabalho remunerado, por outro lado os homens em sua maioria têm seu trabalho remunerado.

O nível de escolaridade apontado mostra que 40% dos pesquisados estão com o 2º Grau escolar completo ou tem o ensino superior incompleto/completo. Os 60% restantes têm escolaridade interrompida ou está em fase de conclusão (Gráfico 1).

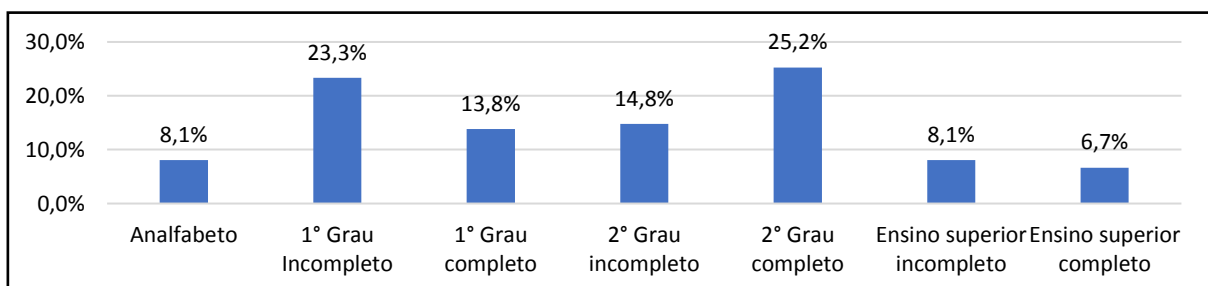


Gráfico 1: Nível de escolaridade dos moradores pesquisados

Fonte: Trabalho de Campo

Outra característica que ficou evidenciada foi no quesito tempo de residência no local, onde 51,9% dos pesquisados declaram morar a mais de 21 anos na atual residência o que proporcionou a estes uma experiência ímpar a respeito da vivência e percepção das transformações ocorridas há mais de 20 anos nas redondezas do Córrego Canivete, por outro lado, os outros 48,1% vivenciaram assim como os demais a luta pela canalização do córrego, situação que pode ser interpretada no Gráfico 2.

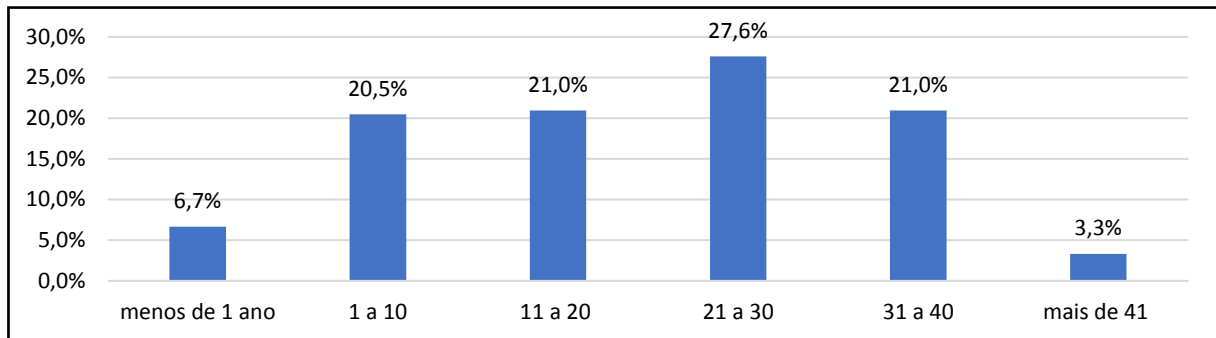


Gráfico 2: **Tempo de residência no local do entrevistado**

Fonte: Trabalho de Campo

A maioria dos pesquisados tem sua residência própria totalizando 90% e o restante é composto por moradores em residências alugadas ou que moram juntos com parentes, ou ainda a casa é cedida por parentes para estes morarem (Gráfico 3).

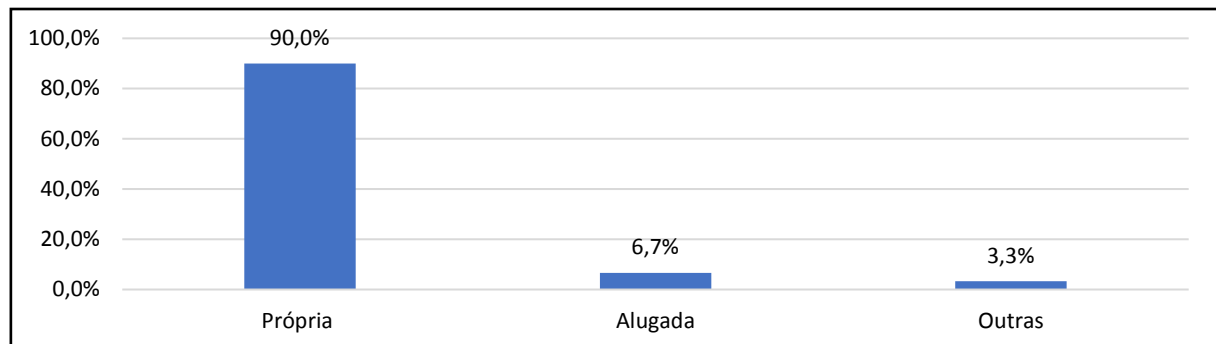


Gráfico 3: **Tipo de moradia dos entrevistados**

Fonte: Trabalho de Campo

As moradias tinham desde o tipo arquitetônico mais simples (“meia água”) até modelos mais elaborados. Muitos dos pesquisados disseram que não tinham documentos de regularização do imóvel e que buscavam a regularização junto a prefeitura.

### **3.2 ALGUNS ASPECTOS DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NA MICROBACIA DO CÓRREGO CANIVETE**

A busca em compreender a evolução do uso e ocupação do solo direcionou a análise de forma bem sintetizada em observar a produção do espaço a partir do período de implantação do parcelamento urbano.

A Microbacia do Córrego Canivete contém 51 bairros que estão parcialmente ou totalmente contidos na Microbacia, e seu processo evolutivo de ocupação é impulsionado sobretudo, pelo aumento populacional a partir do crescimento da agropecuária no espaço regional, incentivo ao comércio e posteriormente o incremento de indústrias, o que estimulou cada vez mais a chegada de pessoas que residiam em diferentes localidades do Brasil, principalmente do sul e nordeste, que buscavam oportunidades de emprego a fixar-se na cidade.

Segundo Carlos (2008, p.86):

Do ponto de vista do morador, considerado como consumidor, a cidade é meio de consumo coletivo (bens e serviços) para a reprodução da vida dos homens. É o locus da habitação e tudo o que o habitar implica a sociedade atual: escolas, assistência médica, transporte, água, luz, esgoto, telefone, atividades culturais e de lazer, ócio, shopping etc.

Essas condições eram em partes contempladas, mas o que importava era a possibilidade do emprego e de constituir uma moradia própria, o que muitos moradores relataram não terem no período em que chegaram na cidade, principalmente os que foram residir na Microbacia do Córrego Canivete.

A figura 5, apresenta os bairros que estão contidos na Microbacia do Córrego Canivete.

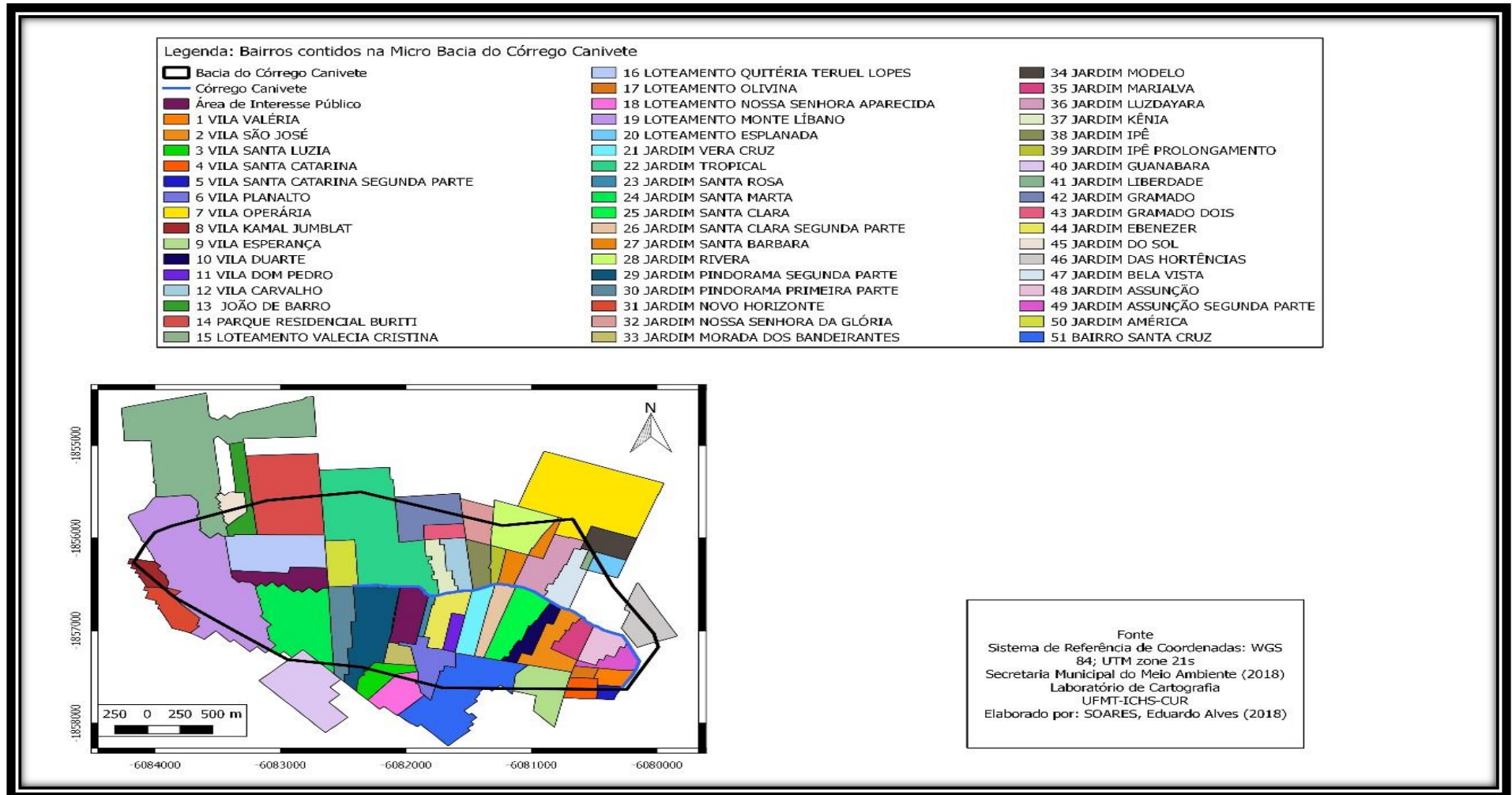


Figura 5: Bairros contidos na Microbacia do Córrego Canivete  
Fonte: Secretaria Municipal do Meio Ambiente  
Organizador: SOARES, E. A (2018)

Assim havia sido dada a largada, a disputa pelo espaço urbano da cidade ficaria marcada pela especulação imobiliária que até a atualidade tem provocado dificuldades para a gestão pública, sobretudo no que diz respeito ao transporte público de qualidade. No quadro 3, estão mostrados os bairros e seus respectivos períodos de aprovação, implantação e quantidade de imóveis prediais e territoriais no ano de 2017.

<b>Bairros contidos totalmente ou parcialmente na Micro Bacia do Córrego Canivete</b>	<b>IMPLANTAÇÃO</b>	<b>APROVAÇÃO</b>	<b>IMÓVEIS</b>	<b>TERRENOS</b>	<b>TOTAL</b>
Vila Valéria	2007	2007	40	29	69
Vila São José	1973	1974	239	24	263
Vila Santa Luzia	-	-	-	-	-
Vila Santa Catarina	1971	1996	92	3	95
Vila Santa Catarina II Parte	1996	1996	15	10	25
Vila Planalto	1984	1986	193	26	219
Vila Operária	-	-	880	67	947
Vila Kamal Jumlat	1984	-	39	46	85
Vila Esperança	1976	2002	234	28	262
Vila Duarte	1983	2001	134	12	146
Vila Dom Pedro	2001	2001	36	35	71
Vila Carvalho	1983	-	131	36	167
João de Barro	1992	1992	239	9	248
Parque Residencial Burity	1998	1999	469	424	893
Loteamento Valécia Cristina	1985	-	21	2	23
Loteamento Quitéria Teruel Lopes	2001	2001	370	46	416
Loteamento Olivina	1964	-	26	12	38
Loteamento Nossa Senhora Aparecida	1963	-	218	13	231
Loteamento Monte Líbano	1979	1978	842	394	1.236
Loteamento Esplanada	1973	1974	77	17	94
Jardim Vera Cruz	1983	-	134	57	191
Jardim Tropical	1979	1979	1.001	410	1.411
Jardim Santa Rosa	1978	1978	10	31	41
Jardim Santa Marta	1988	1988	186	119	305
Jardim Santa Clara	1983	-	258	38	296

Jardim Santa Clara II Parte	2000	-	38	26	64
Jardim Santa Barbara	-	1999	-	-	-
Jardim Rivera	1982	1982	351	79	430
Jardim Pindorama II Parte	1966	1962	439	76	515
Jardim Pindorama I Parte	1963	1962	186	85	271
Jardim Novo Horizonte	1978	1977	46	98	144
Jardim Nossa Senhora da Glória	1978	1978	157	39	196
Jardim Morada dos Bandeirantes	1990	1990	37	33	70
Jardim Modelo	1960	1973	100	17	117
Jardim Marialva	1984	1984	133	14	147
Jardim Luz Dayara	1979	1977	319	34	353
Jardim Kênia	1985	1984	119	29	148
Jardim Ipê	1979	1979	136	31	167
Jardim Ipê Prolongamento	2000	2000	11	49	60
Jardim Guanabara	1971	1980	279	106	385
Jardim Liberdade	1983	1983	1.251	798	2.049
Jardim Gramado	1983	1983	241	52	293
Jardim Gramado Dois	1992	1996	68	21	89
Jardim Ebenezer	2008	2008	52	3	55
Jardim Das Hortências	2005	2005	368	4	372
Jardim Bela Vista	1977	1977	145	26	171
Jardim Assunção	1984	1984	122	27	149
Jardim Assunção II Parte	1984	1984	95	18	113
Jardim América	1980	1979	86	118	204
Bairro Santa Cruz	1976	1972	557	108	665

Quadro 3: **Dados referentes aos bairros contidos na Microbacia do Córrego Canivete**

Fonte Moreira, (2017)

Organizador: Soares (2018)

A ocupação na Microbacia surgiu a partir da Vila Operária e, posteriormente, foi se desenvolvendo de forma descontínua na Microbacia do Córrego Canivete, devido à implantação descontínua de loteamentos na cidade como um todo, gerando grandes vazios urbanos e áreas passíveis de especulação e supervalorização sem infraestrutura.

Para Carlos (2008, p. 86):

O uso do solo urbano será disputado pelos vários segmentos da sociedade de forma diferenciada, gerando conflitos entre indivíduos e usos. Esse pleito será por sua vez, orientado pelo mercado, mediador fundamental das relações que se estabelecem na sociedade capitalista, produzindo um conjunto limitado de escolhas e condições de vida.

Essa disputa pelo espaço de forma desigual do ponto de vista econômico, levou a ocupação a que ocorresse de forma distinta e isso foi produzindo no sujeito formas distintas de perceber o espaço e lidar com ele na medida que aconteciam as transformações.

Tendo por base o quadro 3 foi elaborado o quadro 4, onde estão arrolados por décadas a implantação dos diversos loteamentos na microbacia do Córrego Canivete. É observado que as décadas de 1970 e 1980 apresentaram os maiores percentuais, respectivamente 30,61% e 34,69%, os seja, as duas décadas concentraram 65,30% dos empreendimentos. Se a este percentual for somada a década de 1960 perfará 75,50% dos totais de loteamentos implantados representando  $\frac{3}{4}$  da produção do espaço. No entanto vale ressaltar que a ocupação desses empreendimentos foi gradual mas, um aspecto não pode ser esquecido: o crescimento urbano de Rondonópolis das décadas de 1960 a 1980 ocorreu de forma mais intensiva para o norte e nordeste da mancha urbana da cidade, situação esta, modificada nas décadas posteriores quando a expansão urbana foi acentuada a oeste e leste do perímetro urbano. Outro aspecto importante é que a margem esquerda do Córrego Canivete é parte integrante do Distrito da Vila Operária, não pertencendo ao Distrito Sede.

Década de Implantação	Quantidade de Loteamentos	Frequência Relativa (%)
1950	0	0
1960	5	10,2
1970	15	30,61
1980	17	34,69
1990	5	10,2
2000	7	14,29
2010	0	0
Total	49	-

Quadro 4: **Implantação de loteamentos por década**

Fonte: Quadro 3

Organizador: SOARES, A. E. (2018)

Observação: Cerca de três empreendimentos não tiveram a data de implantação divulgada.

Resta então saber como estava caracterizado esse espaço na percepção dos moradores. Nesse ponto é de suma importância o tempo de residência no local, ou seja, quanto mais tempo de residência maior o espaço vivido.

### 3.3 O AMBIENTE PRETÉRITO E OS ATRATIVOS PARA O LUGAR

O espaço natural aos poucos passa por mudanças a partir do momento da intervenção humana. No espaço vivido pelos moradores é destacado por eles a presença de diversos animais que estabeleceram até uma certa relação quando “visitavam” o fundo de suas casas como pássaros e cutia.

No gráfico 4, estão apresentados os animais mais citados pelos entrevistados que já foram vistos nas redondezas do Córrego Canivete:

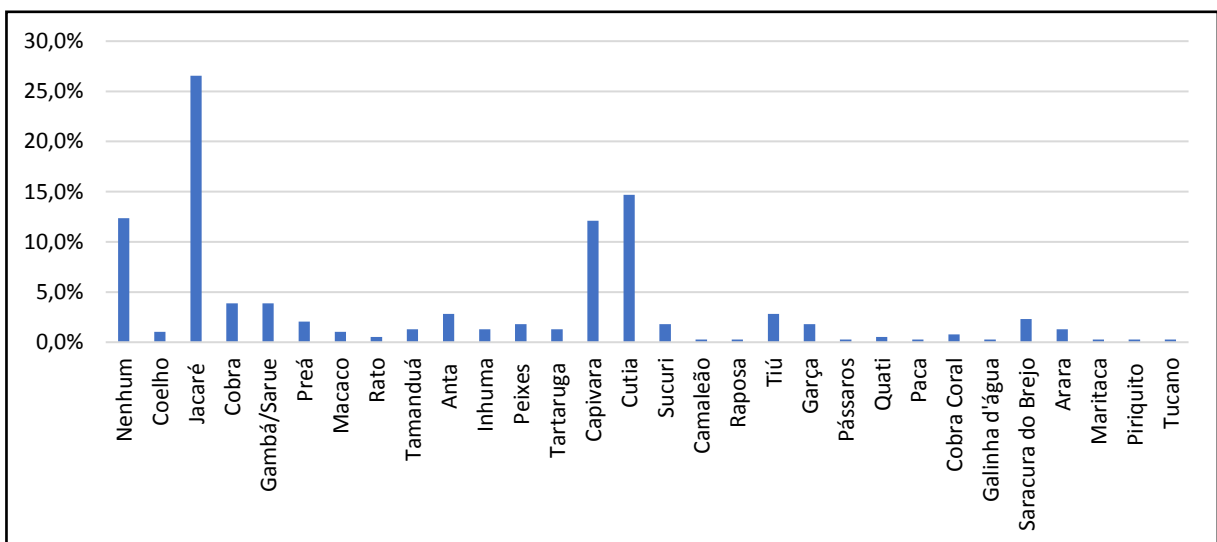


Gráfico 4: Animais vistos nas redondezas do Córrego Canivete

Fonte: Trabalho de Campo

A fauna e flora que existia foi desaparecendo para ocupação/produção do espaço na Microbacia, e essa ação social no referido espaço desprovida de planejamento, produziu uma transformação irreversível do ponto de vista natural da hidrografia, fauna e flora.

A necessidade de ocupar o espaço e assim fixar uma moradia leva o sujeito a aceitar algumas condições que normalmente não seriam aceitas se o seu conhecimento ou o seu poder de compra fosse maior que outrora. A precariedade ou riscos que pudessem existir foram ignorados na ânsia em se adquirir a casa própria que fosse mais próximo possível do centro da cidade.



O gráfico 5, apresenta as características do córrego quando os entrevistados foram morar no local.

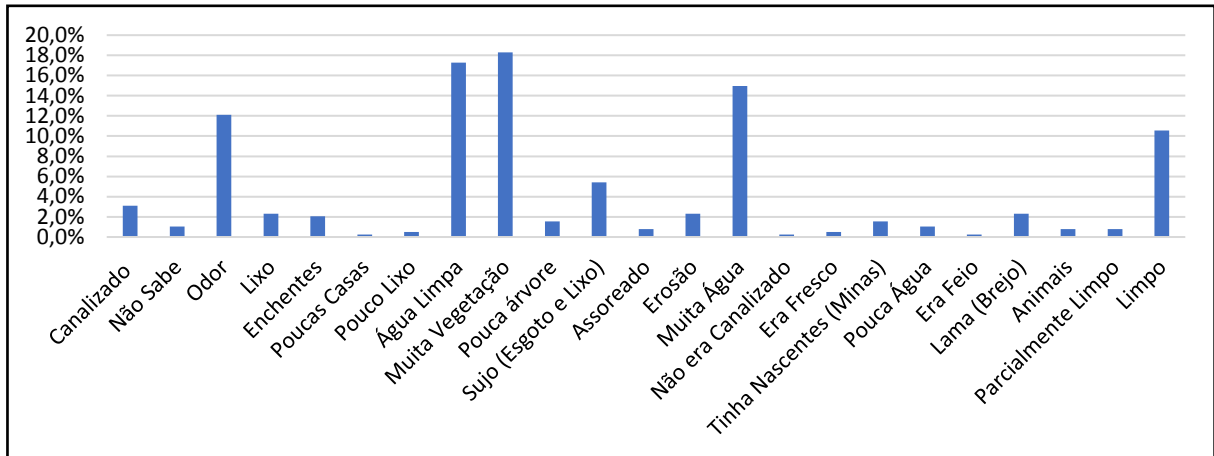


Gráfico 5: Características do córrego quando se fixou no local

Fonte: Trabalho de Campo

Os bairros contidos na Microbacia são constituídos por elementos que Carlos (2008) explica como sendo responsáveis pela evolução gradual do preço do solo e pelas condições de produção e reprodução do espaço urbano, como o aumento de gastos, consequência da aglomeração de pessoas na cidade determinada pelo poder aquisitivo dos indivíduos e empresas. Assim, o crescimento populacional leva também à necessidade por novos espaços e, o crescimento físico da cidade, conduz para uma política de zoneamento condicionando a localização de atividades e espaços residenciais conforme as classes sociais. Aos mais pobres cabiam os espaços de riscos e carentes de infraestrutura nas proximidades.

Essa condição é evidenciada nos gráficos 6, 7 e 8 que apresentam informações acerca da ocupação próxima ao Córrego Canivete e suas possíveis motivações.

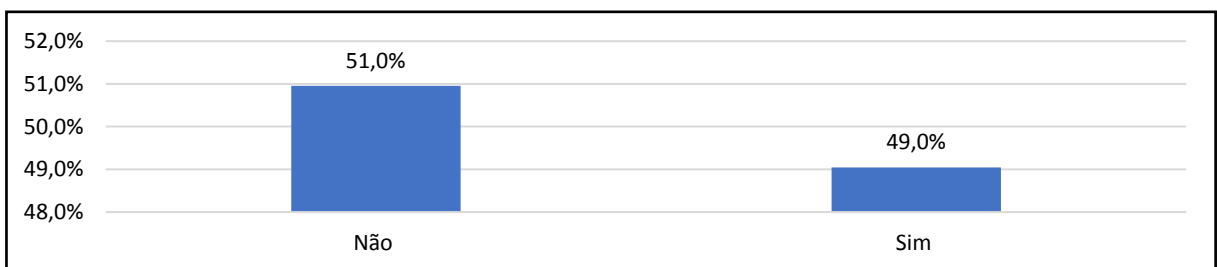


Gráfico 6: Presença de ocupação nas proximidades do córrego

Fonte: Trabalho de Campo

É possível perceber que existiam ocupações nas proximidades do Córrego Canivete, ainda que essa prática não é mais comum de ocorrer naquele espaço. Alguns pesquisados descreveram que as terras que circundavam o córrego eram pertencentes a proprietários de chácaras e sítios, mas existiam áreas que não se sabia quem era o dono da terra, isso facilitou inicialmente algumas ocupações.

As ocupações ocorridas nas décadas de 1990 e anos 2000, segundo alguns moradores antigos, ficaram caracterizadas por constituírem residências e até mesmo “barracos” próximos ao córrego o que, posteriormente, nos períodos de chuva, levava a queda de alguns “barracos” devido as enchentes. Essas ocorrências contribuíram para que despertassem em alguns moradores a vontade de canalizar o córrego, descrevem alguns pesquisados.

No gráfico 7, está presente o percentual de moradores que declararam presenciar a construção de casas do tipo alvenaria nas proximidades do Córrego Canivete.

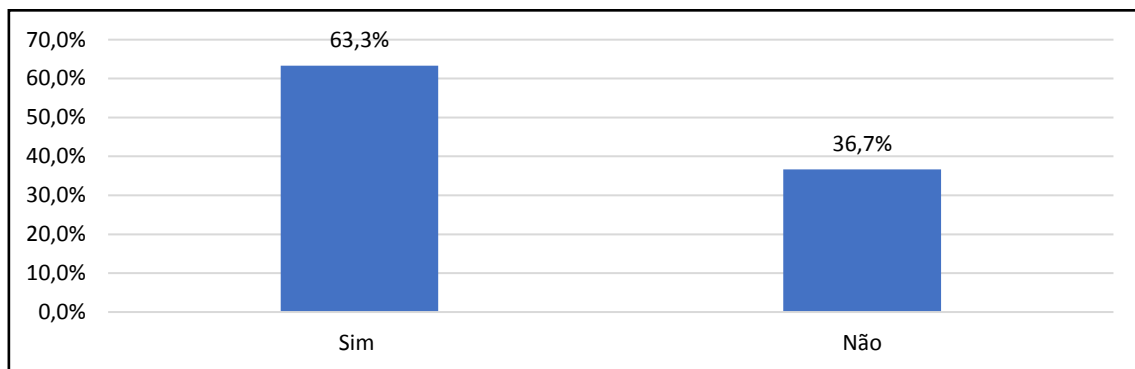


Gráfico 7: **Construção de casas na proximidade do córrego**

Fonte: Trabalho de Campo

Os moradores antigos explicam que a prefeitura não promovia mutirões de limpeza do bairro com certa frequência o que contribuía para o aumento do mato, uma vez que a região tinha muitos terrenos baldios, e isso incentivava o descarte de resíduos nas proximidades do córrego, produzindo um ambiente desconfortável e naturalizando a prática.

Com base nos relatos, no passado, aquele espaço em que viviam, era por vezes produzido espontaneamente, levando a população a um nível de autonomia para atuar na constituição do mesmo, dando forma, função e estrutura através dos processos que ali se desenvolviam.

Essa autonomia estava não só na sua condição de idealizador das transformações mais pela necessidade de se ter uma propriedade, sendo esta adquirida por meio da compra, da

ocupação, ou por meio da doação, pois a prefeitura não dava suporte para estes no que diz respeito às regras de controle que orientassem a ocupação do espaço.

Esse “descontrole” sucessivo de várias gestões contribuiu para uma naturalização das atitudes que a sociedade sabidamente entende como sendo prejudicial para a qualidade ambiental (não somente na questão da natureza mas também no ambiente urbano/social), uma vez que resíduos foram carreados ao córrego e, a água foi perdendo cada vez mais sua qualidade que outrora fizera ser possível banhar-se, lavar roupas e até mesmo bebê-la.

Assim como já levantado, a necessidade de fixar sua moradia foi para muitos uma das prioridades estabelecidas ao chegarem na cidade. Apesar de existir uma disposição de terra maior no espaço urbano nas décadas de 1970, 1980 e 1990 a luta por espaço era ditada pelas condições financeiras de cada sujeito.

Carlos, (2008, p.95) explica que:

As contradições sociais emergem, na paisagem, em toda a sua plenitude, pois aqui os contrastes e as desigualdades de renda afloram, já que o acesso a um pedaço de terra, o tamanho, o tipo e material de construção vão espelhar mais nitidamente as diferenciações de classe.

Essas contradições sociais são evidenciadas a partir do depoimento de uma porção considerável dos moradores que descrevem as dificuldades enfrentadas para compra da terra ou imóvel. O que mais condicionou a compra nas proximidades do córrego foi o preço baixo da terra, assim são os relatos de muitos entrevistados.

Carlos (2008) ainda coloca que o acesso a habitação ou parcelamento de terras serão oferecidos diferentemente de acordo com a renda formando uma divisão ou camadas sociais que terão localidades diferentes na cidade. Assim a parcela de terra que se encontra dentro da Microbacia do Córrego Canivete, dado o momento histórico de implantação do loteamento, foi destinada à comercialização para uma camada de baixo poder aquisitivo.

No gráfico 8, estão arroladas as principais razões que levaram os entrevistados a residirem próximo ao Córrego Canivete.

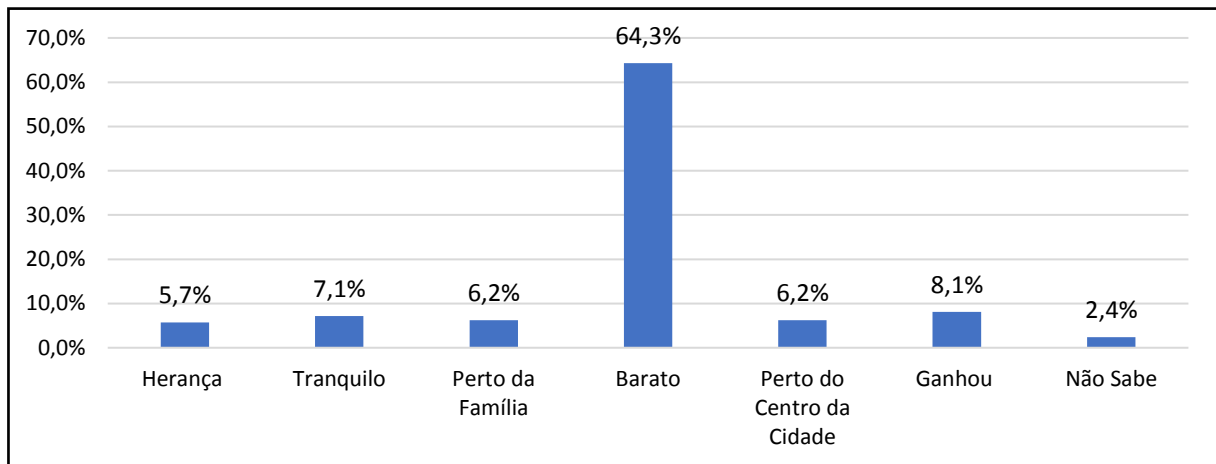


Gráfico 8: **Razões de morar próximo ao Córrego Canivete**

Fonte: Trabalho de Campo

Essa condição socioeconômica determina ao sujeito uma produção espacial que pode não ser o seu desejo real inicial. Mesmo que essa condição seja negada pela sua limitação socioeconômica, para Lefebvre, cada indivíduo age com os seus múltiplos pertencimentos e aquilo que de fato o constitui inicialmente, sendo então suas ações, gestos, costumes (o que implica em pertencer a um grupo de família, vila ou cidade), e ainda suas atividades e carga simbólica de afetividade, perfazendo um conjunto de situações que também relacionam o homem ao espaço.

Portanto vale salientar que muitos não escolheram tal parcela da terra para sua fixação pelas características ambientais, ou de estar próximo ao centro, ou ainda de estar com uma infraestrutura ideal para vida na cidade, mas sim devido ao valor acessível à terra ou imóvel. Contudo, através de seus gestos, ações e pensamentos traduzidos no cotidiano, naquele espaço, contribuiu para a produção material do espaço carregado de simbologia e principalmente afetividade.

### **3.4 A POPULAÇÃO RIBEIRINHA E AS TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO E ESPAÇO**

Negri (2008) diz que como a maioria das cidades de porte médio, Rondonópolis tem por característica um acelerado crescimento urbano do seu espaço e da sua população o que possibilitou o surgimento de inúmeras contradições sociais e espaciais.

Na Microbacia do Córrego Canivete é identificável tal processo ao observar os modelos arquitetônicos das casas (demostram o momento histórico, técnico, econômico e social que foram produzidos) e também ao se observar que existem tipologias de bairros na Microbacia do Córrego Canivete, onde grande porção dos bairros foram constituídos por doações da prefeitura, iniciativa de organização filantrópica ou ainda ocupação irregular, contudo, mais recentemente nos vazios existentes nesses bairros pode-se observar a construção de casas financiadas pelo programa habitacional do Governo Federal “Minha Casa Minha Vida”.

Negri (2008) explica que a segregação socioespacial é resultado de um processo de crescimento acelerado da cidade vinculado aos vários períodos econômicos pelos quais o município passou, e que esteve em consonância com a expansão da fronteira agrícola a partir da década de 1970, baseada na pecuária extensiva e na monocultura da soja. Esses elementos marcantes historicamente foram responsáveis juntamente com o elemento político vigente nesse processo por condicionar a produção espacial da Microbacia do Córrego Canivete como a conhecemos hoje.

Esse processo pode ser visualizado minimamente na figura 6, onde é apresentada a evolução temporal nos períodos de 1984, 1994, 2004, 2014 na Microbacia do Córrego Canivete.

No período de 1984, é possível observar a quantidade de vazios urbanos existentes na bacia, onde grande parte deles eram chácaras que tinham atividades rurais como seu propulsor de geração de renda para muitos na região.

No ano de 1994, consta o aumento de loteamentos e construções de casas e comércios e o início do incremento do asfaltamento na microbacia do córrego. Nesse ano consta o aumento das atividades produtivas do espaço urbano nos bairros Jardim Gramado I e II, Jardim Santa Clara II e Jardim Tropical, enquanto em outros bairros, como o Jardim Pindorama, Jardim Santa Clara I e Jardim Luz D’Yara, houve um crescimento discreto nesse período.

Com relação ao ano de 2004 pode-se notar muitos vazios ainda existentes, contudo o aumento de construções de casas continua e agora ganha um impulso com financiamentos do tipo “Minha casa Minha Vida” onde se destaca o residencial Quitéria Terruel nas proximidades da “cabeceira” do Córrego Canivete. A ocupação desigual e sem ordenamento direcionado pelo poder público fica evidenciada na diminuição das manchas verdes existentes no ano de 2004 para com comparação ao ano de 1994, onde evidencia-se uma desarmonia das atividades

antrópicas com o meio natural que já estava sendo impactado desde a formação do distrito de Vila Operaria.

Segundo Souza (2017), em 2009 foi implantado o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e a regularização de áreas fundiárias ocupadas o que se pode salientar que esse processo político impactou no adensamento de habitações na microcia do córrego.

Em relação ao período de 2014, ocorreu a intensificação de asfalto, casas e comércios e início das obras de canalização do Córrego Canivete ocasionando a derrubada de várias árvores e a destruição da vegetação existente que resistiu à ação antrópica além disso, muitos animais foram afugentados decorrentes do povoamento adensado e das obras de canalização.



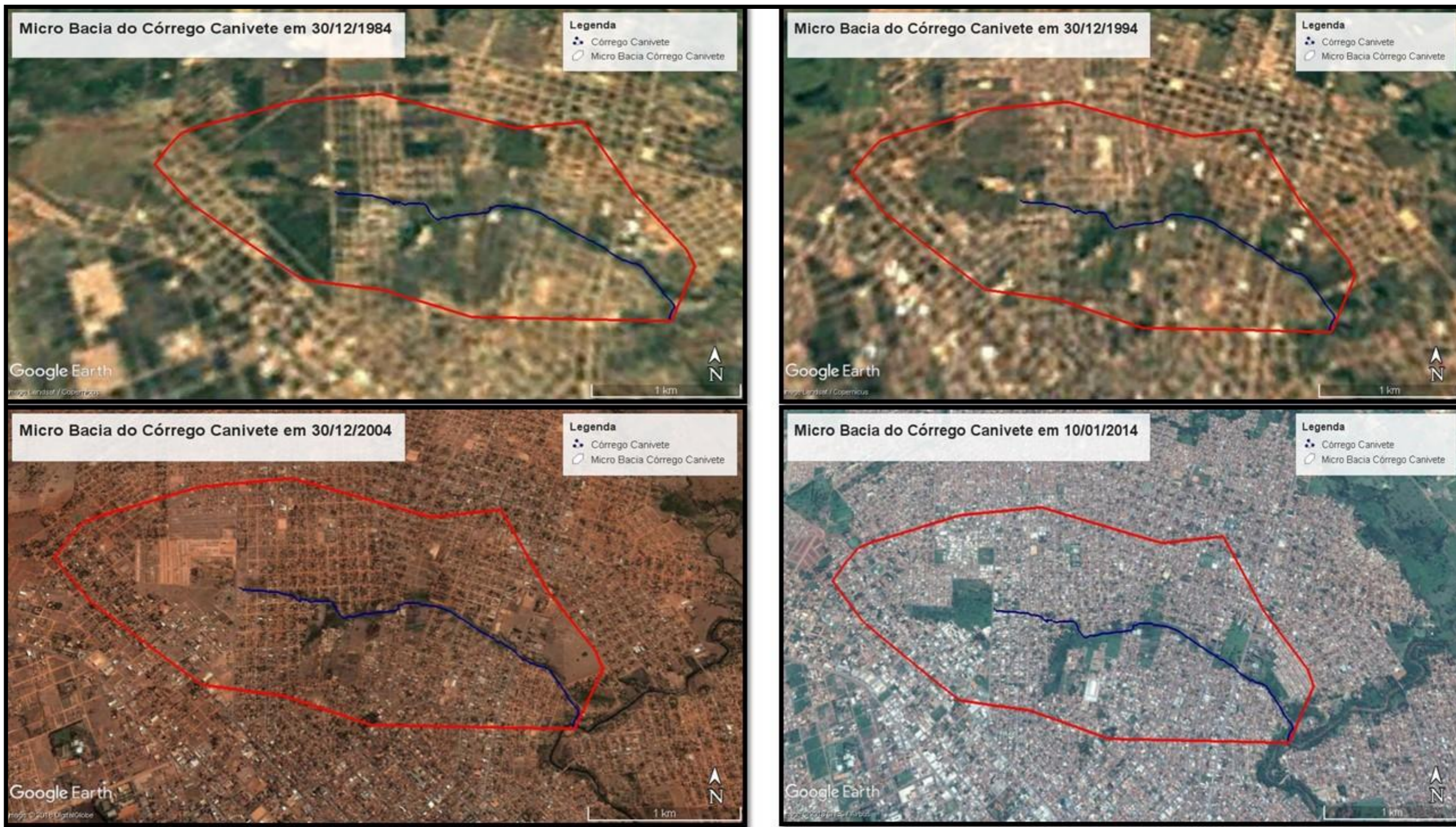


Figura 6: Evolução Temporal na Microbacia do Córrego Canivete.

Fonte: Google Earth (2018)

Organizador: SOARES, Eduardo Alves. (2018)



Durante esse processo percebe-se que em diferentes recortes temporais a produção espacial é resultado de diversas características econômicas dos indivíduos e também, na inoperância do município no sentido de organizar e controlar os espaços e suas funções, após e durante sua produção, o que contribuiu para segregação socioespacial, um dos principais fenômenos propulsores da produção espacial na Microbacia do Córrego Canivete.

Nesse sentido Negri (2008, p.15) explica:

O que se pode afirmar a priori é que essas relações nos dias atuais se dão muito mais em função de fatores econômicos. As maneiras como as classes se distribuem no espaço urbano depende do acúmulo de capital individual que cada um consegue ter. Morar em um bairro popular não depende somente de suas características culturais, étnicas ou raciais, mas da reprodução da força de trabalho que o capital precisa para reproduzir-se. A segregação não é simplesmente e somente um fator de divisão de classes no espaço urbano, mas também um instrumento de controle desse espaço.

Assim os agentes produtores do espaço urbano levam a contribuir para a paisagem atual no entorno do Córrego Canivete e de sua bacia, ainda que tenha sido constituído por diversos interesses e objetivos e que por vezes, originou um espaço em divergência ao concebido inicialmente.

Um elemento que se encaixa na ideia de espaço concebido de Lefebvre é que as pessoas que residem próximo aos cursos d'água imaginam que aquele espaço tenha muita vegetação, animais e algum tipo de aumento das águas no período de chuva, no entanto percebem que este espaço concebido, (espaço produzido nas ideias) é diferente do espaço vivido.



Ao olhar-se para o Gráfico 9, pode-se observar que os pesquisados em sua maioria disseram que a prática de jogar lixo nas proximidades do Córrego Canivete antes da canalização era comum e, isso gerava incomodo principalmente para aqueles que residiam mais próximos do córrego, uma vez que o odor e os animais peçonhentos apareciam com maior frequência.

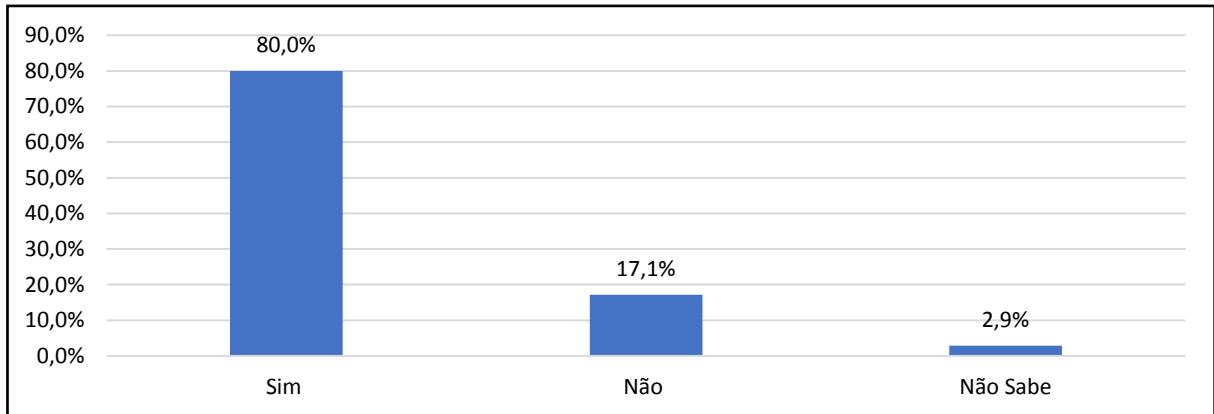


Gráfico 9: **Naturalização em destinar resíduos nas proximidades do córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

O espaço vivido de Lefebvre se apresenta nessa realidade onde as ações dos moradores ou de outros viventes da cidade produzem uma realidade que aqueles moradores entrevistados vivenciaram.

Continuando, os elementos que se descartam nesses espaços próximos aos córregos ou rios são resíduos que naturalmente não são facilmente coletados pelos serviços de coleta de lixo da cidade, como pneus de automóveis, móveis domésticos, restos de construção e animais mortos. Muitos pesquisados apontam que esses espaços que possuem muita vegetação são entendidos como espaços de abandono e se tornam assim passíveis de receberem lixo.

Apesar de muitos entenderem dessa forma, na “cabeceira” do Córrego Canivete (antiga nascente do córrego) encontra-se uma vegetação em constante desenvolvimento, em um processo de resiliência contando com o apoio de moradores adjacentes a esta área.

A figura 7, é o panorama da vegetação alterada devido à extração de argila naquela área.

Na foto 1, está em destaque a Avenida Goiânia e ao seu lado o início da canalização “tubular” conhecidas como manilhas. Na foto 2, 3 e 4 estão em sequência com a foto 1 em que destaca-se a recuperação da vegetação uma vez que este espaço já foi utilizado para retirada de argila para produção de tijolos e telhas.



Figura 7: Área verde onde localiza-se a nascente principal do Córrego Canivete  
Fonte: Pesquisa de Campo (2018)

Esse comportamento é atualmente um grande desafio para a sociedade, principalmente a brasileira, onde a prática de preservar o ambiente ainda não está naturalizada na vida de muitos indivíduos, o que agrava a degradação na fauna e flora no entorno dos cursos d'água, sobretudo no meio urbano.

O gráfico 10, apresenta a descrição dos principais resíduos descartados nas proximidades do Córrego Canivete:

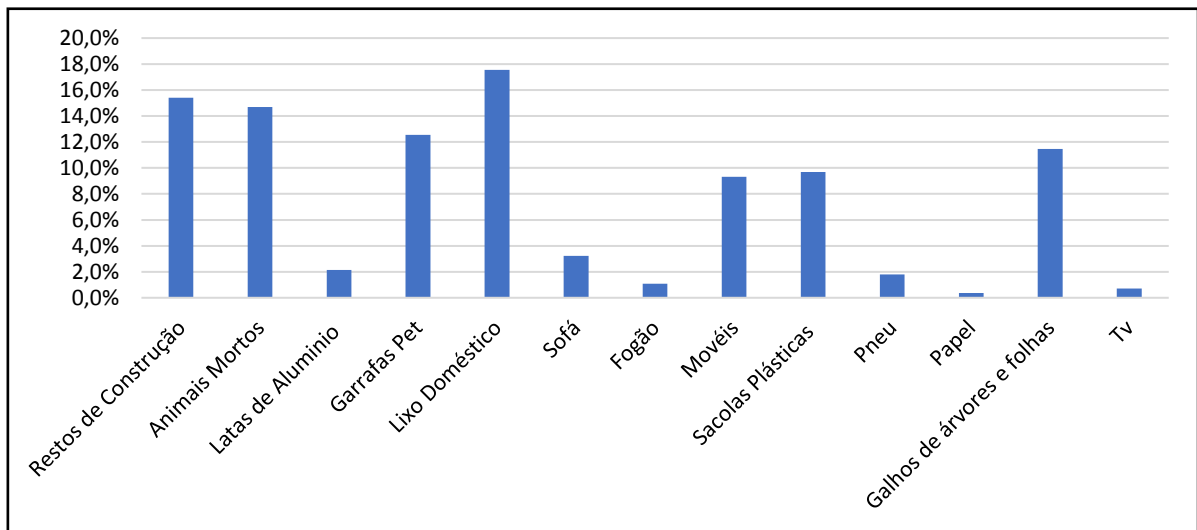


Gráfico 10: **Tipos de resíduos encontrados nas proximidades do córrego segundo os entrevistados**  
Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A correria da vida dinâmica na cidade leva a níveis de stress e de forte pressão nas pessoas, isso por vezes também desencadeia atitudes incoerentes com as boas práticas socioambientais que se deve ter. Os entrevistados dizem em sua maioria não ter jogado quaisquer tipos de resíduo nas proximidades do córrego, mas ao responder muitos hesitaram e coloca-se em dúvida sua resposta.

É do entendimento mútuo que os moradores não querem nenhum tipo de resíduo nas proximidades de sua vizinhança, mas, ainda assim o que se observa é que muitos disseram que os próprios vizinhos depositam resíduos na área verde do córrego.

Veja no gráfico 11, o total de moradores que declararam ter jogado lixo nas proximidades do Córrego Canivete:

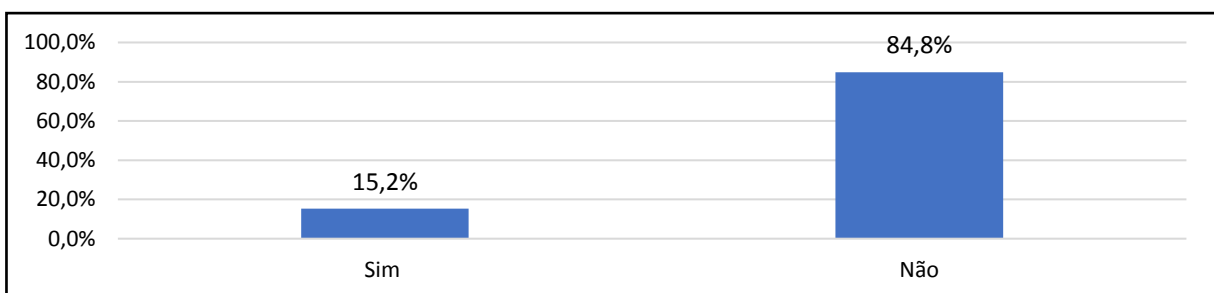


Gráfico 11: **Moradores que declararam ter destinado resíduos nas proximidades do córrego**  
Fonte: Trabalho de Campo (2018)

No Brasil ainda é recente a implantação de saneamento básico, essa realidade faz parte na constituição da produção espacial da Microbacia do Córrego Canivete, e principalmente para uma parcela considerável dos pesquisados que são antigos moradores, pouco mais de 24% (veja no gráfico 2, que entre as informações mostra moradores que residem de 31 a 40 anos e mais de 41 anos), os quais conviveram alguma dificuldade com o saneamento.

Na atualidade ainda existem parcelas de bairros na Microbacia do Córrego Canivete que não tem rede de esgoto instalada e em funcionamento o que obriga muitos a continuarem utilizar o sistema de fossa séptica, onde a destinação dos resíduos e fluidos entram em contato com o solo e infiltram no subsolo, chegando ao lençol freático, contaminando a água subterrânea da bacia.

Em tempos de falta de infraestrutura de saneamento, estes moradores antigos destinavam resíduos de esgotamento em direção ao córrego, mas essa prática não deveria se repetir nos moldes atuais de vida na cidade, haja vista que o avanço na engenharia sanitária é significante.

Na figura 8, estão indicados os principais trechos de destinação de resíduos (incluindo animais mortos), relatados pelos pesquisados.

A foto 1, marca o início da canalização tubular na Avenida Goiânia. A foto 2, marca o início da canalização aberta e fica evidenciada uma residência que destina esgoto no córrego. A foto 3, na Avenida Bandeirantes e a foto 4, na Avenida José Barriga são locais com alto índice de descarte de resíduos, principalmente em sacolas plásticas.



Figura 8: **Principais trechos utilizados como depósito de resíduos no córrego**  
Fonte: Trabalho de Campo (2018)



Na figura 8 estão identificados trechos da Avenida Goiânia, Sebastiana Maria de Jesus, Avenida Bandeirantes e Avenida João Ponce de Arruda, locais considerados pelos moradores como pontos de descarte de resíduos comumente carregados nas mãos como, sacolas, garrafas pets, latinhas de refrigerantes ou cervejas e ainda animais mortos que são envolvidos em sacos de náilon e rapidamente lançados as margens ou até mesmo dentro do córrego.

Na figura ainda é possível ver a destinação de resíduos sanitários de uma residência situada no leito do córrego, mas que segundo moradores já havia sido por várias vezes notificada pela prefeitura a respeito dessa prática irregular, porém ainda não corrigiu a ação ilícita.

Parcela dos moradores (mais de um terço dos entrevistados), presenciaram alguma residência destinando esgoto no Córrego Canivete, o que leva esse dado a ser assustador haja visto que o caso da foto 2 não é um caso isolado.

No Gráfico 12, os moradores responderam se já haviam destinado esgoto no córrego, a grande maioria respondeu negativamente, mas como citado anteriormente, estes tinham a sua fossa que contamina por outro lado as águas subterrâneas.

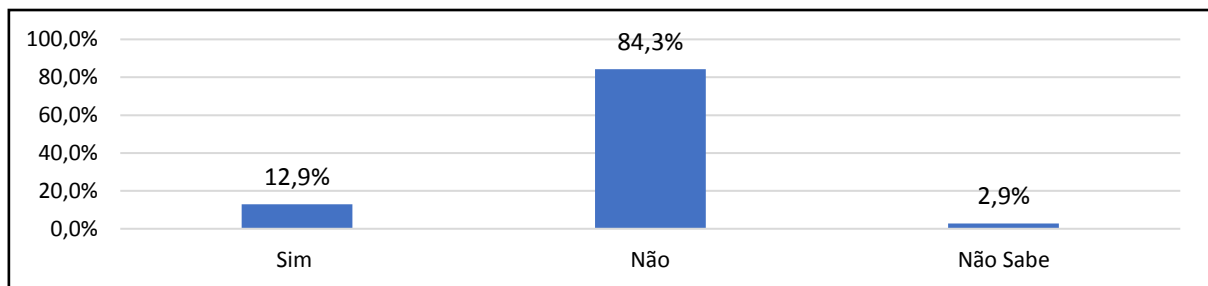


Gráfico 12: **Moradores que declaram ter destinado esgoto no córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Veja no gráfico 13, a porcentagem de entrevistados que relataram ter visto residências conectando efluentes domésticos diretamente no Córrego Canivete e, tal informação, é vista por muitos como algo natural, uma ação normal, uma vez que dizem que essa prática é antiga.

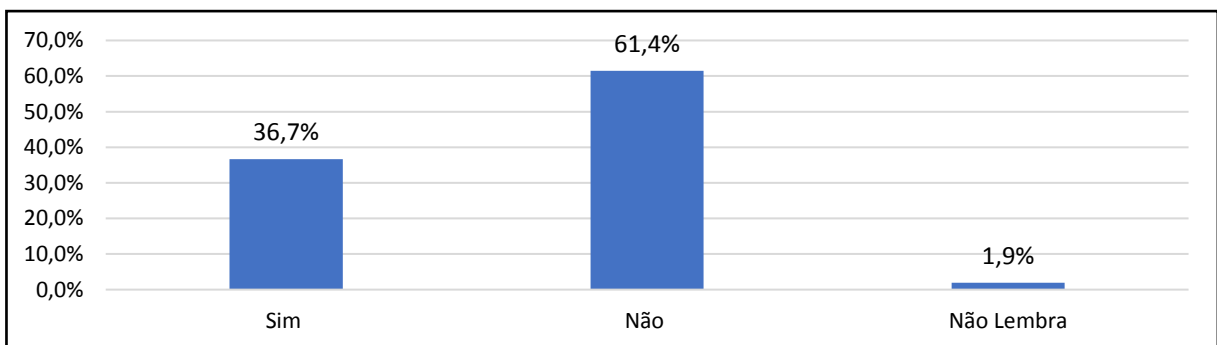


Gráfico 13: **Moradores que identificaram residências que destinaram esgoto ao córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

É importante cada cidadão estar envolvido em boas práticas com o meio ambiente e agir, dessa maneira, conscientizando e mobilizando a comunidade, onde a denúncia surge como um mecanismo que vem a coibir a ação negligenciada do infrator. Ainda assim, existe em muitos o receio da denúncia mesmo que seja sigilosa, pelo medo em ser descoberto, criando dessa forma algum atrito ou mesmo o temor de problemas futuros para si, em virtude, opta por não realizar a denúncia.

O gráfico 14, apresenta o percentual de moradores que realizaram denúncias quando presenciaram algum morador destinando esgoto em direção ao córrego.

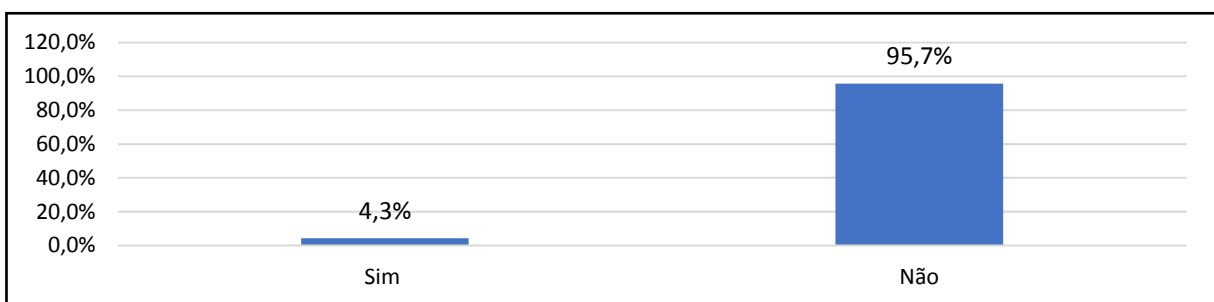


Gráfico 14: **Moradores que presenciaram e denunciaram o descarte de resíduos nas proximidades do córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Mesmo considerando os 95,7% apresentados no gráfico 14, compreendendo os que não denunciaram, pouco mais de 31% destes moradores, tinham receio em realizar a denúncia por crime ambiental uma vez que acreditavam que o infrator poderia retaliar sobre a sua família.

Muitos ainda disseram que não presenciaram ninguém jogando lixo no local e isso dificultava qualquer tentativa de conversar com o infrator para que não continuasse com essa prática nas proximidades do córrego.

O gráfico 15 apresenta a razão dada pelos moradores para não efetuar uma denúncia nos órgãos responsáveis pela postura municipal.

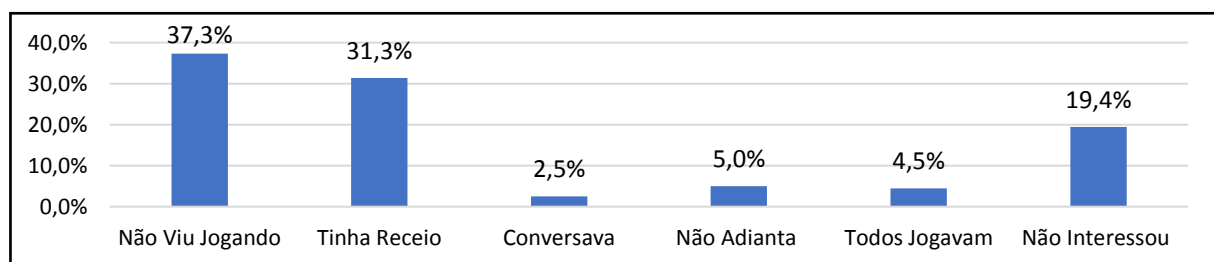


Gráfico 15: **Razões pelas quais não denunciou a deposição de resíduos nas proximidades do Córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Mesmo sendo pequeno o percentual dos moradores que denunciaram esse tipo de conduta, 4,3% dos entrevistados, dentre esses a maioria justificou que essa ação sujava e gerava mau cheiro quando se depositava o lixo e por isso faziam a denúncia. Outra parcela disse que era esgoto o resíduo jogado e por essa razão denunciaram o infrator. No gráfico 16, estão discriminados os motivos daqueles que realizaram as denúncias.

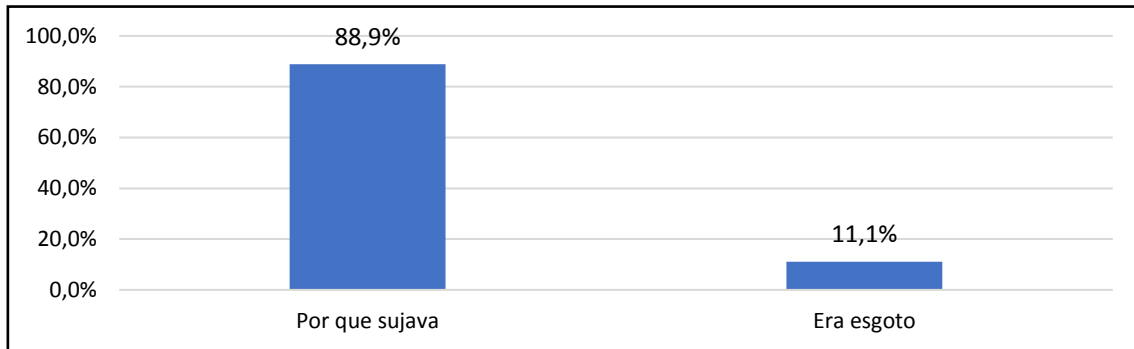


Gráfico 16: **Razões pelas quais denunciou o descarte de resíduos nas proximidades do córrego**  
Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Um aspecto que levantou surpresa de alguns moradores foi quando perguntado sobre o aproveitamento das águas do córrego para o desenvolvimento de alguma atividade como irrigação, pesca, lavagem de roupas, limpeza pessoal entre outras finalidades. A surpresa se deu naqueles que não foram antigos moradores pois conhecerem apenas o córrego poluído e fétido, sem condições de utilização. Como não experienciaram outra realidade no local, não admitiam outra possibilidade de uso para o curso d'água.

Segundo relato de alguns moradores há cerca de 16 anos atrás ainda haviam crianças que se banhavam em alguns trechos do córrego como nos fundos da Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo no bairro Jardim Vera Cruz, mesmo já sofrendo alguma forma de poluição. Por outro lado, alguns disseram que no passado banhavam-se e lavavam roupas entre outras atividades, quando eram jovens, acerca de 20 a 30 anos atrás.

Este contado com o espaço e a vivência destes com o córrego levaram muitos a terem um apego ao lugar pois não imaginam sair de suas residências, uma vez que o valor de uso do imóvel ainda é predominante sobre o valor de troca. Ainda assim, eles externam que o lugar já melhorou muito com relação aos problemas que existiam antes (enchentes, animais como sapos e aranhas, o lixo, mato alto entre outros), e isso levou a uma valorização dos imóveis e do seu entorno.

No gráfico 17, está descrito o percentual dos moradores que utilizaram ou tiveram familiares que fizeram uso das águas do Córrego Canivete.

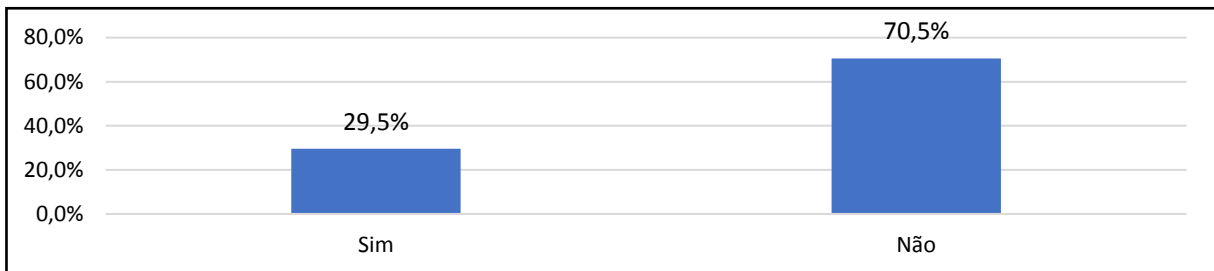


Gráfico 17: **Famílias que já utilizaram das águas do córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Com relação aos que utilizaram ou que possuem parentes que o fizeram, cerca de 29,5%, destes, metade afirmou que o uso foi para banho durante a juventude, onde segundo os próprios entrevistados “tudo era diversão”. De forma nenhuma estavam preocupados com a qualidade da água, pois aparentemente ela não era suja e não tinha odor desagradável. Outro percentual considerável informou que o uso da água era destinado para a lavagem de roupas com 22,6%. Isso caracteriza os moradores mais antigos no local.

Grande parte dos moradores que utilizaram a água do córrego disseram que sentem saudades daquele córrego, pois a água era límpida, havendo ainda muitas nascentes nas margens do córrego.

O gráfico 18, apresenta as finalidades do uso da água do Canivete pelos moradores que declararam a utilização das águas do córrego.

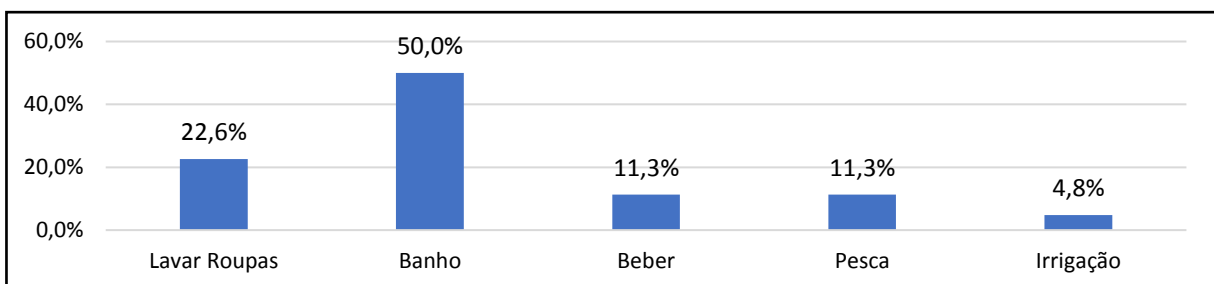


Gráfico 18: **Finalidade do uso da água do córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Muitos moradores se fixaram nas proximidades do Córrego Canivete bem como em sua microbacia, com pouca ou nenhuma infraestrutura o que dificultava as condições de vida na cidade, fato agravado pelas condições financeiras, o que levou alguns a formarem hábitos que levaram a intensificar com o tempo os danos ao Córrego Canivete.



Muitos tem a consciência de que a deposição de resíduos nas proximidades do córrego é prejudicial ao ambiente natural, mas assim faziam porque não tinham alternativas, sejam alternativas dadas pelo poder público ou encontradas pelos moradores, não tinham como pagar um frete para destinar o resíduo a local apropriado. Ainda assim tinham aqueles que por questão comportamental e de desconhecimento, segundo relatos, descartavam diversos objetos inservíveis, pois entendiam que nas proximidades do córrego era um local de abandono.

Mesmo havendo moradores contrários a essa prática, vários não se manifestavam devido ao receio de ameaças, optando pelo silêncio. Contudo, alguns denunciaram e ainda que descrentes de alguma punição, faziam a denúncia com o intuito de minimizar aquela ação.

Uma parcela de 29% dos pesquisados que fizeram uso das águas do córrego, mantendo uma relação direta com o mesmo, tem consciência que o córrego chegou em níveis de impactação preocupantes, devido às ações de pessoas desprovidas de qualquer preocupação com o ambiente.

### **3.5 OS PROBLEMAS DO PASSADO/PRESENTE E A SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO COM A CANALIZAÇÃO**

A população ribeirinha do Córrego Canivete teve por anos imaginado como seria o córrego e ao seu redor após as obras de canalização concluídas, isso fez com que alguns desses moradores insistissem em continuar residindo nas proximidades do córrego na esperança de que os problemas que ali existiam como o mau cheiro e as enchentes bem como danos as vias que cortam o córrego pudessem não mais existir.

Em entrevista ao site Primeira Hora um antigo morador do bairro Jardim Tropical afirmou o quanto foi longa a espera pela canalização do córrego. O senhor Crispiniano Joaquim da Silva disse o seguinte: “de córrego do pesadelo, hoje eu o chamo de córrego dos sonhos. E eu quero ver isso daqui terminado, pois hoje eu tenho esperança de que tudo isso daqui será transformado, hoje eu acredito que sonhar vale a pena, de que no futuro esse córrego será lindo, iluminado, com espaço para caminhada, e as novas gerações vão poder aproveitar mais que a gente”.

Segundo Lefebvre (2006, p.160):

Todo espaço social resulta de um processo com múltiplos aspectos e

movimentos: significativo e não-significativo, percebido e vivido, prático e teórico. Em suma, todo espaço social tem uma história, a partir dessa base inicial: a natureza, dado genuína e original (primária), pois dotada sempre e de todos os lados de particularidades (sítios, clima etc.).

Aqui Lefebvre ressalta que o espaço tem em sua constituição sua história e esta é marcada pelas dinâmicas produzidas no cotidiano e percebidas, o que as colocam como movimento constante de produção histórica da sociedade.

É possível perceber que em diversos momentos da sua história de ocupação em sua bacia, o Córrego Canivete foi imaginado por muitos moradores o quanto bom seria o lugar e o quanto valorizado se poderia tornar-se, assim a canalização não seria apenas para sanar os problemas de enchentes, sujeira e danos nas vias, mais também requalificar tal espaço que pudesse agregar valor aos proprietários de seus imóveis.

Ainda existem problemas nos bairros circunvizinhos do córrego que não tem relação direta com ele como o uso de drogas, segurança (a sensação de roubos e assaltos aumentaram segundo os moradores), e ainda a questão da limpeza nos bairros que deixam a desejar para muitos.

Veja no gráfico 19, os principais problemas enfrentados pelos moradores adjacentes ao córrego:

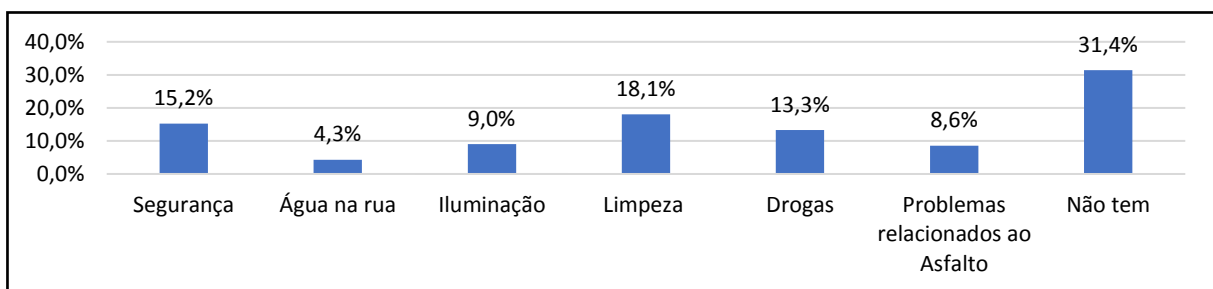


Gráfico 19: **Principais problemas enfrentados pelos moradores nas redondezas**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Outro problema que uma parcela consideravelmente disse ter vivido ou presenciou vizinhos viverem e que chegou a tirar o sono de muitos moradores eram as enchentes e a erosão. As enchentes principalmente para muitos era o grande problema.

Em uma entrevista no “site primeira hora” a moradora Natália Aparecida dos Santos Batista, disse que: “Me lembro como se fosse hoje o pesadelo que era viver aqui, à beira do

córrego, em época de chuva”. Aqui fica evidenciado uma experiência de uma moradora a cerca daquilo que ela vivenciou.

As enchentes além de trazer perdas materiais aos moradores (danificando suas casas e estragando móveis) ainda provoca danos as avenidas que transpõem o córrego, contribuindo também para o surgimento de erosões que ameaçavam desabar casas, ao deslocar porções de solo de vários terrenos conforme relatado por moradores.

O gráfico 20, apresenta os principais problemas apontados pelos moradores na região próxima ao Córrego Canivete.

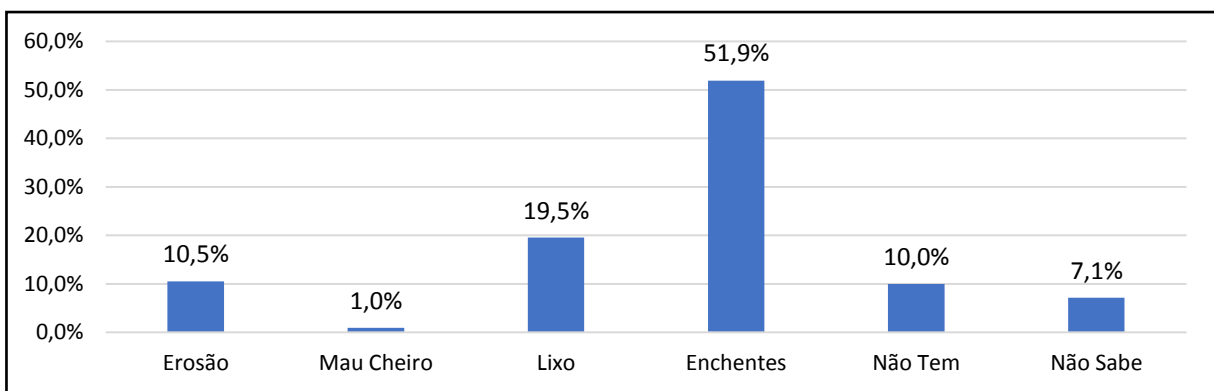


Gráfico 20: Os principais problemas com relação ao córrego

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

De forma geral a sociedade têm se atentado mais para as questões ambientais, aquecimento global, desmatamento, poluição das águas e produção exagerada de resíduos sólidos e com fim incerto de descarte, mas como mostra o gráfico 21, muitos se dizem preocupados com a qualidade do Córrego Canivete e apresentam relatos de que ficam desconfortáveis quando vê lixo jogado próximo ao córrego.

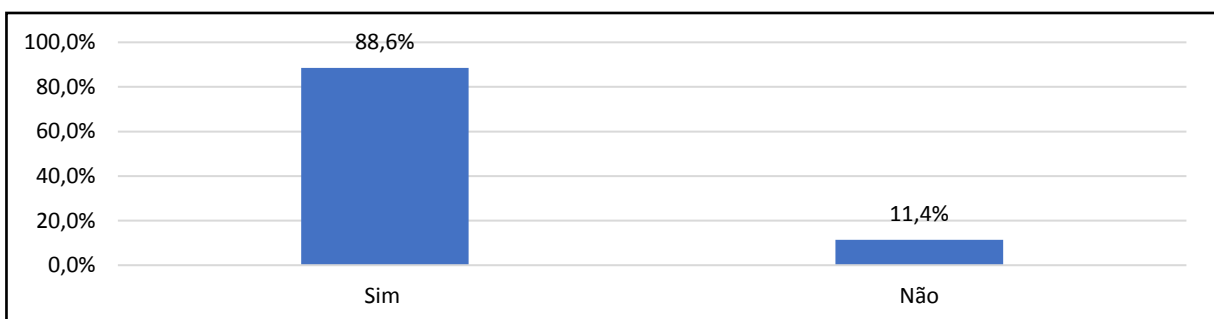


Gráfico 21: Percentual de preocupação com a qualidade do ambiente do córrego

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Contudo tal posicionamento fica contraditório uma vez que muitos relataram não ter feito nada para tentar preservar o córrego o que leva a entender a existência de uma conscientização com relação a conservação do meio ambiente natural, porém o que talvez seja preciso é a mobilização.

O gráfico 22, mostra as ações desencadeadas pelos moradores anteriores à canalização.

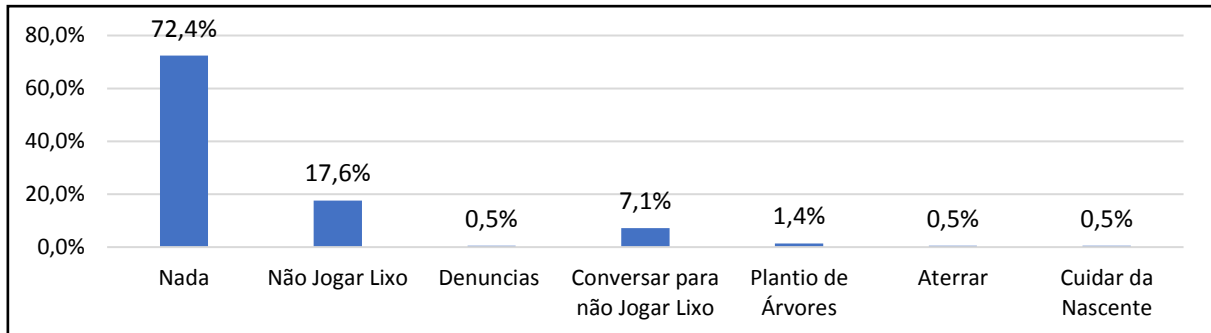


Gráfico 22: **Ações feitas pelos moradores para conservação do córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A necessidade da canalização para muitos é expressada através do contentamento com a canalização. No gráfico 23, nota-se que a preferência ao córrego canalizado é maior do que em comparação com o córrego antes da canalização, (aquele córrego que existia quando vieram morar no imóvel atual).

Muitos que preferiam o córrego canalizado explicaram que o poder público não fazia ações efetivas para preservar o córrego e, também coibir a deposição de resíduos na área de preservação permanente. Esses dois aspectos associados ainda às enchentes e erosões cada vez mais frequentes explicam a preferência de 77,6% dos moradores pelo córrego canalizado.

Os moradores aprovam a canalização e assim descrevem que era necessário devido o córrego estar em meio a cidade edificada e seus problemas, ainda que não fossem comparados com as enchentes e problemas de poluição dos grandes centros, eram sim suficientes para canalizar.

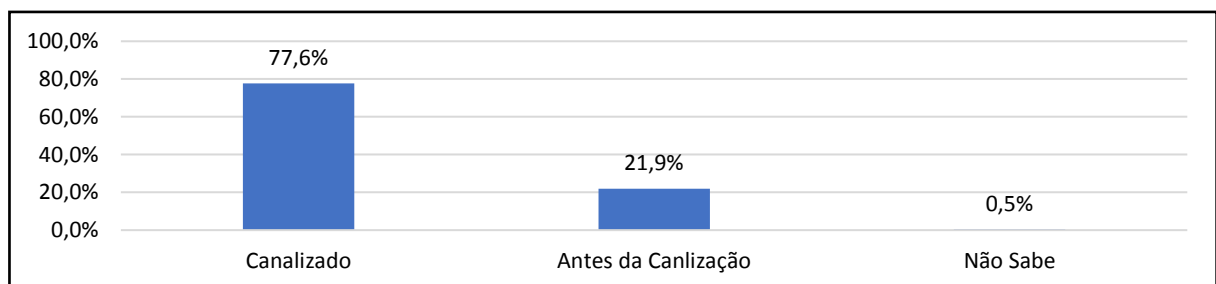


Gráfico 23: **Nível de preferência dos moradores para com o córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Muitos que preferem o Córrego canalizado, explicaram que o poder público não fazia ações efetivas para preservar o córrego e também coibir descartes de resíduos na área de preservação permanente. Esses dois aspectos associados ainda às enchentes e erosões cada vez mais frequentes explicam a preferência de 77,6% pelo córrego canalizado.

Para Lefebvre (2001, p.102):

O urbano é a obsessão daqueles que vivem na carência, na pobreza, na frustração dos possíveis que permanecem como sendo apenas possíveis. Assim, a integração e participação são a obsessão dos não participantes, dos não-integrados, daqueles que sobrevivem entre os fragmentos da sociedade possível e das ruínas do passado: excluídos da cidade, às portas do “urbano”.

A canalização era sim uma obsessão de diversos moradores uma vez que o Estado não olhava efetivamente para os problemas socioambientais que existam naquele período. A alternativa era buscar ao máximo inserir aquele espaço na mesma modernidade em que outros espaços pertencentes a outras realidades urbanas já atingiram e trataram da questão dos cursos d’água usando a tecnologia corriqueira normalmente utilizada e, assim, usufruir de um espaço cada vez mais urbanizado e dotado de funções que proporcionem o prazer da vida.

A canalização é uma solução hidráulica para levar a água de um determinado ponto a outro com velocidade evitando que esta fique se aglomerando e provocando enchentes e outros problemas. Contudo a canalização retifica o curso d’água e faz com que o leito natural seja completamente modificado, além de ser necessário em sua maioria a retirada da vegetação existentes nas proximidades do rio ou córrego, levando assim a afugentar animais do ambiente, ou seja, é uma solução hidráulica e não ambiental do ponto de vista da natureza que acaba sendo quase que totalmente aniquilada.

No gráfico 24 estão arrolados os principais motivos apresentados pelos moradores favoráveis à canalização, onde apontam que ela inibe as enchentes e deixa o ambiente mais limpo, agindo como um agente de coerção para outros delitos ambientais porque expõe mais o indivíduo devido a maior acessibilidade ao local. Dentre os motivos identificados sobressaem o aumento da limpeza com 36,8% e a eliminação das enchentes com 33,7% (os percentuais abaixo representam os 77,6% do gráfico 23).

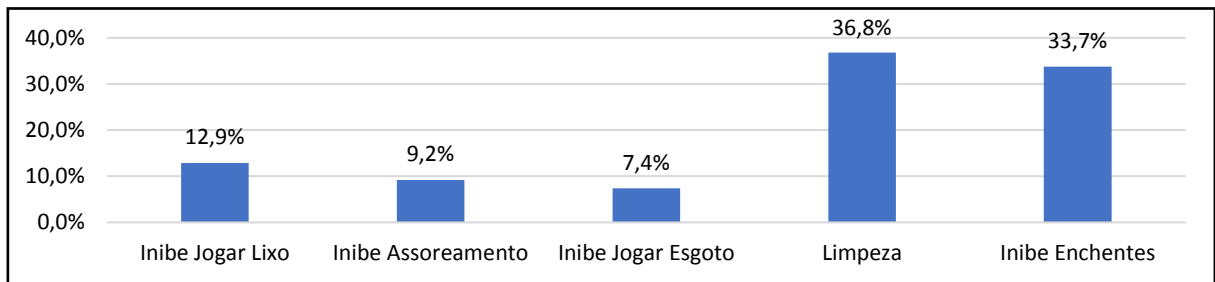


Gráfico 24: **Razões pelas quais prefere a canalização**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A percepção dos indivíduos a respeito do espaço vivido e percebido em que relatam o córrego sujo/poluído (no passado recente) e perigoso, devido às chuvas fortes e as enxurradas que já ocasionaram acidentes sérios, levaram estes a comprar a ideia da canalização.

Eram problemas que vinham se intensificando e levaram a uma depreciação do valor da terra e isso se tornava maior, uma vez que o poder público não trouxe alternativas para a solução do problema ou reparos relativos aos danos causados ao meio ambiente e aos moradores adjacentes ao córrego.

Como já apontado a canalização objetiva resolver os problemas em sua maioria de natureza hidráulica em detrimento da questão ambiental. No gráfico 25, está discriminada a parcela dos moradores que não são a favor da canalização e que apontaram os motivos que os fazem ser contrários (em relação aos 21,9% do gráfico 23).

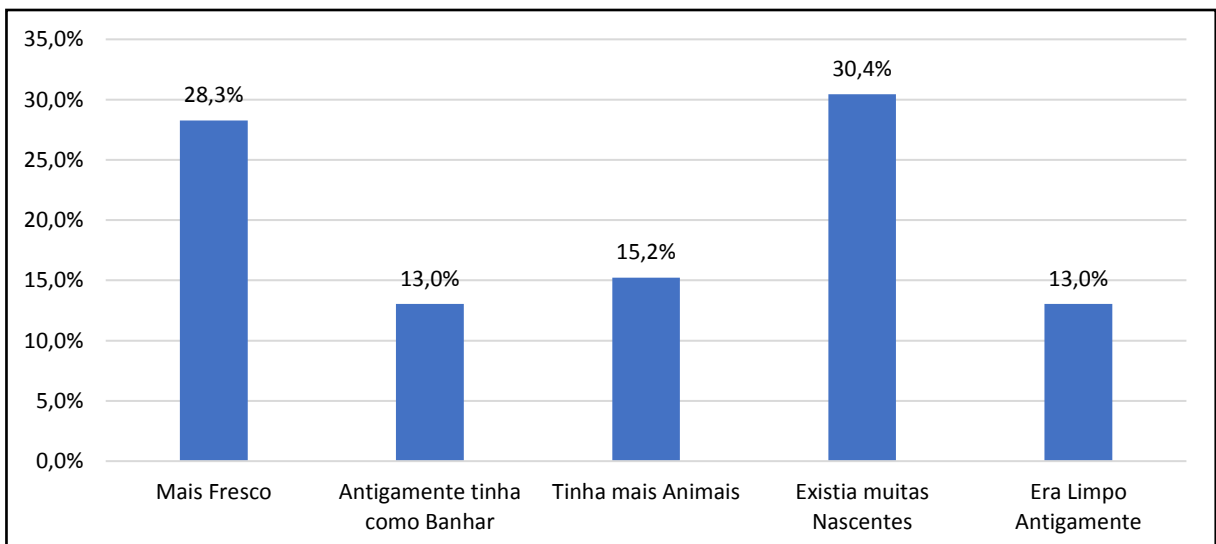


Gráfico 25: **Razão de ser contra a canalização**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Mesmo que a maioria apoie a canalização por outro lado, os 21,9% (no gráfico 23) expressaram sua indignação com a canalização e entendem que essa construção é muito ruim

para a biota existente no Córrego Canivete, além disso, não contribui para preservação do meio natural.

No gráfico 25 onde está relatada a opinião contrária à canalização cerca de 30,4% e 28,3% atribuem essa conduta em razão das diversas nascentes ainda existentes próximas às margens do córrego e à temperatura mais atenuada pela presença de maior cobertura vegetal nos trechos do córrego de menor ocupação.

A ideia de que a canalização poderia ter sido evitada e no seu lugar pudesse ter sido substituída por um processo de recuperação da fauna e flora daquele ambiente, transformando-o em um parque linear foi citado por uma moradora pesquisada e pelo representante da Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo. O direito à cidade pressupõe condições iguais para todos, inclusive parques, dos quais os bairros periféricos também demandam.

Nesse contexto muitos moradores se mostraram proativos a canalização do Córrego Canivete não se interessando em encontrar outras alternativas para as questões socioambiental, além disso, a canalização (na perspectiva de muitos entrevistados), seria melhor, principalmente pela valorização do espaço.

Tem relação ao que explica Carlos (2008, p. 192 e 193):

A busca incessante para coibir a tendência à baixa da taxa de lucro faz com que o Estado se coloque ao lado do capital, através de investimentos concentrados, social e espacialmente. Tal fato aprofunda as contradições entre o que a sociedade quer e/ou necessita e o que o Estado realiza. Este panorama implica também lutas diferenciadas: enquanto a classe média se preocupa com o meio ambiente, sua depredação e a necessidade de preservação, a população mais carente luta por melhores condições de transportes e infra-estrutura básica, como água, luz, esgoto. Tal fato leva à diferenciação na reivindicação e a uma forma diferenciada de mobilização.

Enquanto o Estado precisa (nos moldes capitalista) manter relações para com empresas, indústrias e outros detentores do capital, o deixa distante dos afazeres que são necessários à sociedade como um todo, produzindo uma sociedade com prioridades diferentes.

Nesse contexto Carlos, (2008) deixa claro que a preocupação maior da classe baixa não é questões ambientais e sim questões que melhore suas condições de vida, como saneamento básico, segurança pública, iluminação, asfalto e outros serviços que o Estado tem que oferecer à sociedade em geral, mas que não é igualmente distribuída devido a sua aproximação com o grande capital financeiro, aquele que banca com recursos, as campanhas políticas.

Porém o que vale aqui ressaltar é que a classe baixa tem sim suas preocupações com o meio ambiente natural, porém as necessidades sociais que condicionam uma melhor qualidade de vida vem em primeira instância e os fazem deixar em segundo plano os cuidados com o meio ambiente, salvo aqueles que utilizam diretamente da natureza para sua sobrevivência.

Pode-se observar no gráfico 26, que ao buscar um resgate da memória dos entrevistados a respeito do espaço vivido no passado em que sente saudades ou lhes agradava mais, muitos disseram que não tinham saudades e que não encontraram nada no córrego que lhes agradavam.

Por outro lado, outros que residiram há pelo menos 22 anos ou mais foram bem enfáticos ao relatar que aquilo que deixavam com mais saudades ou lhes mais agradaram foram os banhos, as nascentes, os animais, as árvores e a temperatura que era mais agradável que atualmente por conta do desmatamento que se fez para construir a canalização.

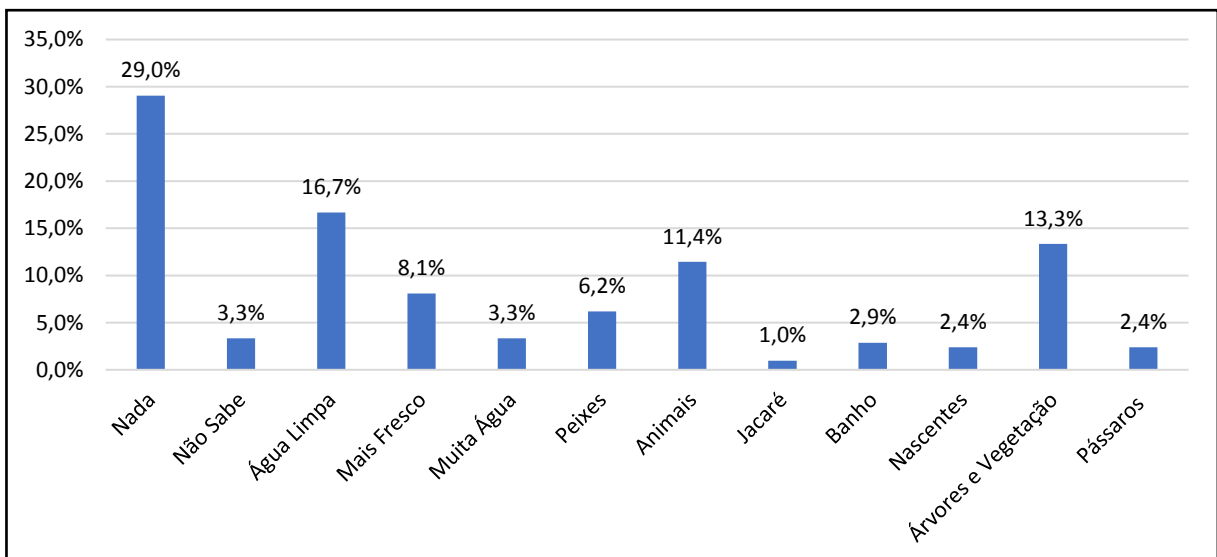


Gráfico 26: Elementos do passado que mais agradava no córrego

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A segregação socioespacial em Rondonópolis fica explícita ao se deparar o quanto alto o número de residências existentes nas proximidades do córrego e em área imprópria para a fixação da moradia. No gráfico 27, fica evidenciado através do percentual de moradores que tiveram ao menos uma vez sua residência invadida pela água.

A necessidade de encontrar uma moradia ou terreno com preço acessível para construir sua própria casa, fez com que muitos buscassem uma região que por anos foi “renegada” devido estar próximo ao córrego com muito mato, e ainda com a possibilidade que em períodos chuvosos a água invadisse a sua casa.



Muitos entrevistados relataram que ao adquirir sua casa próximo ao córrego a sua residência não era expressivamente longe do centro de Rondonópolis, e o fato de adquirir sua casa própria era o grande desejo mesmo que estivesse próximo ao córrego. Eles não imaginavam que o córrego teria inundações e tanta poluição como teve nos últimos anos.

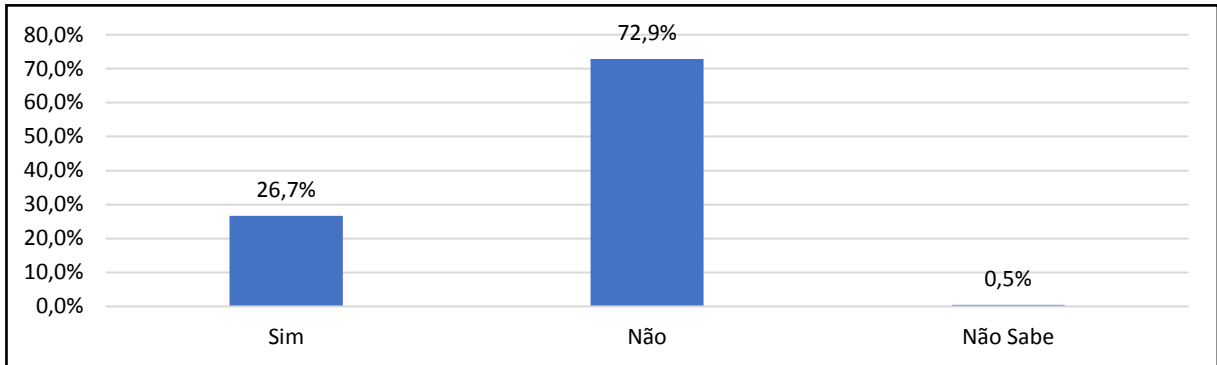


Gráfico 27: **Percentual de pessoas que tiveram suas casas tomadas por enchentes**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Lefebvre (2001, p.98) diz que:

Os poderes públicos, num país democrático, não podem decretar publicamente a segregação como tal. Assim, frequentemente, adotam uma ideologia humanista que se transforma em utopia no sentido mais desusado, quando não em demagogia. A segregação prevalece mesmo nos setores da vida social que esses setores públicos regem mais ou menos facilmente, mais ou menos profundamente, porém sempre.

Se em condições normais (com uma economia consistente e níveis de educação e empregabilidade altos) a segregação é existente imagine em países com condições opostas aos países desenvolvidos, onde a sociedade em sua maioria busca a sobrevivência e posteriormente a conquista de condições dignas de moradia.

Em meio a essa situação ainda se depara com algo que não pode ser desconsiderado no urbano, que é a necessidade de um planejamento voltado para preservação ambiental na cidade. Isso tem sido cada vez mais necessário, uma vez que as ações do Estado em prol do meio ambiente em conjunto com as necessidades sociais vêm sendo tratadas separadamente. O urbano não é o oposto da natureza, é esta modificada, e a sua presença e a retomada de princípios, procedimentos e a reintrodução de ambientes naturais à cidade, se apresenta como a solução para a minimização dos problemas ambientais.

No caso do Córrego Canivete quando houve danos causados aos moradores decorrentes das enchentes, na sua maioria dos entrevistados como se pode notar no gráfico 28, consideram que não tiveram ações da prefeitura afim de resolver o problema ou mitigar os danos.

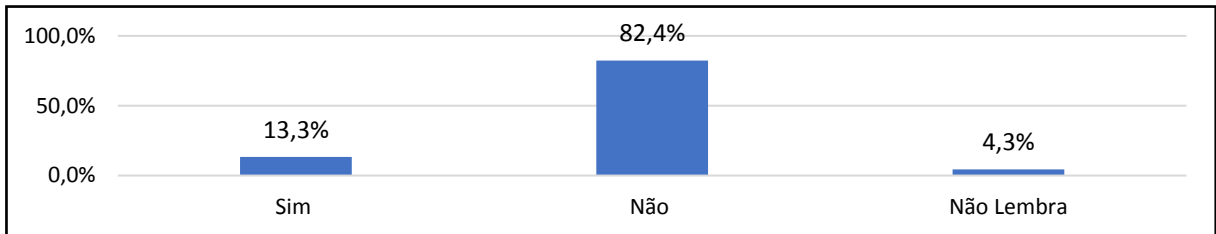


Gráfico 28: **Intervenções do poder público para sanar danos causados por enchentes**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

No gráfico 29, a grande maioria dos moradores, apesar de existir apontamentos a respeito dos problemas que existiram ou ainda existem no bairro ou com o córrego, muitos ainda tem o contentamento e um determinado nível de apego ao lugar uma vez que constituíram e constituem sua história mesmo que sendo nas proximidades do córrego.



Gráfico 29: **Nível de satisfação em morar próximo ao Córrego Canivete**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Ainda que uma minoria esteja descontente em morar nas proximidades do Córrego Canivete ainda assim, suas razões não são referentes aos problemas já citados anteriormente que são decorrentes das enchentes do córrego ou do comportamento social em relação ao meio ambiente (como por exemplo, jogar lixo nas proximidades do córrego), mas sim referente a problemas de segurança pública e de relacionamento com os vizinhos, como pode-se notar no gráfico 30.

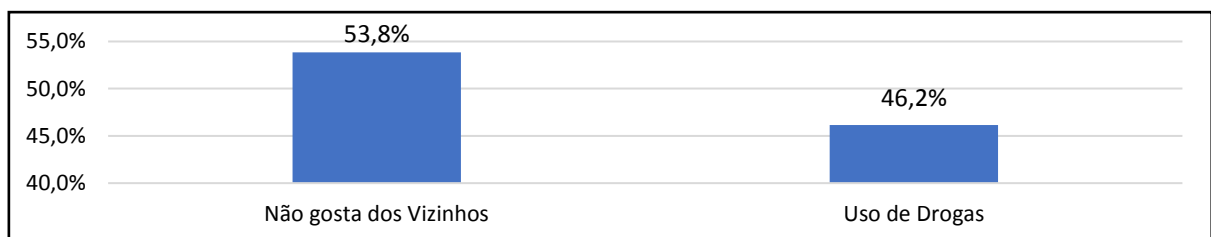


Gráfico 30: **Razões de não gostar de morar próximo ao Córrego Canivete**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A questão da violência urbana foi citada por vários moradores como um problema que tem crescido na região do Córrego Canivete principalmente o uso de drogas o que preocupa muitos, pois tem filhos que podem ser convidados a utilizar entorpecentes quando estão a brincar nas ruas do bairro. Esses relatos se repetiram no decorrer das entrevistas e não foi restrito a uma ou outra área entrevistada.

Contudo, observa-se no gráfico 31, as razões de gostarem em viver nas proximidades do córrego estão relacionados à tranquilidade e à proximidade da casa com o centro o que facilita para ida ao trabalho e ainda o acesso aos serviços que a região central pode proporcionar.

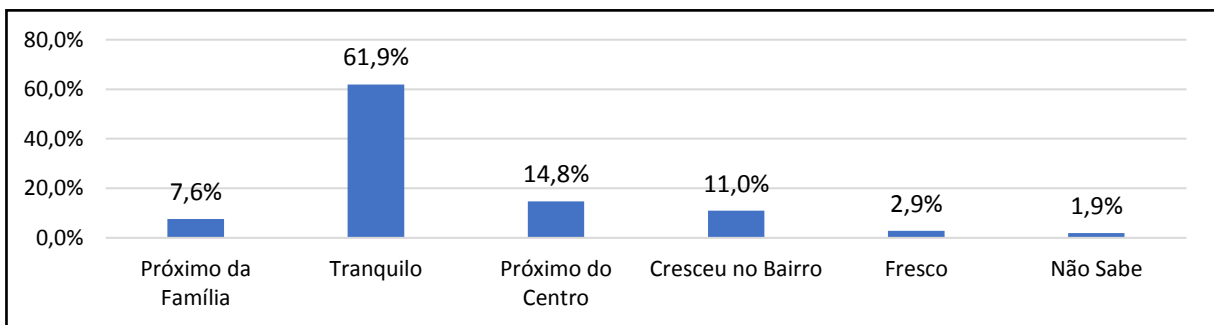


Gráfico 31: **Razões pelas quais gostam de morar próximo ao Canivete**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Acerca de tantos problemas vividos por moradores antigos e que foram relatados aos moradores recentes, o apego ao lugar enquanto bem de uso foi transformando com o tempo à medida em que a canalização se tornava realidade em valorização do bairro e do imóvel.

Mesmo que falte outras obras complementares à canalização, como as pontes sobre o córrego em ruas que ainda não tem essa travessia e, ainda, pistas de caminhada lineares ao córrego com arborização e jardinagem para o lazer, vários moradores projetam um espaço futuro, um espaço concebido de Lefebvre.

Ao olhar no gráfico 32, é possível perceber o nível de satisfação dos entrevistados com relação a canalização, e muitos ainda relataram que quando finalizar a obra, o bairro e a região

como um todo, irá se transformar, terá uma nova valoração e um visual diferente que seja mais bonito do que o que existe atualmente.

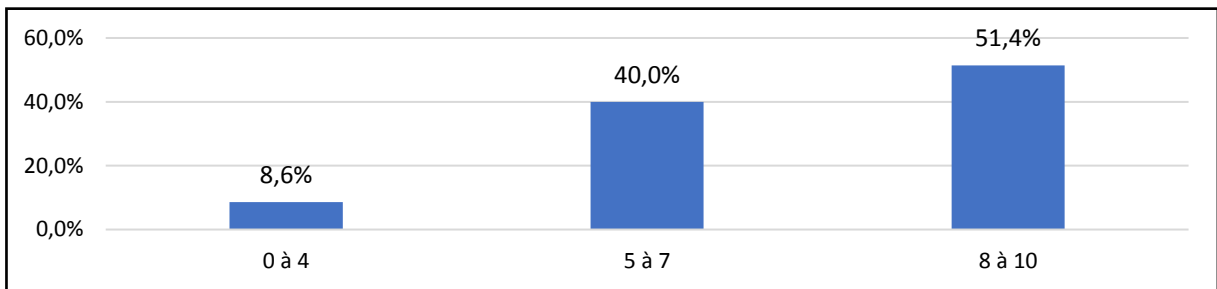


Gráfico 32: Nível de satisfação com a canalização no córrego

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

É notável que a canalização, com o seu poder de transformação da paisagem que tinha características do meio rural, está se transformando em uma paisagem cada vez mais urbana e que segundo moradores entrevistados o córrego está ficando mais compatível com a cidade uma vez que a “limpeza” relacionada à vegetação tem diminuído, bem como animais como aranhas e cobras.

As necessidades relacionadas à infraestrutura dos bairros próximos ao córrego tiveram prioridades diferentes, no gráfico 33, pode-se notar que aquilo que faria a região próxima ao córrego se tornar mais agradável para morar seria a instalação de praças ou espaços de lazer, limpeza nas ruas e terrenos baldios, segurança pública e problemas relacionados a danos no asfalto.

Ainda fica evidenciando que pouco mais de 15% dos entrevistados disseram que o bairro não precisa de nada mais para ser agradável para viver e consideram que estão contentes com a situação atual da região.

Ao relatar a necessidade desses espaços de lazer muitos moradores imaginam (espaço concebido) uma pista de caminhada, espaços com quadras esportivas ou para fazer piquenique, e que estes lugares sejam próximos às suas casas e assim possam valorizar seus imóveis ou terrenos.

Para Carlos (2007, p.51)

Ao mesmo tempo, o processo de fragmentação no processo de produção espacial se realiza no nível do cotidiano onde emerge a vitória do valor de uso sobre o valor de troca. O que significa que a construção da cidade revela sua condição de mercadoria.

Nesse caso o que se aplica ao objeto de estudo é que o crescimento urbano proporcionou uma fragmentação do espaço em que se ia produzindo na medida do cotidiano, e tal fenômeno provocou (em específico na Microbacia do Córrego Canivete) uma superação do valor do uso para uma conversão ao valor de troca na medida que a infraestrutura foi se instalando e a aglomeração de casa que por fim chega então na canalização.

Como Carlos coloca que essa dinâmica social/espacial/estrutural na produção do espaço promoveu a condição de mercadoria o espaço da cidade sobretudo aquele espaço habitado e produzido dia após dia.

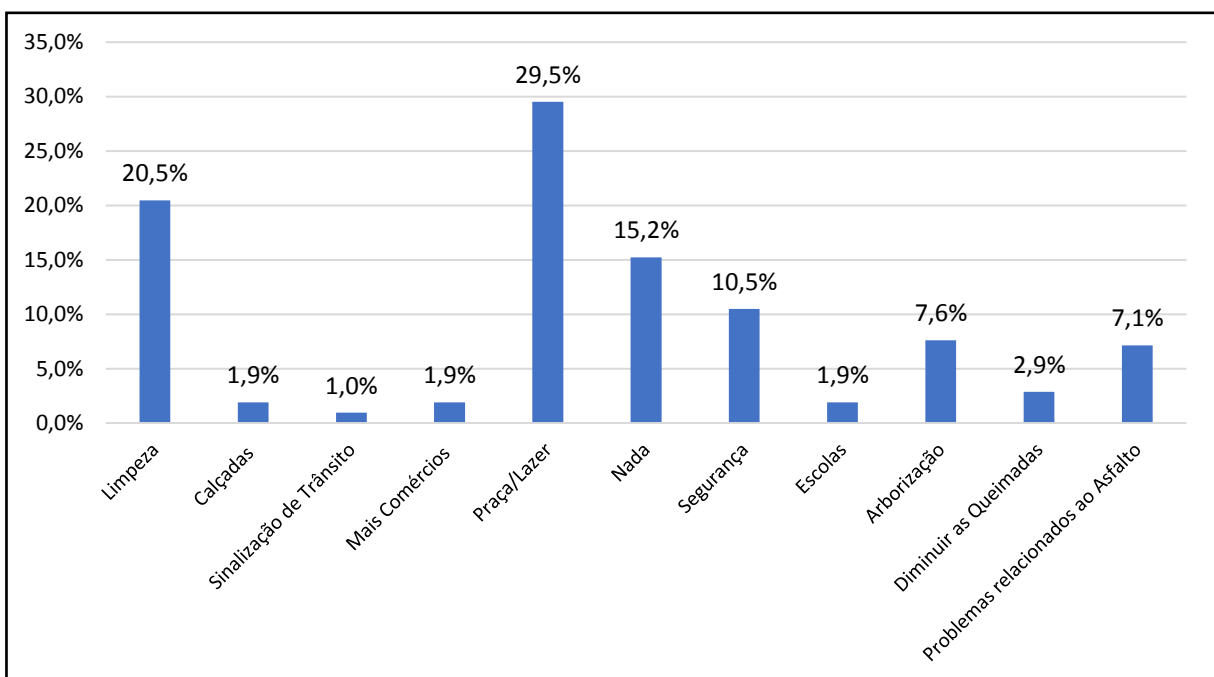


Gráfico 33: **Relação de ações que tornaria a região mais agradável**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

O espaço vivido foi mudando para os moradores ao modo que os agentes de produção do espaço foram transformando o espaço e dando novas funções ou re-funcionalizando.

No gráfico 34, os moradores também expressam que quando construíram ou adquiriram seus imóveis próximos ao córrego este era bem mais preservado e limpo de esgoto doméstico o que de fato foi mudando com o passar do tempo.

Deve-se levar em consideração que as notas de 5 á 10 estiveram nesse padrão mais de 63% dos entrevistados, isso aponta também que estes indicam que aquele ambiente natural e mais preservado no passado traziam uma qualidade ambiental satisfatória.

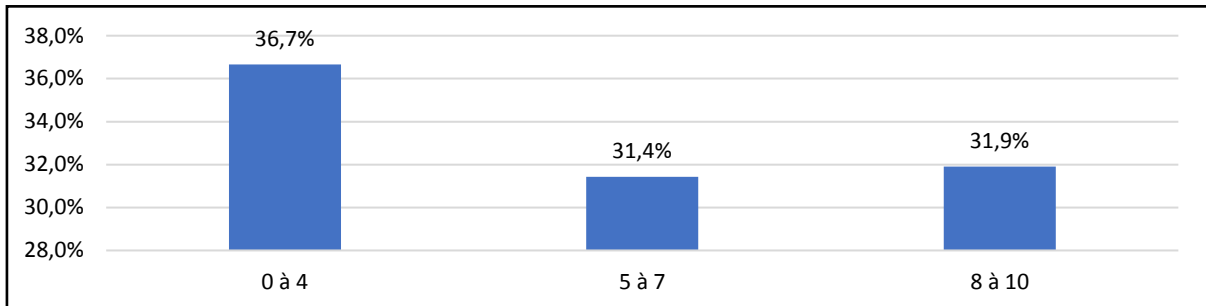


Gráfico 34: Nível de satisfação com o córrego no momento em que foi morar na região  
Fonte: Trabalho de Campo (2018)

De forma geral o conjunto natural que compunha o Córrego Canivete em décadas atrás foi se modificando na medida que o homem foi estreitando sua relação ou interação social e ambiental na direção do corpo hídrico. A sociedade teve mantido relação com a natureza em que se predomina o domínio e a sua transformação que proporcione uma melhor qualidade de vida e até mesmo sua sobrevivência. A aprovação da maioria dos moradores à canalização, é defendida por eles através do argumento de que o córrego está em meio a cidade edificada e seus problemas, já citados, ainda que não fossem comparados com os grandes centros eram, sim, suficientes para canalizar.

Os problemas relacionados às condições ambientais do córrego vinham se intensificando e levava uma depreciação do valor da terra tornando cada vez maior uma vez que o poder público não trouxe alternativas para diminuição os danos causados ao meio ambiente e aos moradores adjacentes ao córrego.

Segundo Carlos (2007, p. 51):

A mudança nas relações espaço-tempo revela a profunda mudança nos costumes e hábitos sem que as pessoas pareçam se dar conta, pois as inovações são aceitas de modo gradual, quase despercebidas, embrulhadas pela ideologia que efetiva a degradação da vida cotidiana. A cidade onde tudo se transforma, onde os estilos se multiplicam passa a ser o lugar em que as pessoas “se arranjam para viver ou quem sabe sobreviver” criando constantemente, “formas de ganhar dinheiro”.

Essa característica do cotidiano conduziu os indivíduos a um arranjo de vida em que a inovação das contemporaneidades vem seduzindo e transformando os estilos, costumes e

formas de pensar e principalmente sobreviver, levando então a aceitar com maior facilidade aquilo que em outrora estava-se distante das concepções aceitadas inicialmente.

No gráfico 35, observa-se que mais de 75% dos moradores aprovam a canalização e assim descrevem que era necessário devido o córrego estar em meio a cidade edificada e seus problemas, ainda que não fossem comparados com as enchentes e problemas de poluição dos grandes centros, era sim suficiente para canalizar.

O posicionamento em geral dos pesquisados os levaram a buscar a canalização do córrego e, mesmo em determinados momentos havendo oposição à canalização, a ideia inicial foi concretizada.

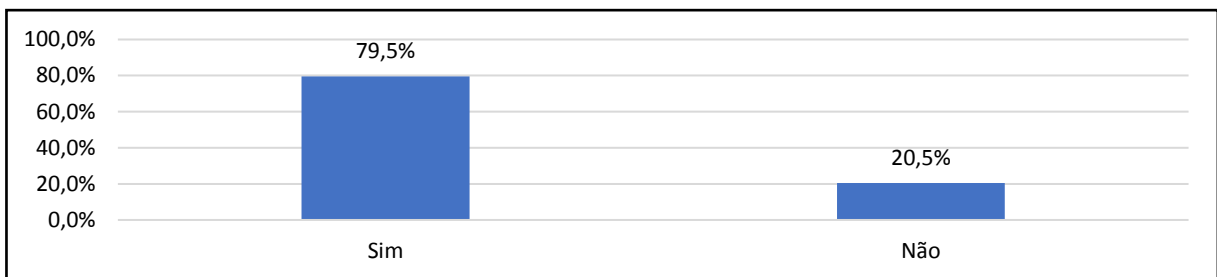


Gráfico 35: **Possibilidade de recuperação do córrego em oposição à canalização**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Mesmo que a maior parte dos moradores se demonstrassem preocupados com o córrego e quisessem um futuro melhor para aquele ambiente já que o mesmo apresentava uma série de problemas sociais, para alguns residentes era mais importante a recuperação do córrego à canalização.

Apontamentos já apresentados nos gráficos 19 e 33, são, portanto, pertinentes ao que se apontou com base em Carlos (2008) na página anterior, assim é notável a consciência ambiental por boa parte dos moradores, porém a benesse em termos de infraestrutura e do ganho urbanístico falou mais alto para que muitos aderissem à canalização.

Ainda assim, Lefebvre (2001, p.156) aponta que:

Mas o Estado deve também administrar e se ocupar das necessidades sociais, as da sociedade inteira. A lista e as conexões dessas necessidades sociais não foram jamais estabelecidas e não podem se estabelecer. No plano político, tudo é questão de relações de força; mas nesse ponto (aliás, importante), o Estado democrático (burguês o não) continua sensível e acessível à pressão de baixo, às reivindicações. Seu sistema contratual não pode se cristalizar.

E por meio dessa característica que temos do Estado em não poder se cristalizar somente em favor de um grupo social as transformações no espaço (Microbacia do Córrego Canivete) ocorreram e ocorrem justamente pelas pressões exercidas pela sociedade habitante naquele espaço.

A produção espacial na Microbacia do Córrego Canivete está em uma dialética de ações dos agentes produtores do espaço urbano (citado inicialmente), onde vale destacar que a complexidade dos problemas sociais sobretudo aqueles em relação à infraestrutura e questões de degradação ao meio ambiente natural, são frutos das condições de vida das pessoas que ali atuam e também da ausência de uma política eficaz de ordenamento e controle da ocupação e produção do espaço urbano.

Essas ações de produção do espaço, intensamente articuladas pelos moradores e fortemente influenciadas pelas condições financeiras e de infraestrutura que lhes foram possíveis, levaram a resultados como destinação de resíduos próximos ou na área de preservação permanente, destinando esgoto residencial ao córrego ou em sua proximidade e ainda possibilitou a construção de casas próximo às suas margens o que contribuiu para problematização de enchentes.

Para Lefebvre, (2000, p.262):

Quando uma sociedade se transforma, os materiais de uma tal mutação provêm de uma outra prática social, historicamente (geneticamente) preexistente. O Natural, o original em estado puro, não se reencontra jamais.

Essas práticas vivenciadas por muitos moradores pesquisados levaram alguns a sentir saudades de quando o córrego era limpo e possibilitava o seu uso de diversas maneiras.

Aquela natureza não existe mais devido as condições de vida que foram possíveis nos diversos momentos de produção e reprodução da Microbacia, uma vez que tais práticas levaram a uma certa rejeição ao que o córrego foi se transformando com relação ao que era anteriormente (água e nascentes não poluídas).

Segundo Lefebvre (2001 p. 51 e 52):

Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não



menos essencialmente das relações de imediate, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões e corporações etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações.

Essa sucessão de etapas descritas e relacionadas por Lefebvre traduz bem os produtos dessas relações e o como esses produtos reagem na produção de novos comportamentos que por sua vez devolverão novos produtos, levando assim a idas e vindas em que ambas forças têm igual influências uma sobre a outra.

Lefebvre explica que a essas relações há um meio termo onde a ordem próxima ( grupos sociais atuantes ) e a ordem distante ( aqueles que detém o poder econômico e de manipular as leis ) em que configura uma “queda de braço” entre ambas o que no caso podemos dizer com relação aos problemas que foram enfrentados e ainda são enfrentados pelos grupos sociais desfavorecidos ( classe baixa), onde estas dependem de articulações da ordem distante para assim minimizar essas complicações.

Assim, com relação a problemas que os moradores lindeiros ao córrego viveram e aos vivenciados atualmente, pode-se dizer que no futuro continuará a existir problemas, mas que a expectativa destes é que sejam mais facilmente contornados e superados uma vez que a canalização contribuirá (mesmo que demore mais) para uma melhor iluminação pública, segurança, mobilidade com a construção de pontes e passarelas, lazer, limpeza no que diz respeito ao “mato” (vegetação típica nas proximidades do córrego) e limpeza também no que se refere aos lixos e/ou resíduos jogados próximos ou no Córrego Canivete.

### **3.6 A CANALIZAÇÃO E IMPACTOS NA VISÃO DOS MORADORES**

O processo de urbanização está cada vez mais engolindo e encurralando os rios e córregos urbanos e tal processo faz com que parte da sociedade aceite soluções como a canalização para resolver questões de natureza comportamental dos diversos sujeitos que estão cada vez mais consumistas e lutam por seus territórios no espaço urbano contemporâneo.

A poluição, sujeira, lixo, substantivos que são pronunciados pelos entrevistados para demonstrar uma consequência da imprudência de diversos sujeitos que transparecem a ausência de hábitos que inibam o descarte de resíduos em ruas, calçadas, áreas de mata ou de preservação permanente e até mesmo em terrenos baldios onde estes são objeto de especulação imobiliária.

No gráfico 36, é possível visualizar o perfil dos entrevistados em que são destacadas as razões pelas quais são favoráveis à canalização do córrego ficando perceptível que estas razões são problemas que o próprio hábito social desenvolveu no seu cotidiano, no espaço vivido.

A percepção com relação ao espaço vivido por estes moradores levou ao entendimento que a canalização ao transformar a realidade, fizera, assim transformar não somente a natureza, mas também o comportamento social no que se refere ao descarte de lixo e/ou resíduos nas proximidades do córrego.

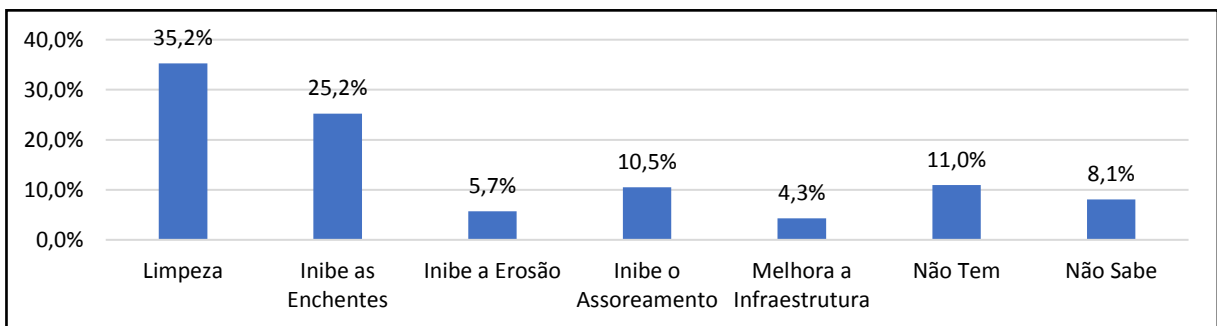


Gráfico 36: **Benefícios da canalização segundo os entrevistados**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

O adensamento populacional cada vez mais próximo ao córrego levou a estes sujeitos a perceberem as transformações no seu espaço, sobretudo aos danos que trazem uma enchente de um córrego. É notável no gráfico anterior que pouco mais de 25% apontaram sendo favorável à canalização por causa de sua condição inibidora de enchentes, mas também é compreensível uma vez que muitos foram estabelecidos naquele espaço devido às suas possibilidades de adquirir a propriedade. Essa percepção do espaço e a resposta para problemas percebidos no mesmo contribui para sua transformação futura, tal qual ocorre no Córrego Canivete.

É certo que a transformação dos fixos no espaço muda alguns comportamentos ao menos momentaneamente, contudo é incerto saber por quanto tal condição pode mudar ou não uma prática que quase faz parte do modo de vida de alguns indivíduos (como o caso de diminuir o lixo e/ou resíduos descartados nas proximidades do córrego).

No gráfico 37, nota-se que a diminuição de lixos/resíduos descartados foi consideravelmente significativa, ainda assim, por outro lado ainda há relatos que muitos moradores e outras pessoas continuam a descartar dejetos nas redondezas do córrego.

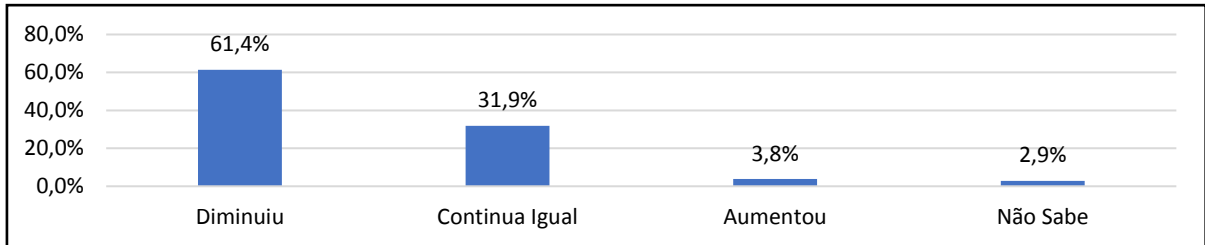


Gráfico 37: **Proporção dos resíduos destinados nas proximidades do córrego após o início das obras de canalização** Fonte: Trabalho de Campo (2018)

As dinâmicas estabelecidas na contemporaneidade para quem vive na cidade leva os sujeitos a segarem em determinados momentos com relação as suas práticas e consequências para o futuro, seja para a cidade ou para a natureza que ainda resiste ao processo de urbanização. Assim, otimiza-se mais os pontos positivos e até chega a sobrepôr de tal forma que desconsidera as suas consequências de médio a longo prazo.

Ao observar no gráfico 38, é possível notar que muitos, cerca de pouco mais de 20%, não conseguiram projetar o espaço futuro (espaço concebido) de como os danos que a canalização de um córrego pode provocar a natureza e por tabela para a sociedade em geral.

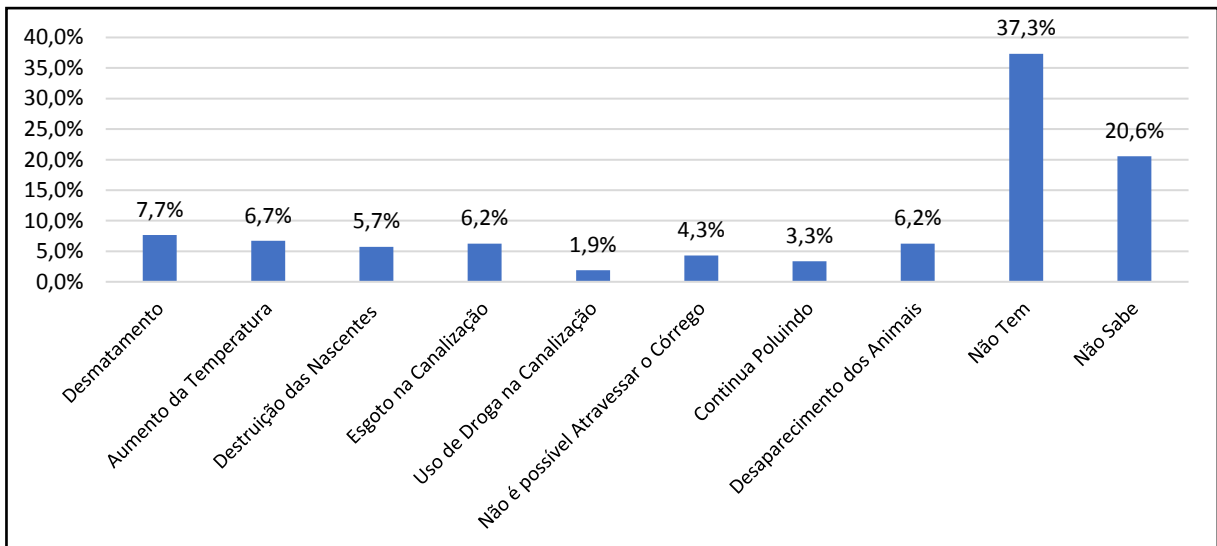


Gráfico 38: **Os malefícios da canalização** Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Ainda nesse viés, uma parcela considerável de pouco mais de 37%, apontam que a canalização não tem e não trará malefícios, o que pode ser explicado por muitos que o objetivo

sempre foi em resolver as questões de lixo, mau cheiro e enchentes com algumas erosões que traziam transtornos aos moradores e a quem passavam pelo córrego.

A concepção do espaço para muitos dos entrevistados é comparado a um presente prometido para uma criança no dia de seu aniversário, muitos entendem que o córrego dará uma nova cara a região em que este está inserido e que isso fará de seu bairro melhor e mais equipado estruturalmente, contudo ainda que isso ocorra, as políticas públicas são geridas e aplicadas de acordo com interesses de terceiros e do capital, a sociedade fica às margens e seus desejos e ânsias ficam passíveis de transformações que na sua maioria não atingem as expectativas desejadas.

Durante as entrevistas muitos se mostraram até preocupados com as condições do córrego e também com a natureza em geral, ainda assim, mesmo percebendo a necessidade de preservar o ambiente natural, estes em sua maioria se apropriam de um discurso defensor da expansão da cidade e da adição de elementos cada vez mais artificializados, como a canalização.

Nesse caminho de reconhecimento sobre a importância de se cuidar da natureza, estes deram prioridade para preservar corpos d'água como, o Ribeirão Arareau e o Rio Vermelho, que têm maior vazão de água e uma quantidade de peixes bem significativa em comparação ao Córrego Canivete.

No gráfico 39, é possível observar que a maioria dos entrevistados estão descrentes que volte a existir peixes ou outros animais que existiram anterior à canalização ou em tempos passados quando o córrego tinha uma água mais limpa e uma vegetação mais densa com menor quantidade de lixo jogado em suas margens.

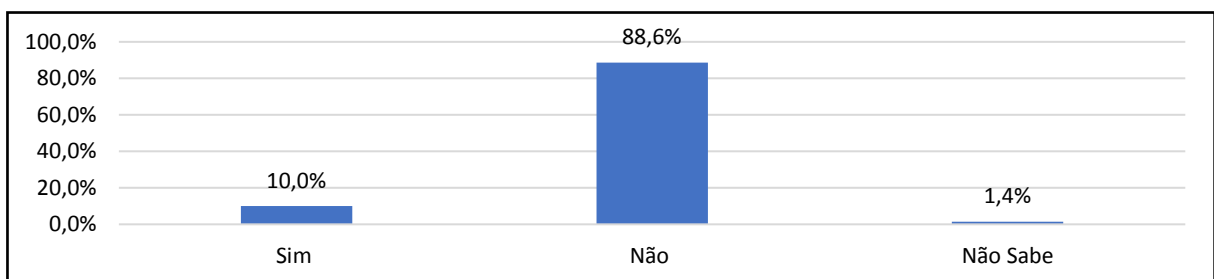


Gráfico 39: **Possibilidade da volta de animais silvestres após a canalização**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Os moradores de forma geral estão contentes com a canalização, mesmo que haja uma catástrofe da natureza e por tabela para a sociedade futuramente, contudo a ideia de como será o córrego após sua canalização e a infraestrutura que pode ser instalada nos bairros (pontes,

praças, creches entre outros) levam-nos a serem adeptos à canalização, uma vez que melhoraria a qualidade de vida.

### **3.7 PARECER DOS MORADORES ACERCA DA CANALIZAÇÃO DO CÓRREGO**

As residências que ocupam áreas de risco, sobretudo as que ocupam as margens ou zonas de risco de inundações tem na figura dos proprietários desses imóveis uma resistência em persistirem no local, o que dificultaria uma possível revitalização e/ou recuperação desse ambiente.

Essa dificuldade é fruto de uma resistência constituída a partir das instalações iniciais que constituíram os bairros. A infraestrutura precária ou inexistente e o avanço demorado por essa demanda no decorrer do tempo fizeram com que os moradores fossem ocupando o espaço sem uma organização que prevenisse uma degradação avançada ao Córrego Canivete.

A partir do aumento gradativo da poluição da água do córrego e de depósitos de lixo distribuídos em diversos pontos próximo ao córrego levaram os moradores a optar cada vez mais para a proposta de canalização ao modo que limparia a redondeza do curso d'água.

A vivência dos moradores (em seus relatos durante as entrevistas) demonstrou uma expectativa muito grande acerca da canalização, pois a mesma seria importante para inibir enchentes, erosões, descarte de lixo próximo ao córrego e faria com que os imóveis valorizassem.

A pressão de moradores para a construção da canalização foi inicialmente concentrada em um pequeno grupo de representantes dos bairros e fica evidente no gráfico 40, mas ainda assim foi consistente e contínua a pressão exercida pela organização.

Nesse momento criou-se uma Comissão Pró-Canalização que levavam os problemas que alguns moradores tinham com relação ao córrego e como a canalização daria uma refuncionalização para aquele espaço.

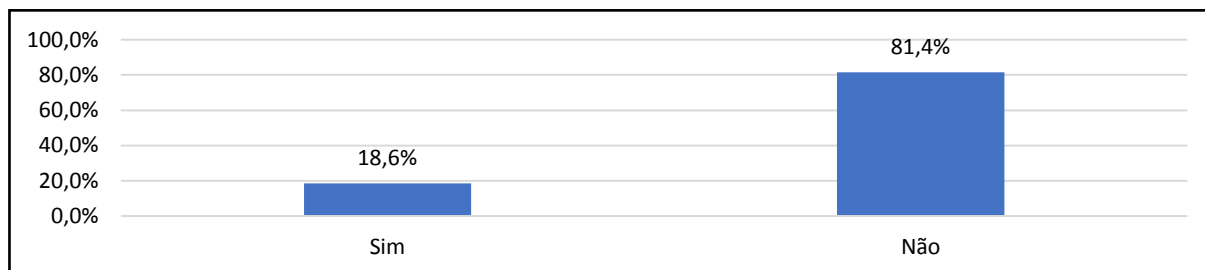


Gráfico 40: **Percentual de participação das discussões para o projeto de canalização**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A proposta de canalizar é antiga, foi lançada no mandato do prefeito (1983-1986) Carlos Gomes Bezerra do partido PMDB e que até teve parte do córrego canalizado a partir da sua foz, contudo não foi dado prosseguimento e as obras foram paralisadas até a retomada a partir de um novo projeto lançado pelo governador Blairo Borges Maggi durante seu segundo mandato no ano de 2010, porém houve paralizações e retomadas durante o governo de Silval da Cunha Barbosa, e, com retomada e conclusão iminente somente no governo de José Pedro Gonçalves Taques.

Durante esse período de idas e vindas do projeto, os moradores sempre criavam expectativas de como seria bom ao bairro e toda a microbacia do Córrego Canivete quando este fosse canalizado. O gráfico 41, mostra o que a maioria dos moradores apontaram durante o período em que viveram nas proximidades do córrego, não souberam de outras propostas ou sugestões diferentes em substituição à ideia de canalização.

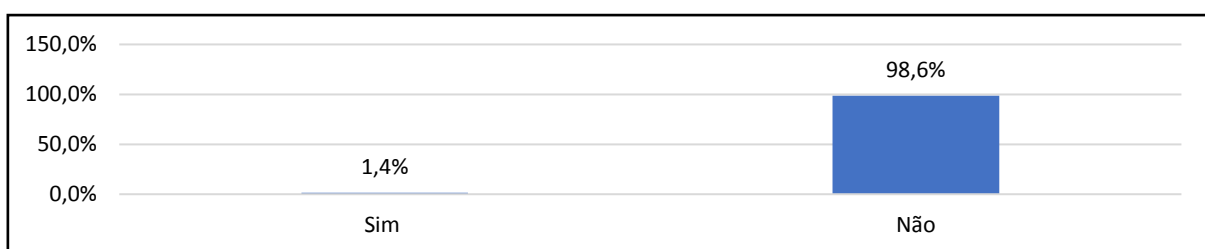


Gráfico 41: **Sabe ou não de propostas diferentes de canalizar o Canivete**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Essa informação traz um alerta ao que pese um único direcionamento de políticas praticadas no Estado de Mato Grosso que é a de não recuperar ambientes que se encontram em processo de degradação e que deixam de assumir um papel importante quanto aos cuidados para com o ecossistema urbano e para a hidrografia.

A importância de discutir propostas e alternativas para resolver ou minimizar os problemas socioambientais nas proximidades do Córrego Canivete deveria ser amplamente debatido com a sociedade. Quando perguntado aos moradores a respeito de ser necessário aprofundar mais em debates a respeito da canalização ou não do córrego, a maioria acreditava ser desnecessário uma vez que a participação dos moradores é bem discreta e poucos se comprometem em buscar soluções ecologicamente corretas para o caso do Córrego Canivete.

Por outro lado, a outra parcela apontou para convidar ao debate professores e universitários que pudessem trazer para comunidade propostas que fossem mais adequadas do que a canalização. Ainda assim as reuniões foram escassas e a decisão de canalizar foi acatada facilmente pelos moradores. No gráfico 42, mostra-se a importância que os entrevistados julgaram ampliar às discussões acerca da canalização.

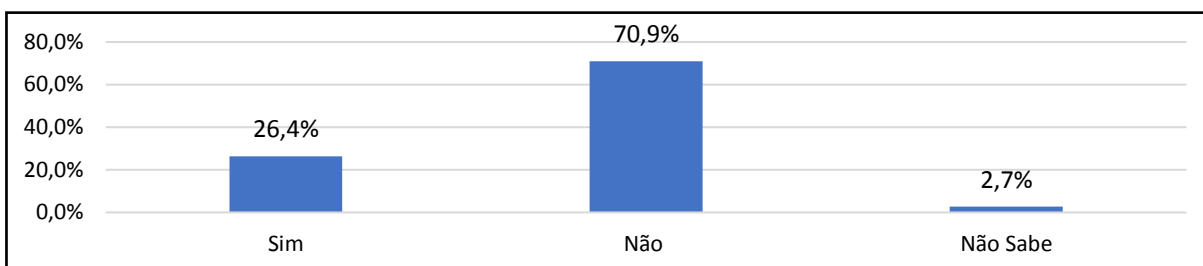


Gráfico 42: **Parecer a respeito de ter ou não a necessidade de mais reuniões para discutir sobre canalizar ou não o córrego**

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

A ausência do verde, por conta da derrubada das árvores para construção da canalização, foi uma queixa de muitos entrevistados e atribuem o aumento da temperatura decorrente dessa diminuição da vegetação. Ainda assim, por outro lado, os entrevistados percebem que o espaço está se adequando ao meio urbano e que a transformação (canalização) faz parte da vida na cidade e que infelizmente é necessário tal processo (canalização) e que a sociedade precisa aceitar.

Essa forma de perceber o espaço (espaço percebido) levou a condição de muitos moradores aceitarem a canalização entendendo como sendo o mais adequado a canalização uma vez que beneficiará a sociedade e principalmente aos moradores adjacentes ao córrego, contudo, não traz benesses ao meio ambiente natural.

Ainda que as obras de canalização estejam em fase final, moradores estão descrentes com a sua finalização no ano de 2018. No gráfico 43, apresenta o percentual de entrevistados que estão confiantes no término da obra de canalização este ano de 2018.

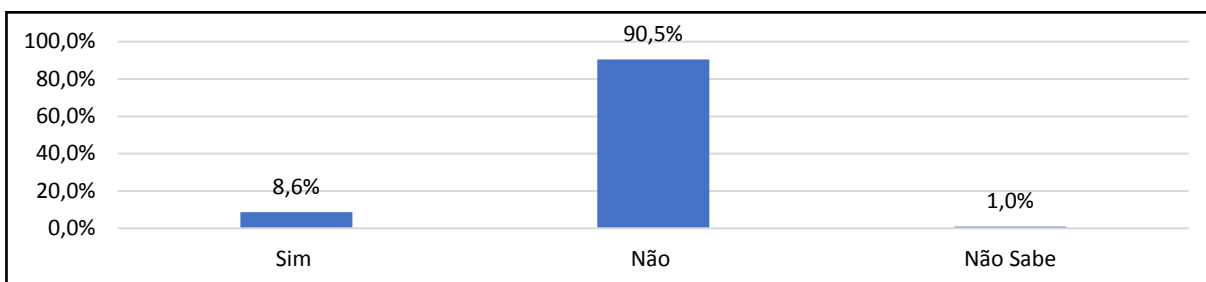


Gráfico 43: **Percentual daqueles que acreditam ou não na finalização da obra de canalização no ano de 2018**  
Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Mesmo com a incredibilidade de muitos para com o término da obra, estes projetam um espaço mais dotado de condições para o lazer, encontrar ou reunir com amigos e familiares nos espaços que serão futuramente criados e ainda para a prática de atividades física como a caminhada, corrida, ciclismo, vôlei e futebol de areia.

Esse espaço concebido pode se tornar realidade, mas ainda que seja idealizado pelos e para os moradores, não se tem efetivamente claro para sociedade como será organizado e como funções serão distribuídas àquele espaço que foi quase que totalmente transformado.

### **3.8 AS PARALIZAÇÕES DA CANALIZAÇÃO E A COMISSÃO PRÓ CANALIZAÇÃO**

Com o aumento populacional na Microbacia do Córrego Canivete e com a transformação do ambiente natural (córrego e seu entorno) produziram-se problemas socioambientais e a sociedade passou a cobrar do Estado ações que pudessem melhorar aquela realidade.

Como informado foi através do governo do Estado na figura do Governador Blairo Borges Maggi (segundo mandato 2007 – 2010, onde renunciou ao cargo para candidatar ao senado federal), em que se lançou nesse período a retomada da obra de canalização do Córrego Canivete.

A partir do lançamento da obra em 2010, esta teve o prazo inicial de término de 1 (um) ano e havia sido estimada com o valor de R\$16,3 milhões onde 15,4 milhões seria do Ministério das Cidades e o restante o Governo Estadual complementaria como contrapartida. Com diversos impasses com empreiteiras a obra ficou paralisada por 2 (dois) anos.



De acordo com o site rdnews portal de notícias de MT (<https://www.rdnews.com.br>), as informações adquiridas pela Septu (Secretária de Estado de Transporte e Pavimentação Urbana), a partir da desistência da Construtora Texas (vencedora inicialmente da licitação) foi chamada a segunda colocada que no caso era a Geosolo Engenharia e que, posteriormente desistiu de continuar a obra. Assim a terceira colocada, Ensercon Engenharia foi convocada e também desistiu da empreitada.

A retomada da obra ocorreu novamente no ano de 2017, depois de superada as interrupções nos mandatos do governo de Silval da Cunha Barbosa, agora na figura do atual governador José Pedro Gonçalves Taques, eleito com votação expressiva em Rondonópolis e tendo como uma de suas propostas a canalização do Córrego Canivete. Segundo o site atribunamt (<https://www.atribunamt.com.br>), a obra foi assumida pela empresa Zavattaro Engenharia e teve o custo aproximado de R\$ 13,417 milhões onde 12,7 milhões de recursos do Ministério das Cidades e o restante advindo do Governo Estadual.

Por meio de alguns representantes de bairros e pessoas independentes, foram realizadas reuniões durante todo o processo de construção da canalização (paradas e retomadas das obras), discutindo a respeito dos problemas socioambientais que existiam nas proximidades do córrego. Como tal realidade precisava ser mudada, a pressão que estes moradores exerceram sobre os vereadores e sobre o governo do estado foram intensas uma vez que a canalização era uma obra que melhoraria a infraestrutura e valorizaria os imóveis.

Lefebvre (2001, p.156) trata dessa questão da seguinte forma:

No plano político, tudo é questão de relações de força; mas nesse ponto (aliás, importante), o Estado democrático (burguês ou não) continua sensível e acessível à pressão de baixo, às reivindicações. Seu sistema contratual não pode se cristalizar. Novas necessidades – necessidades sociais e individuais – surgem e, primeiro, como cada um sabe, as dos trabalhadores como tais, mas também as dos grandes grupos minoritários, as mulheres, as crianças, os doentes e pessoas idosas, os delinquentes, os loucos etc.

É certo que a canalização foi ou é uma necessidade de cunho social, infraestrutural e valorativo do espaço vivido por aqueles moradores, mas ainda será exigido mais do que simplesmente canalizar. Os moradores projetam novas funções para aquele espaço para usufruir dos benefícios.

A Comissão Pró – Canalização teve como propósito a conclusão da obra, bem como a aplicação do recurso público a ser investido e incrementar o entorno da canalização com espaços de lazer para a sociedade.

### **3.9 A VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO: CONSTRUINDO UMA ANÁLISE DO ESPAÇO VIVIDO, DO ESPAÇO PERCEBIDO E DO ESPAÇO CONCEBIDO NA MICROBACIA DO CÓRREGO CANIVETE**

O homem contemporâneo tem mais do que nunca atribuído valores aos “seus” objetos, momentos, espaços, lugares, paisagem e até mesmo aos sentimentos que possam ser produzidos, tais como o medo, coragem, alegria, tristeza, discórdia, concórdia e outros.

O espaço enquanto análise tem contido todos estes “seus” a que se possa atribuir valor, monetário e/ou valor sentimental, ou seja, o espaço não está valorizado apenas por meio de seus objetos que são produzidos pelo homem, mais também no seu significado na sua representação e importâncias que desempenham em determinado lugar configurando relações mais estreitas.

É no lugar que podemos compreender o quão significa os elementos que fazem parte da vida cotidiana como o valor de uso, mas, sobretudo o valor de troca.

Para Lefebvre, (2000, p.07):

O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os “produtos”, não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxos de matérias-primas e de energias, redes de repartição de produtos.

A produção espacial na Microbacia do Córrego Canivete está marcada entre outros processos, pela mudança da percepção do espaço vivido no que diz respeito ao valor de uso que os entrevistados relataram ter no imóvel, principalmente quando da aquisição, considerado como o único lugar de moradia acessível. Com o passar do tempo e o incremento de serviços públicos ao redor das propriedades, circulação de transporte público, instalação de postos de saúde, escolas, água encanada, iluminação e asfaltamento despertou em muitos uma outra relação com o espaço, o de valor de troca.

Talvez seja importante observar como alguns moradores pioneiros, residentes ainda hoje no local, recordam do início de sua fixação naquele espaço natural e pouco habitado. Na figura 9 visualizam-se alguns elementos do espaço entre 1976 a 1980, segundo os pioneiros, que apontam o uso e ocupação na Microbacia do Córrego Canivete.

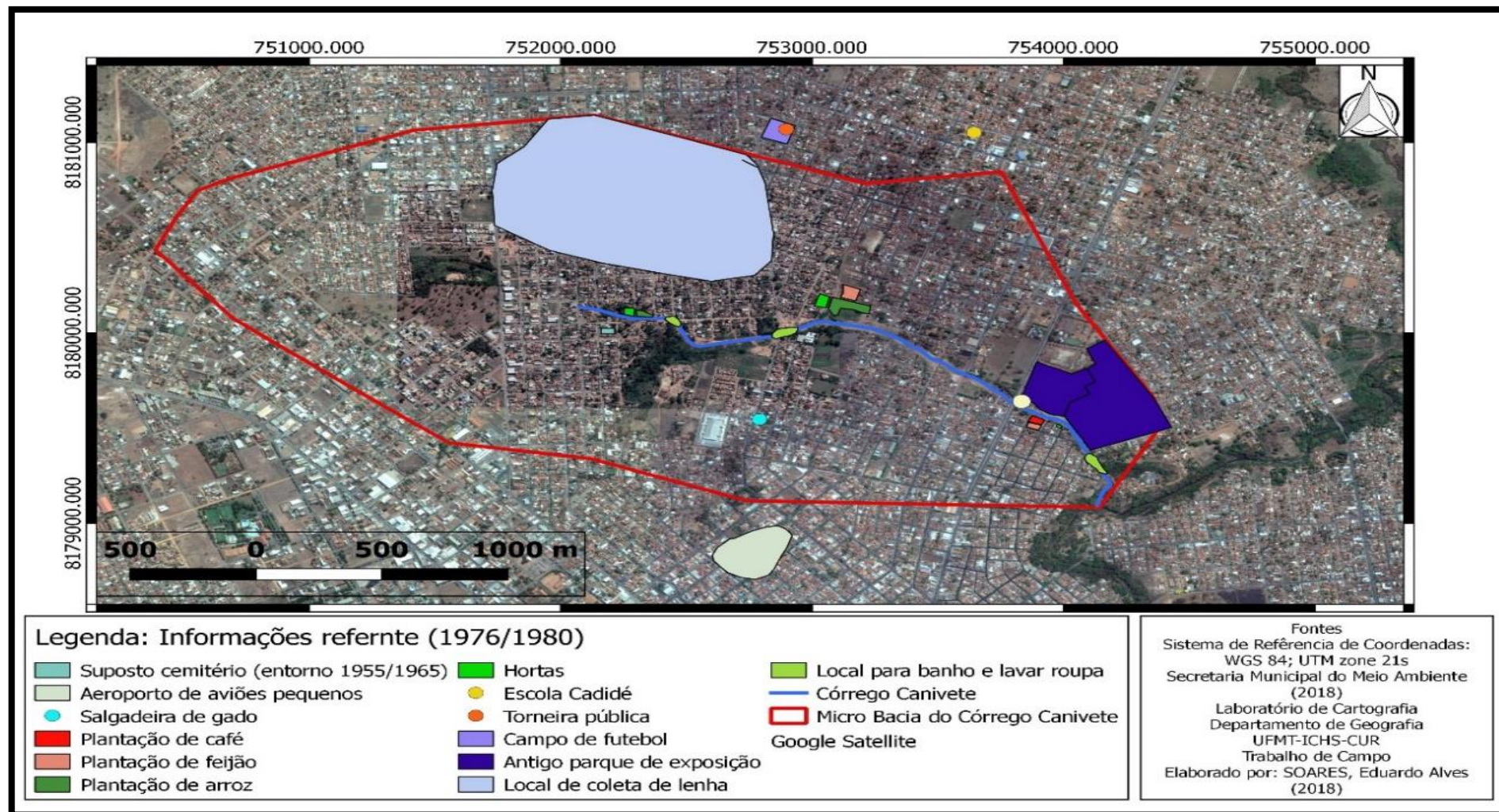


Figura 9: Mapa mental dos moradores pioneiros residentes nas proximidades do córrego

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Como a cidade experimentou a expansão da mancha urbana sobre a microbacia do córrego em direção ao Distrito da Vila Operária a partir dos anos 1970, aos poucos os outros usos tipicamente de natureza rural foram suprimidos. Também neste mapa mental estão arrolados outros usos das águas do córrego, tanto para lazer como para a lavagem de roupas. A microbacia experimentou, e de certo modo ainda experimenta, uma relação aproximada ao meio rural: na década aqui em consideração haviam hortas, plantações de arroz, feijão e café, pequenas criações e foi nesse período o espaço da cidade onde se localizavam as grandes estruturas de armazenagem dos governos estadual e federal e junto a estas, o primeiro parque de exposições do município. Além do mais como sua margem esquerda pertencia ao Distrito da Vila Operária, na constituição deste o final dos anos 1950, parcela da população era constituída de migrantes que se deslocaram das antigas colônias agrícolas de Mata Grande e Campo Limpo para a cidade em busca de melhores oportunidades. Vale ressaltar que a via de acesso a essas colônias agrícolas cortava o Canivete ligando também ao município de Poxoréo, do qual Rondonópolis foi emancipado.

Em relato dos moradores entrevistados todos os outros espaços não descritos eram de cerrado e a quantidade de casas espalhadas em meio a essa vegetação era diminuta. A locomoção era feita a cavalo, carroça, e carro de boi, e as “trilhas”, caminho feito em meio ao cerrado, desempenhavam papel de ruas.

A iluminação e a água encanada não haviam chegado e o sistema de poços era comum para outros moradores. A coleta de água era feita em trechos do córrego onde haviam nascentes e nos limites externos ao norte da microbacia, onde em um campo de futebol, terreno hoje da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim, a busca de água individualmente por pessoas e carroças era feita utilizando “baldes”.

O espaço percebido inicialmente era apenas como sendo um espaço de fixação de moradia e afirmação das condições básicas de sobrevivência, contudo esta percepção foi se transformando na medida em que a cidade foi ganhando mais contingente populacional, incremento de infraestrutura e serviços públicos, bem como, o desenvolvimento comercial na cidade, agregando valor financeiro à terra.

Ainda que as condições de vida foram evoluindo e trazendo mais dignidade aos moradores adjacentes do Córrego Canivete, naquele momento faltava-se muito ainda a ser feito, a poluição do curso d'água e da área de preservação permanente do córrego crescia juntamente

com o contingente de moradores. As necessidades dos moradores que a princípio eram por moradias, infraestrutura e serviços sociais foram sendo minimizados, por outro lado, os problemas ao meio ambiente foram se agravando.

À medida que o valor da terra aumentava ficava mais difícil conseguir uma propriedade que fosse mais distante do córrego e/ou mais próximo do centro da cidade, isso levou uma apropriação de espaços cada vez mais perto do curso d'água onde foi contabilizado 64 imóveis que estão com seus lotes ou casas contidas na área de preservação permanente (figura 10).



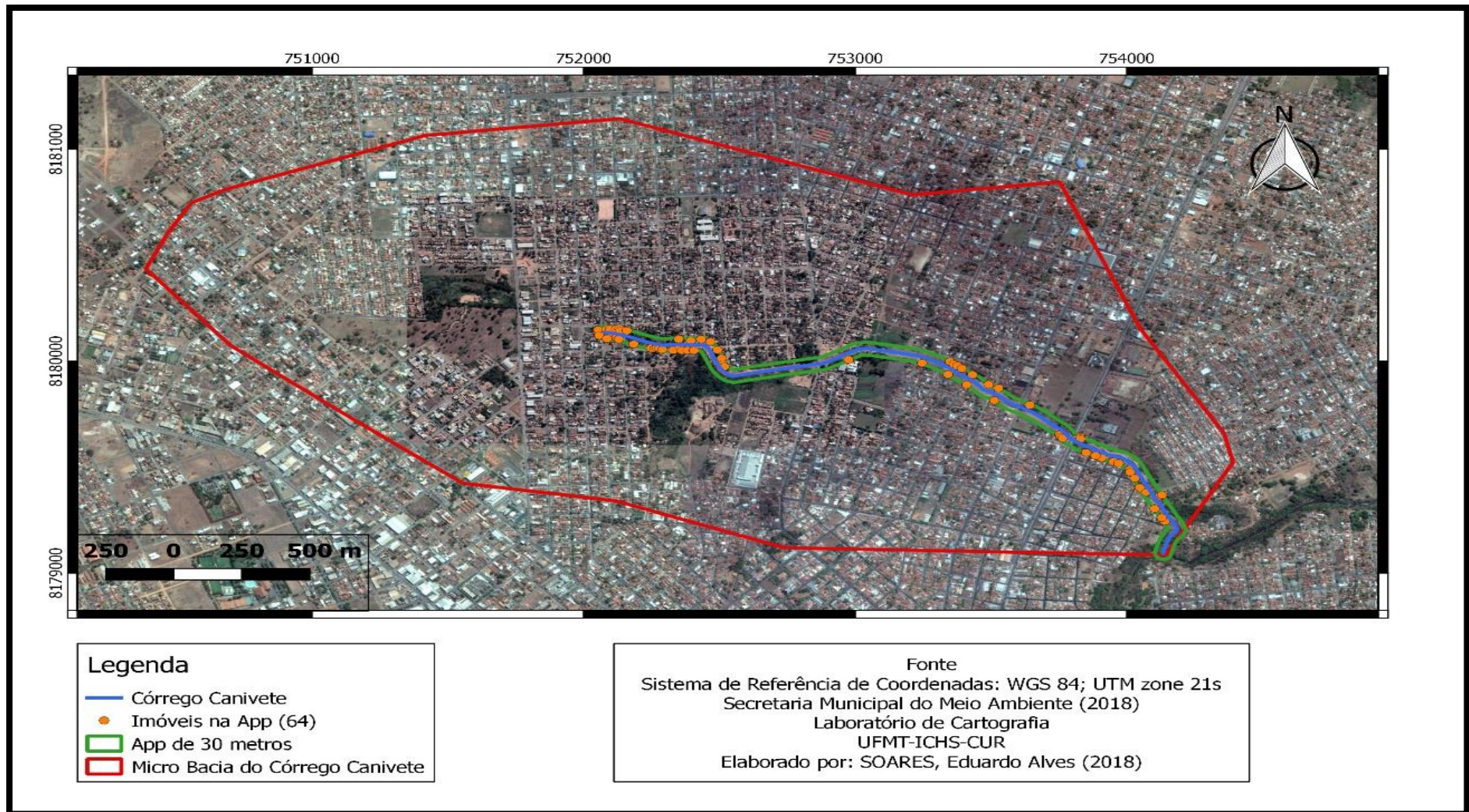


Figura 10: Quantidade de imóveis contidos na Área de Preservação Permanente do córrego  
 Fonte: Trabalho de Campo (2018)

Inicialmente o espaço vivido era muito mais rústico, precarizado e até mesmo distante dos serviços que a cidade dispunha para seus habitantes, essa característica era uma condição que proporcionava à terra ter um preço baixo e isso elevava o valor de uso ao imóvel. Com o passar do tempo, devido às melhorias nas condições de vida para muitos residentes na microbacia, aqueles que se encontravam mais próximos ao córrego perceberam, no cotidiano, as dificuldades existentes que os desafiaram a fixar moradia em setores com ocorrência de erosão, enchente e consideravelmente rodeados pela vegetação do córrego. Os fatores repulsivos da fixação não se constituíram em impedimento pois o elemento de atração, o custo ou a ausência deste, no caso de ocupação, funcionou como o vetor principal.

Segundo Lefebvre (2006, p.111 e 112):

Ora, o espaço (social) não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos; ele engloba as coisas produzidas, ele compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem (relativa) e/ou desordem (relativa). Ele resulta de uma sequência e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto.

O convívio social produzido dia após dia foi dando “corpo” às relações sociais e possibilitando conhecimentos e articulações que conduziram em direção a produção do espaço.

O aumento populacional e a ocupação produziram o espaço urbano da cidade e, por consequência, da Microbacia do Córrego Canivete. Entre várias consequências vale ressaltar a impermeabilização do solo através das construções de casas, calçadas e pavimentação gerando, um escoamento superficial cada vez maior, levando mais rapidamente a água pluvial para o curso d'água que acabava por transbordar e inundar casas próximas ao córrego.

A valorização do espaço passa pelas condições ambientais que aquele espaço lhe proporciona. As residências que tinham possibilidade de ocorrência de enchentes passavam por um processo de desvalorização se comparadas àquelas que não tinham o mesmo risco.

A vontade de preservação do meio ambiente não era uma prioridade, e sim o lugar de moradia e melhorias gradativas para este espaço. Isso veio levar a uma significação do lugar enquanto o valor de uso e, posteriormente o valor de troca delegando a um terceiro plano o meio natural. Muitas foram as dificuldades que esses moradores tiveram para conseguirem um terreno e fazer a construção de suas moradias definitivas.

Lefebvre (2001, p117) diz que:

A reivindicação da natureza, o desejo de aproveitar dela são desvios do direito à cidade. Esta última reivindicação se anuncia indiretamente, como tendência de fugir à cidade deteriorada e não renovada, à vida urbana alienada antes de existir “realmente”. A necessidade e o “direito” à natureza contrariam o direito à cidade sem conseguir eludi-lo (Isto não significa que não se deva preservar amplos espaços “naturais” diante das proliferações da cidade que explodiu).

O desenvolvimento da cidade produz no sujeito o comportamento ideológico que a ocupação dos espaços vazios é uma necessidade e, priva-se de preservar esses espaços naturais, necessários para a qualidade de vida e do ambiente, reduzindo assim os riscos característicos de modelo de urbanização.

A percepção de outros espaços e como outros sujeitos vivem levaram então a uma nova concepção do espaço, o espaço concebido, onde projeta-se definitivamente um espaço totalmente transformado, sem “mato”, arborizado, gramado, limpo, com um conjunto de objetos que valorizem o espaço e o seu redor e, sobretudo, que se acabe com os problemas ligados a erosão, enchente e resíduos sólidos no ecossistema do córrego.

É notado que a figura do espaço concebido não aparece somente neste momento de produção do espaço, mas durante todo o processo, assim como o espaço percebido e vivido, porém o que vale ressaltar é que a concepção desse novo espaço se torna um destaque notável, em que pese a magnitude da transformação espacial.

Segundo Lefebvre (2000, p. 08)

Ora, o espaço entra nas forças produtivas, na divisão do trabalho; ele tem relações com a propriedade, isso é claro. Com as trocas, com as instituições, a cultura, o saber. Ele se vende, se compra; ele tem valor de troca e valor de uso. Portanto, ele não se situa a tal ou tais “níveis”, “planos” classicamente distinguidos e hierarquizados.

Nesse sentido pode-se considerar uma projeção de valorização do espaço e por consequência do imóvel que está contido nesse local. A partir dessa transformação valorativa no espaço o imóvel passa a ter para muitos moradores um valor simultâneo de uso e troca, de um lado a sua história no lugar e, por outro lado, o ganho financeiro que passa a ter com a venda ou refuncionalização do imóvel.



Segundo Ferreira (2016, p. 10 e 11):

Assim sendo, por possuir um preço determinado pela regulação do mercado imobiliário, a terra não é acessível a todos, sendo adquirida somente por meio da compra. Isso significa, portanto, que quem não possui renda suficiente, não tem acesso a terra. Um dos determinantes da renda da terra é o fator locacional, de tal maneira que terrenos de mesmas dimensões e características possuem preços diferenciados dependendo de sua localização na cidade. Outro fator que determina o preço do solo urbano diz respeito à presença de infraestrutura urbana, bem como de equipamentos de consumos coletivos.

A figura 11 apresenta a planta de valores do terreno por m<sup>2</sup> de Rondonópolis referente ao ano de 2017 estabelecida pela Prefeitura Municipal de Rondonópolis para efeitos de tributação. Na medida que o terreno/lote está mais distante do centro da cidade (área em marrom no mapa) o preço do metro quadrado tende a diminuir, tal dinâmica está relacionada com os fatores econômicos que o centro pode oferecer em relação às demais áreas que exercem funções distintas desta. As diversas centralidades no urbano acabam por constituir uma variedade de preços da terra. Isso é natural uma vez que o espaço urbano deve ter como características os processos, formas e funções todos conectados social e economicamente.

Para Côrrea (1989) o capitalismo utilizando-se plenamente da indústria destaca a produção espacial da cidade com o aparecimento da área central e justamente evidencia-se o processo, forma e também as funções que ambas estão conectadas as relações sociais no tempo e espaço.

Essa organização valorativa da terra pelo poder do Estado na figura da prefeitura, por exemplo, tem suas peculiaridades, talvez o que mais chame a atenção seja a função que aquele determinado espaço exerce (residência grande para alugar como moradia) juntamente com sua forma (moderna ou arcaica etc), função e forma que foram concebidas. Nesse caso o uso também pode ser um condicionante do preço pois dependendo do uso do imóvel o mercado ou a comunidade estabelece um preço e a prefeitura o valor em função da localização. Nessa situação o elemento preponderante no preço não é o que está acima do terreno, é estar em sua condição plena.

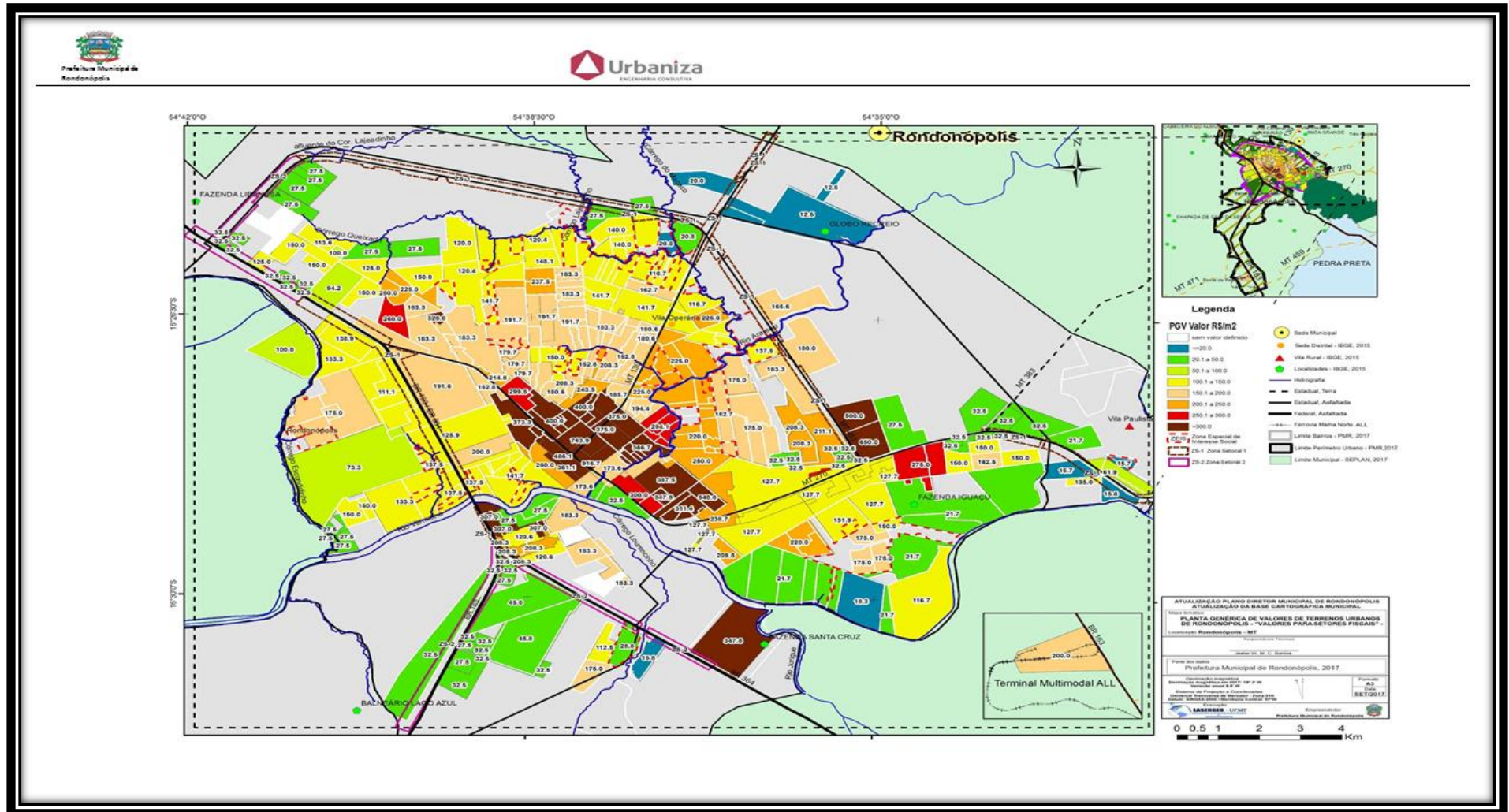


Figura 11: Planta genérica de valores de terrenos urbanos de Rondonópolis-MT

Fonte: Produção de Mapeamentos Temáticos para a Fase de Diagnóstico do Processo de Atualização do PDM de 2006/Laboratório de Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento/UFMT (2017)

O fator locacional é um dos principais fatores na sociedade capitalista a influir no preço da terra. A distância absoluta e relativa ao emprego, aos principais serviços da cidade, as vias rápidas são determinantes no preço. O mesmo ocorre na microbacia do Córrego Canivete que deixou de ser a periferia geométrica da cidade, aquele mais distante do centro uma vez que a cidade expandiu para além desse limite anteriormente estabelecido. Na figura 12, é apresentada a distância média dessas principais avenidas que ligam os moradores da Microbacia do Córrego Canivete em direção ao Centro Comercial de Rondonópolis.



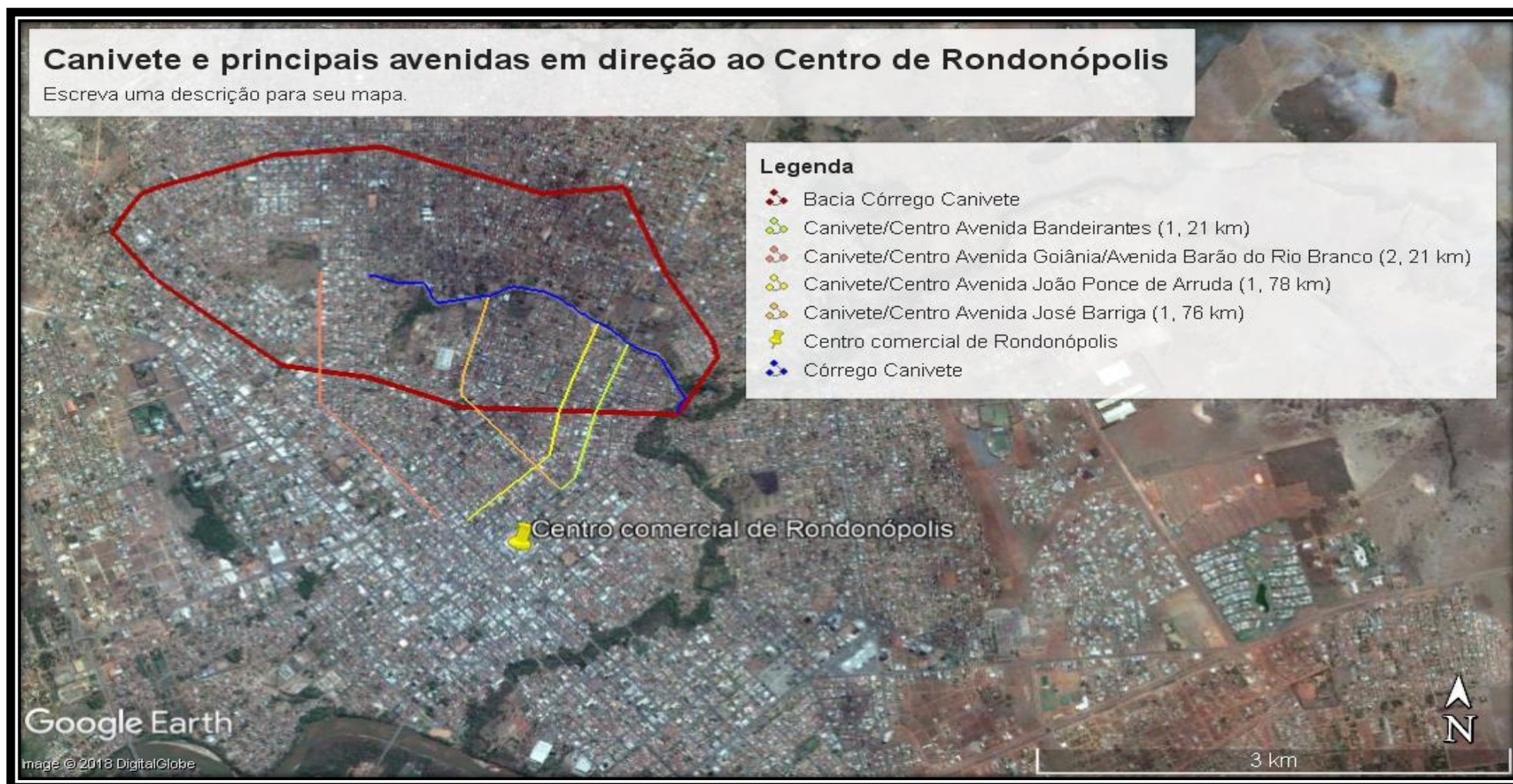


Figura 12: Avenidas que conectam moradores da Microbacia do Córrego Canivete ao centro comercial de Rondonópolis

Fonte: Google Earth Pro (2018)

Organizador: SOARES, E. A. (2018)

Vale aqui ressaltar que para considerar tal informação foi utilizado como requisito a densidade comercial atual que se conecta com o centro pioneiro da cidade onde estão situadas as duas praças mais importantes historicamente do espaço urbano (Praça Brasil e Praça dos Carreiros).

O espaço encontra-se em produção constante e a máquina pública apropria-se dos incrementos capitalistas para subtrair parte dessa condição por meio da arrecadação tributária em que vale o destaque para o Imposto predial e territorial urbano (IPTU).

No quadro 5 é apresentada a planilha de valores do imposto predial e territorial urbano (IPTU) cobrado por bairro contidos na microbacia do Córrego Canivete.

Alguns bairros estão contidos em área de transição, permeados ora com valor de um bairro limítrofe, ora com outro.

Bairros contidos totalmente ou parcialmente na Micro Bacia do Córrego Canivete	Valor do m <sup>2</sup> dos terrenos localizados neste setor	SETOR FISCAL	Bairros contidos totalmente ou parcialmente na Micro Bacia do Córrego Canivete	Valor do m <sup>2</sup> dos terrenos localizados neste setor	SETOR FISCAL	Bairros contidos totalmente ou parcialmente na Micro Bacia do Córrego Canivete	Valor do m <sup>2</sup> dos terrenos localizados neste setor	SETOR FISCAL
Vila Valéria	Não obteve dados	Não obteve dados	Loteamento Olivina	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Morada dos Bandeirantes	<u>R\$ 50,00</u> até <u>R\$ 90,78</u>	82 e 24
Vila São José	Não obteve dados	Não obteve dados	Loteamento Nossa Senhora Aparecida	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Modelo	Não obteve dados	Não obteve dados
Vila Santa Luzia	Não obteve dados	Não obteve dados	Loteamento Monte Líbano	<u>R\$ 99,67</u>	13	Jardim Marialva	<u>R\$ 74,17</u>	
Vila Santa Catarina	<u>R\$ 99,33</u>	11	Loteamento Esplanada	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim LuzDayara	<u>R\$ 74,17</u>	53
Vila Santa Catarina II Parte	<u>R\$ 99,33</u>	11	Jardim Vera Cruz	<u>R\$ 74,17</u>	53	Jardim Kênia	<u>R\$ 76,67</u>	10
Vila Planalto	<u>R\$ 90,78</u>	24	Jardim Tropical	<u>R\$ 75,00</u> até <u>R\$ 93,33</u>	71	Jardim Ypê	Não obteve dados	Não obteve dados
Vila Operária	: <u>R\$ 99,50</u>	23	Jardim Santa Rosa	<u>R\$ 50,00</u>	82	Jardim Ypê Prolongamento	Não obteve dados	Não obteve dados
Vila Kamal Jumlat	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Santa Marta	<u>R\$ 101,06</u> até <u>R\$ 179,74</u>	92 e 63	Jardim Guanabara	<u>R\$ 150,31</u>	26
Vila Esperança	<u>R\$ 120,00</u>	22	Jardim Santa Clara	<u>R\$ 130,00</u> até <u>R\$ 74,17</u>	25 e 53	Jardim Liberdade	Não obteve dados	Não obteve dados
Vila Duarte	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Santa Clara II Parte	<u>R\$ 130,00</u> até <u>R\$ 74,17</u>	25 e 53	Jardim Gramado	<u>Até R\$ 93,33</u>	71
Vila Dom Pedro	<u>R\$ 74,17</u>	53	Jardim Santa Barbara	<u>R\$ 76,67</u>	10	Jardim Gramado Dois	<u>Até R\$ 93,33</u>	71
Vila Carvalho	<u>R\$ 76,67</u>	10	Jardim Rivera	<u>R\$ 76,67</u>	10	Jardim Ebenezer	<u>R\$ 50,00</u>	82
João de Barro	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Pindorama II Parte	<u>R\$ 90,78</u>	24	Jardim Das Hortências	<u>R\$ 99,33</u>	11
Parque Residencial Buriti	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Pindorama I Parte	<u>R\$ 90,78</u>	24	Jardim Bela Vista	<u>R\$ 74,17</u>	53
Loteamento Valecia Cristina	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Novo Horizonte	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Assunção	<u>R\$ 99,33</u>	11
Loteamento Quitéria Teruel Lopes	Não obteve dados	Não obteve dados	Jardim Nossa Senhora da Glória	<u>R\$ 76,67</u>	10	Jardim Assunção II Parte	<u>R\$ 99,33</u>	11
						Jardim América	<u>R\$ 93,33</u>	71
						Bairro Santa Cruz	<u>R\$ 101,74</u> a <u>R\$ 130,00</u> até <u>R\$ 150,09</u>	54, 25 e 09

Quadro 5: Valor do m<sup>2</sup> dos terrenos localizados nos bairros contidos na Microbacia do Córrego Canivete

Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis (2013)

Organizador: Soares (2018)

A infraestrutura, os serviços, as formas e funções eram diferentes em 2013 (quadro 04), em comparação a 2017, representado na figura 13, uma vez que alguns aspectos eram completamente diferentes, tais como a infraestrutura nas proximidades do córrego como, rede de esgoto inexistente, ruas sem asfalto e iluminação precária.

Outro aspecto a levar em consideração é a manutenção dos serviços que o município proporciona a sociedade. No ato de administrar o gestor público exige o aumento da arrecadação e, para suprir as perdas da inflação e/ou incrementar os serviços prestados se aumenta a carga tributária, entre elas o IPTU. O preço da terra, mesmo o valor venal estabelecido pelo poder público, também pode se converter em um elemento de segregação socioespacial principalmente em espaços que tiveram forte valorização.

Carlos (2007, p.59) explica que:

As cicatrizes urbanas, que marcam cada vez mais os bairros, separam e segmentam os lugares, e com isso mudam o sentido da existência humana, que vai perdendo sua riqueza pelo enfraquecimento das possibilidades de sociabilidade. As transformações geram um constante movimento dos habitantes no espaço alterando profundamente as relações no bairro.

Nesse sentido em que Carlos explica a dinâmica urbana, pode-se estabelecer ainda para a análise anterior, que o sujeito ao perceber a mudança comportamental dos demais indivíduos, este concebe para o espaço passível de transformação que favoreça o seu bem-estar espiritual, sua qualidade de vida, mais principalmente o seu ganho financeiro.

Ainda que tenha estes e outros aspectos a levar em consideração para alteração do tributo ao cidadão, no caso de Rondonópolis os seus ajustes foram conduzidos através do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), onde esse índice trabalha basicamente com os números da infração.

O quadro 6 apresenta a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor aplicado como forma de reajuste ao Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) em Rondonópolis.

INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor	
Periodos	Porcentagem Acrescida
2008/2008	6,48%
2009/2009	3,86%
2009/2010	6,08%
2010/2011	6,66%
2011/2012	5,80%
2012/2013	Sem informação
2013/2014	6,16%
2014/2015	10,97%
2015/2016	7,38%
2016/2017	1,94%

Quadro 6: **Percentual de acréscimo do (IPTU) utilizando o INPC em Rondonópolis-MT**

Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis

Organizador: Soares, E. A. (2018)

Esses incrementos produzidos no espaço vivido fornecem para o sujeito uma valorização de seu imóvel, porém são os incrementos oriundos do poder público que secundariamente e/ou proporcionalmente serão levados em consideração quando for reajustar o imposto sobre o imóvel – Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

Na figura 13 é apresentada a valorização do espaço urbano na Microbacia do Córrego Canivete, onde se pode visualizar que a borda mais ao sul e a leste da bacia está com um valor tendenciosamente maior em comparação às demais áreas. Alguns elementos apontam para uma possível explicação, tais como a aproximação dessas áreas ao centro da cidade ou de vias que ligam ao centro, áreas com melhor infraestrutura, áreas com potencial de desenvolvimento comercial, possibilidade de construção de edificação horizontal, e ainda podendo ser áreas consolidadas a mais tempo o que levou uma valoração comercial da terra e, por consequência o aumento da tributação.

Ao se analisar a figura 13, se observa que a maior parcela da microbacia do Córrego Canivete se encontra no setor fiscal onde o metro quadrado varia de R\$151,00 a R\$ 200,00 compreendendo parcela significativa da porção oeste da microbacia onde se encontra a cabeceira e na porção norte, que corresponde a margem esquerda do Canivete.

A margem direita do referido córrego, correspondente ao norte da microbacia, é onde se encontra a maior variação do preço do metro quadrado correspondendo a seis setores fiscais



estabelecidos pelo poder público. A variação da planilha de valores entre a margem direita e a margem esquerda pode ser explicada porque a variação na ocupação e no uso da terra da margem direita é maior do que na margem esquerda. Como por exemplo, grandes extensões de áreas ainda não construídas que na figura 13, são denominadas de áreas de interesse público, cujo o valor do metro quadrado varia de R\$ 100,00 a R\$ 200,00. Ao mesmo tempo na margem direita também se encontram espaços com os mais altos valores do metro quadrado, tendo em vista encontrarem-se mesmo que nos limites mais externos da microbacia alguns dos bairros burgueses da cidade.

Em se considerando o limite foco da pesquisa, ou seja, os cem metros contornando o córrego se observa também a presença de cinco setores fiscais onde o metro quadrado apresenta uma variação de R\$100,00 a mais de R\$ 300,00 por metro quadrado. Se focarmos a análise apenas na margem esquerda a média do metro quadrado dos dois setores fiscais é de R\$ 201,00. Idêntico cálculo realizado para margem direita apresenta o seguinte resultado: a média do metro quadrado foi de R\$ 169,00, devido conforme colocado anteriormente a maior variabilidade de setores fiscais. Outro aspecto a ressaltar é o preço relativamente alto do baixo curso do córrego, incluindo a sua foz no Ribeirão Arareau, abaixo da avenida Bandeirante, aparentemente um espaço sem maiores qualidades.

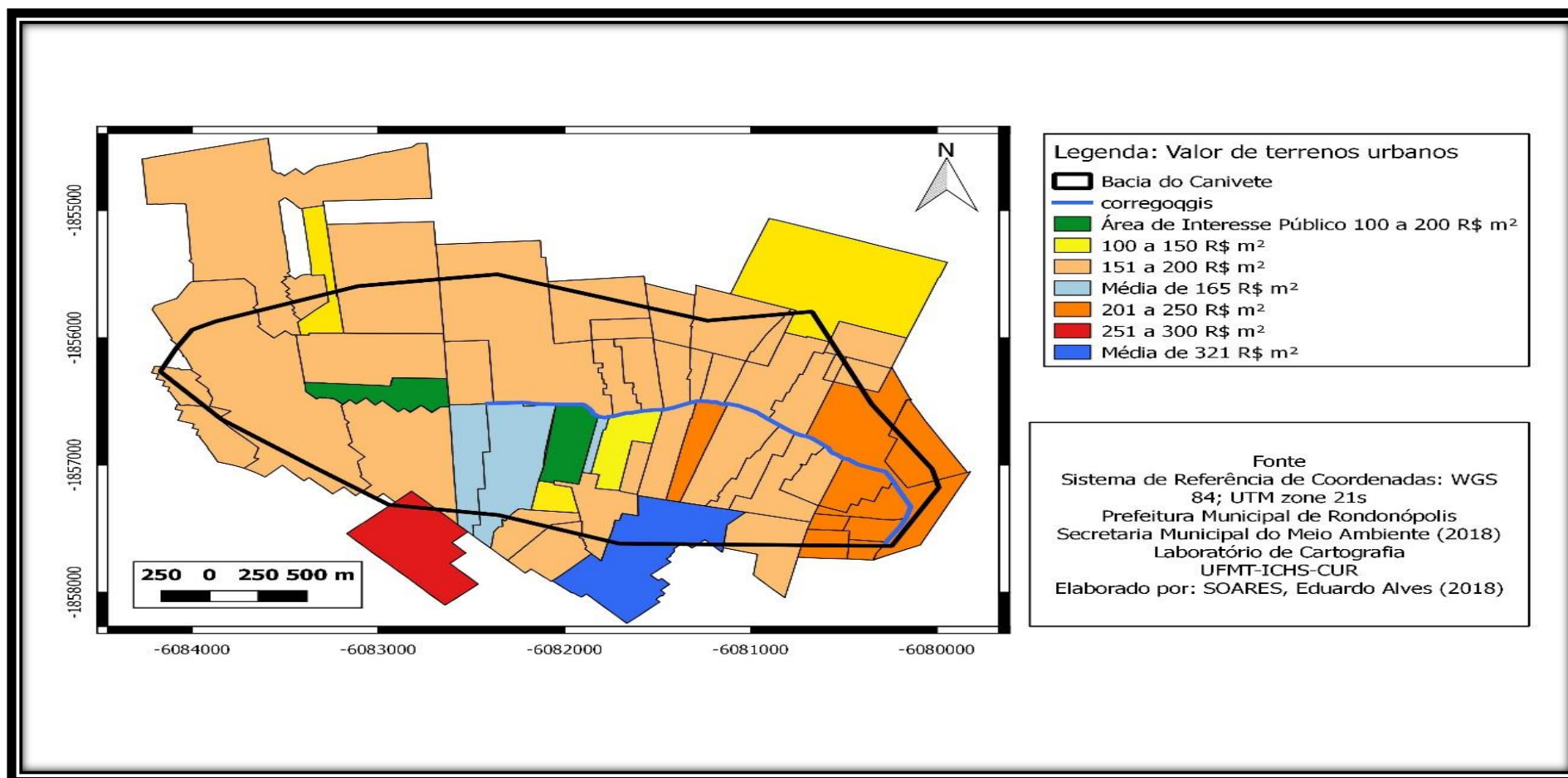


Figura 13: Valoração dos terrenos na Microbacia do Córrego Canivete

Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis

Adaptado por: SOARES, E. A. (2018)

Observação: A área em azul na figura 14, corresponde a dois setores censitários na figura 13. Como um bairro possui dois setores censitários distintos a cor foi alterada para cor azul por que se trabalhou com a média do preço por metro quadrado dos dois setores censitários

Os fatores que valorizam o imóvel urbano na ótica da arrecadação de impostos do poder público, nem sempre é acompanhado na íntegra pelos agentes imobiliários, os quais utilizam alguns critérios utilizadas no mercado imobiliário analisando alguns aspectos considerados primordiais, tais como a infraestrutura do entorno, a proximidade dos espaços de lazer, quantidade e qualidade do comércio, acessibilidade, equipamentos urbanos, etc.

Entrevista realizada com a senhora Sandra Antunes, proprietária da Batista Empreendimentos Imobiliários, permitiu levantar quais fatores são primordiais para a valorização no espaço percebido, conforme abaixo relaciona:

- a infraestrutura do entorno: o asfaltamento em bom estado e devidamente sinalizado, saneamento básico (água encanada e tratada, rede de esgoto, galerias pluviais), iluminação de qualidade. A ausência desses elementos ou suas precariedades promove a desvalorização tanto de um imóvel residencial quanto do comercial;
- os espaços de lazer que o entorno pode propiciar: praças, parques, campos de práticas esportivas, pistas de caminhada ou para práticas de atividades físicas, clubes, shopping, bares, lanchonetes, restaurantes entre outros. São aspectos que valorizam parcialmente o imóvel, é lógico, depende da natureza do imóvel, se comercial é preferível que exista mais comércio ao contrário das áreas residenciais, pois as pessoas buscam tranquilidade e o comércio traz o agito;
- instituições religiosas: sobretudo as instituições que produzem um excesso de som, “barulho” ou que promovem muitas festas além de produzirem durante estas festividades um aumento de fluxos de automóveis e pessoas. Isso tem a tendência de desvalorizar o imóvel residencial. Sobre a ótica da valorização de um imóvel residencial é preferível que as instituições religiosas se encontrem em avenidas de grande fluxo de automóveis e que tenham no seu entorno uma quantidade maior de comércio do que residências;
- o grande ou pequeno fluxo de automóveis: em área tipicamente residencial é preferível que não tenha um alto fluxo de automóveis devido a possibilidade de acidentes; dificultar a entrada e, principalmente a saída de casa com o seu carro, e ainda tem o fator da poluição sonora que “tira o sossego” do residente. O grande fluxo de automóveis contribui para a valorização do comércio uma vez que aumenta o número de pessoas que circulam e perpassam pelo comércio.

- posto de combustível: o posto produz uma pequena depreciação no valor do imóvel comercial, sendo menor que o residencial apesar da razão ser a mesma: risco de explosão, contudo, para o setor comercial o posto contribui para valorização uma vez que este também é um comércio e atrai pessoas para este espaço. Para o setor residencial não é tão significativa para valorização do imóvel uma vez que além do risco de explosão, pequeno, mas existe, aumenta-se o fluxo de automóveis e isso “perturba” a tranquilidade dos moradores adjacentes.

É notável que os mesmos elementos que desvalorizam um tipo de imóvel comercial podem valorizar o imóvel residencial. Quando se trabalha com o espaço da habitação os elementos existentes para além da residência que atribui valor ao imóvel (uso e troca) são expressivos além de serem de fundamental manutenção da vida dos cidadãos.

Segundo Carlos (2007, p.93) explica que:

Mas é preciso considerar que o espaço da habitação não pode se restringir ao plano da casa, pois o sentido do habitar é muito mais amplo, envolvendo vários níveis e planos espaciais de apropriação. A partir da sua casa e para manutenção de sua via, o cidadão usa outros lugares que a complementam, como a rua, os parques, as praças, os lugares de trabalho, os lugares de lazer. Esses usos se realizam num tempo determinado enquanto momentos da vida cotidiana e é neste sentido que se ilumina uma articulação indissociável entre espaço-tempo, na medida em que o uso do espaço urbano se realiza enquanto emprego de tempo e, portanto, a realização dos momentos da vida enquanto uso do espaço. Assim, a prática socioespacial, no plano do vivido, aparece como modo de apropriação dos lugares da cidade, onde se estabelecem os vários momentos da vida cotidiana para além da casa.

O espaço percebido pelos agentes imobiliários vai de encontro ao espaço vivido dos moradores que no seu espaço de habitação (para além da sua casa) diariamente conviviam com lixo, descuido por parte do poder público para com o córrego e a necessidade da manutenção da infraestrutura existente.

Em tempo ainda, observa-se que a prefeitura quando elabora a planilha de cálculo do preço da terra urbana por metro quadrado da cidade em diferentes setores para efeito de tributação do IPTU e ITBI, assim o faz tendo por base o espaço vivido e o percebido.

Os agentes imobiliários quando fazem a análise do espaço tendo por base as vantagens obtidas, pelo capital no seu processo de acumulação, o faz em cima do espaço percebido. Exemplificando, ficaria da seguinte forma: tendo como referência a contribuição de uma ponte sobre um córrego na zona urbana. A planilha de aumento do valor do m<sup>2</sup> será revista após a instalação da benfeitoria, enquanto o capital concebe essa valorização no ato da informação

sobre a construção, ou seja, passa a atribuir um maior preço sob a terra ou imóvel antes que a informação se concretiza, trazendo a especulação do futuro para o presente.

Nesse sentido, áreas não ocupadas passam a adquirir valor de mercado tendo em vista a se constituir em uma exclusividade, um exemplo são as áreas desocupadas próximas ao centro, as quais têm se tornado cada vez mais raras. Estes espaços se tornam possíveis para investimentos atraindo atividades do circuito superior da economia urbana e/ou serão incorporadas convertidas loteamentos, condomínios verticais e horizontais, agora com o preço do metro quadrado mais elevado do que idênticas áreas afastadas das zonas mais adensadas.

Nessa perspectiva a canalização e sua contribuição para valorização do espaço no seu entorno, deve propiciar aos proprietários de terrenos próximos ao córrego a ampliação da área possível de construção e, nesse aspecto, espaço percebido e concebido, proporciona uma valorização imediata. Outro elemento que podemos levar em consideração é a possibilidade de construção de áreas de lazer por parte do poder público.

Segundo a entrevistada Sandra Antunes, proprietária da Batista Empreendimentos Imobiliários a canalização do Córrego Canivete só não foi melhor para o ramo imobiliário por ter sido construída uma canalização aberta, seria melhor se fosse fechada, o que “inibiria o odor que possa existir com o passar do tempo”. Ainda conforme a entrevistada “esse odor afugenta a possibilidade de abertura de comércios na região do entorno do córrego bem como a valorização de residências que possam estar suscetíveis a esta condição”. Vale aqui ressaltar que o problema do odor é consequência de ligação clandestina de esgoto na rede de águas pluviais ou ligação direta no córrego, caso se evite o efluente no córrego canalizado, logo o odor deixa de existir.

O ganho com a canalização é considerável uma vez que o asfaltamento das ruas ainda não pavimentadas deverá ocorrer em curto espaço de tempo e a construção de quatro pontes, com término previsto ainda no ano de 2018, rompe uma barreira física e reconecta uma margem na outra aumentando assim a permeabilidade do tecido urbano. A figura 14 mostra as três primeiras pontes em construção no mês de outubro de 2018. o dia 20/10/2018.

A foto 1, mostra um trecho da canalização antes da construção da ponte. A foto 2, mostra o mesmo trecho canalizado com a construção da primeira ponte. A foto 3, mostra a segunda ponte e a foto 4, mostra a terceira ponte. A foto 5, 6 e 7 mostram as avenidas que passam respectivamente pela primeira, segunda e terceira ponte onde ambas ligam ao Templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.



Figura 14: Pontes construídas após a canalização

Fonte: Trabalho de Campo (2018)

As três primeiras pontes que estão em construção tendem a facilitar o acesso dos moradores em direção ao centro da cidade mas, principalmente ao Templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, onde os fiéis terão apenas a avenida José Barriga, via principal que liga parte da Vila Operária ao centro da cidade, para deslocarem-se da Vila Operária para com destino ao templo religioso.

Segundo o Site Agora MT (<https://www.agoramt.com.br>), o deputado estadual Sebastião Rezende viabilizou o montante para construção das 4 (quatro) pontes no valor de R\$ 1,612 milhões que serão construídas por meio do programa Pró-Concreto. O mesmo site também relata que o deputado estadual informou que a readequação da canalização do Córrego Canivete teve o valor de R\$ 5,605 milhões a maior, devendo o custo das pontes ficar limitado ao montante estabelecido para esse fim. Existe ainda a possibilidade de viabilizar cerca de R\$ 4 milhões para outras melhorias que seriam acrescentadas ao projeto de canalização, ainda não disponibilizado, sendo este valor dividido em R\$ 1,754 milhão para pavimentações nas vias adjacentes ao córrego e outros R\$ 2,238 milhões para realização da drenagem pluvial necessária no entorno.

Pode se perceber que a força da religião é acentuada, é um dos poderes da sociedade como aborda Lefebvre, uma vez que o deputado estadual Sebastião Rezende é da bancada

representativa dos evangélicos e, esses representantes públicos podem determinar ou direcionar onde os recursos das emendas parlamentares vão ser alocados. No caso específico foram direcionadas para a construção de pontes e de acordo com a reportagem do site A Tribuna MT (<http://www.tribunamt.com.br>), de Rondonópolis, essas pontes serão construídas com uma distância de uma centena de metros uma da outra, ou seja, praticamente concentradas em um local. Na mesma reportagem o deputado afirma que as pontes vão facilitar o deslocamento dos féis ao Centro de Convenções que a congregação construiu nas proximidades.

É do conhecimento que o uso dessas pontes é para uso de toda sociedade, mas, a justificativa apresentada na matéria jornalística reporta o intuito religioso. Esse exemplo demonstra como a alocação de recursos financeiros aplicado ao espaço modifica sua condição, levando a sua valorização. pois a alocação para determinados locais leva ao benefício imediato de determinados indivíduos ou para determinados fins. Nesse contexto fica claro que o espaço concebido está muito mais possível de tornar-se próximo do que se imaginou quando a força política deste que concebe tem poder de decisão.

Esse espaço em produção perpassa na mente dos moradores ou até mesmo dos demais sujeitos sabedores dessa transformação a possibilidade de conceber um espaço diferente e oportunizado de novos ganhos (financeiro ao investir no comércio e ganhos na qualidade de vida ao receber melhorias na infraestrutura).

Nesse contexto de valorização do espaço a infraestrutura tem um poder substancial ao modo que alavancar a produção e reprodução do espaço. Tomando como exemplo as mediações da Vila Ipê, onde ainda existem ruas sem asfaltamento, este elemento condicionou a região a ter uma valoração da terra diferente dos bairros Jardim Rivera e Jardim Santa Bárbara que são completamente asfaltados e estão ao seu lado, isso sem considerar outros fatores que contribuem para essa valorização.

Essa benfeitoria existente no espaço propicia a prática por partes dos moradores adjacentes a estas ruas não asfaltadas uma projeção futura a respeito do asfaltamento motivada pela canalização do córrego, apontando esse fato após a construção das pontes. A acessibilidade é um fator que incorporado ao espaço permite também a sua valorização a redução das distâncias e do tempo de viagem implica em redução de custo.

Na figura 15, estão demarcadas as ruas que não possuem asfalto no entorno do Córrego Canivete.



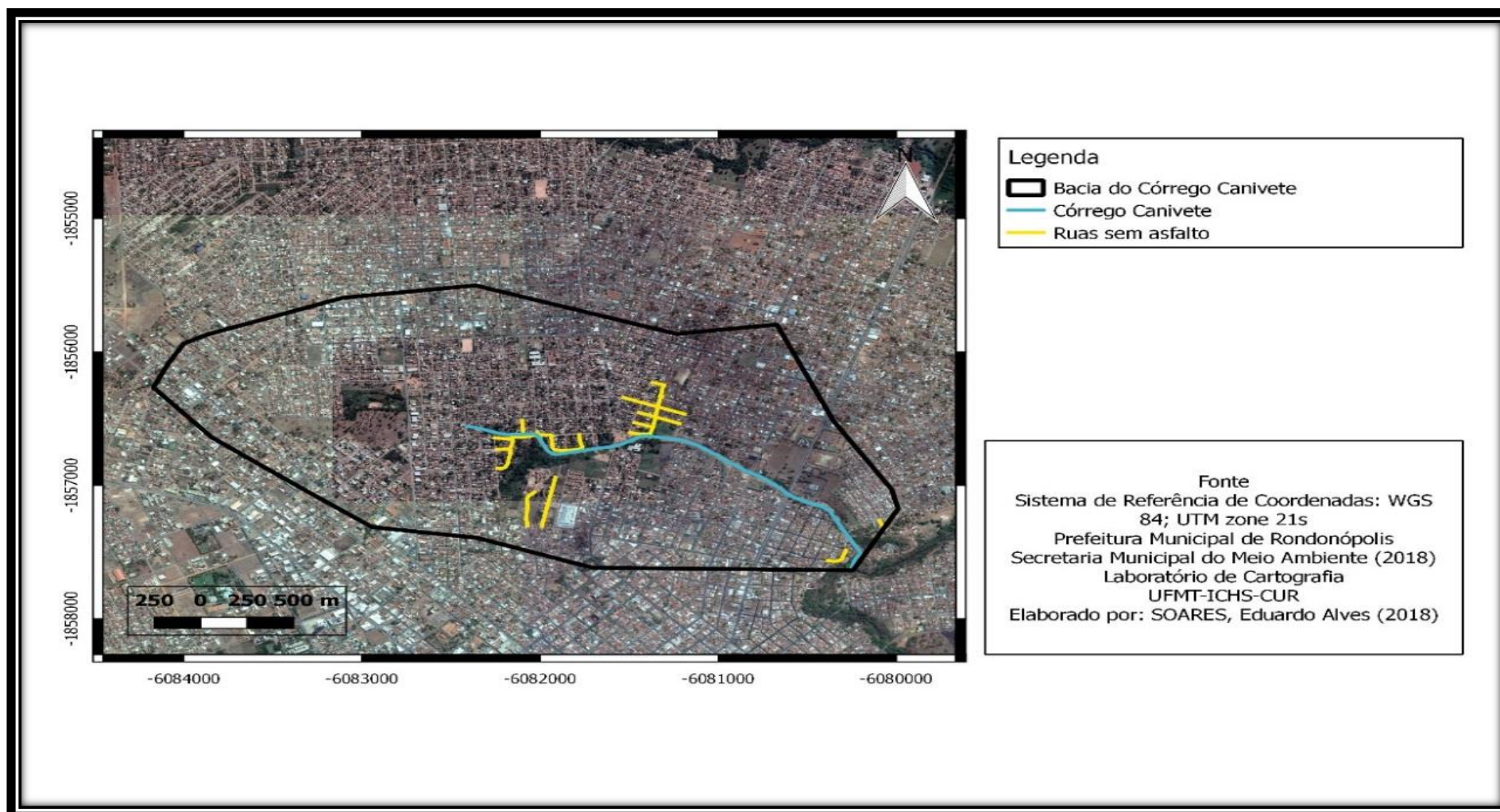


Figura 15: Ruas do entorno do Córrego Canivete que não contém asfaltamento

Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis

Adaptado por: SOARES, E. A. (2018)



Esse momento de projeção futura do espaço, o espaço concebido, aflora e muito a perspectiva de que se construam novas moradias no bairro onde atualmente se encontram terrenos/lotes baldios e sujos, e que tal transformação com asfalto, canalização e construção de pontes além da iluminação pública tornaria a região mais agradável e valorizada.

A figura 16 apresenta as áreas com serviços de águas pluviais na Microbacia do Córrego Canivete, pode-se associar essa realidade a uma depreciação do espaço uma vez que a ausência desse elemento é encarada como um risco, principalmente por estar próximo ao córrego e também não despertar o desejo de se habitar em áreas que estejam suscetíveis a alagamento. Existem ruas que já receberam a pavimentação asfáltica e não foram contempladas com galerias pluviais o que levará em alguns casos a aglomeração de água da chuva provocando inundações.

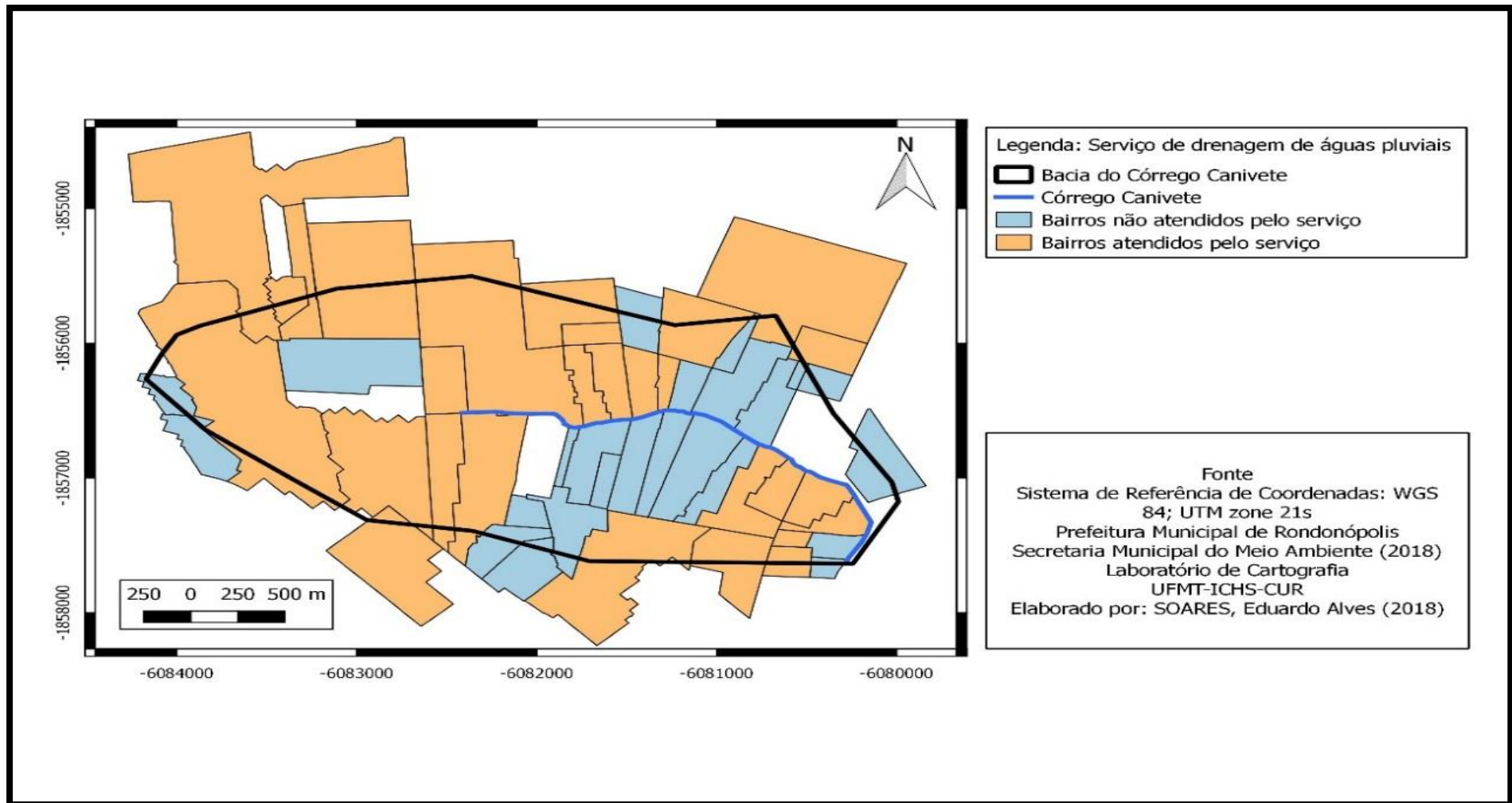


Figura 16: **Áreas com serviços de drenagem de águas pluviais**

Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis

Adaptado por: SOARES, E. A. (2018)

O que de fato poderia ser um dado, mas que acaba sendo confirmado e intensificado com o discurso de muitos moradores que já viram em períodos chuvosos a água do Córrego Canivete superar o seu leito menor e transbordar em direção a algumas casas próximas a ele e, principalmente sobre algumas ruas que cortam o córrego é, que o problema da drenagem urbana não fica resolvido apenas com a canalização do córrego.

Segundo o estudo desenvolvido por Trassi (2015) são poucas as áreas suscetíveis a enchentes na Microbacia do Córrego Canivete (figura 18), ainda assim ocorreram, segundo moradores, vários incidentes desse tipo no percurso do escoamento ao córrego, motivados nesses casos por problemas de drenagem.

Na figura 17, as áreas que tem maiores probabilidades de inundação na cidade de Rondonópolis.

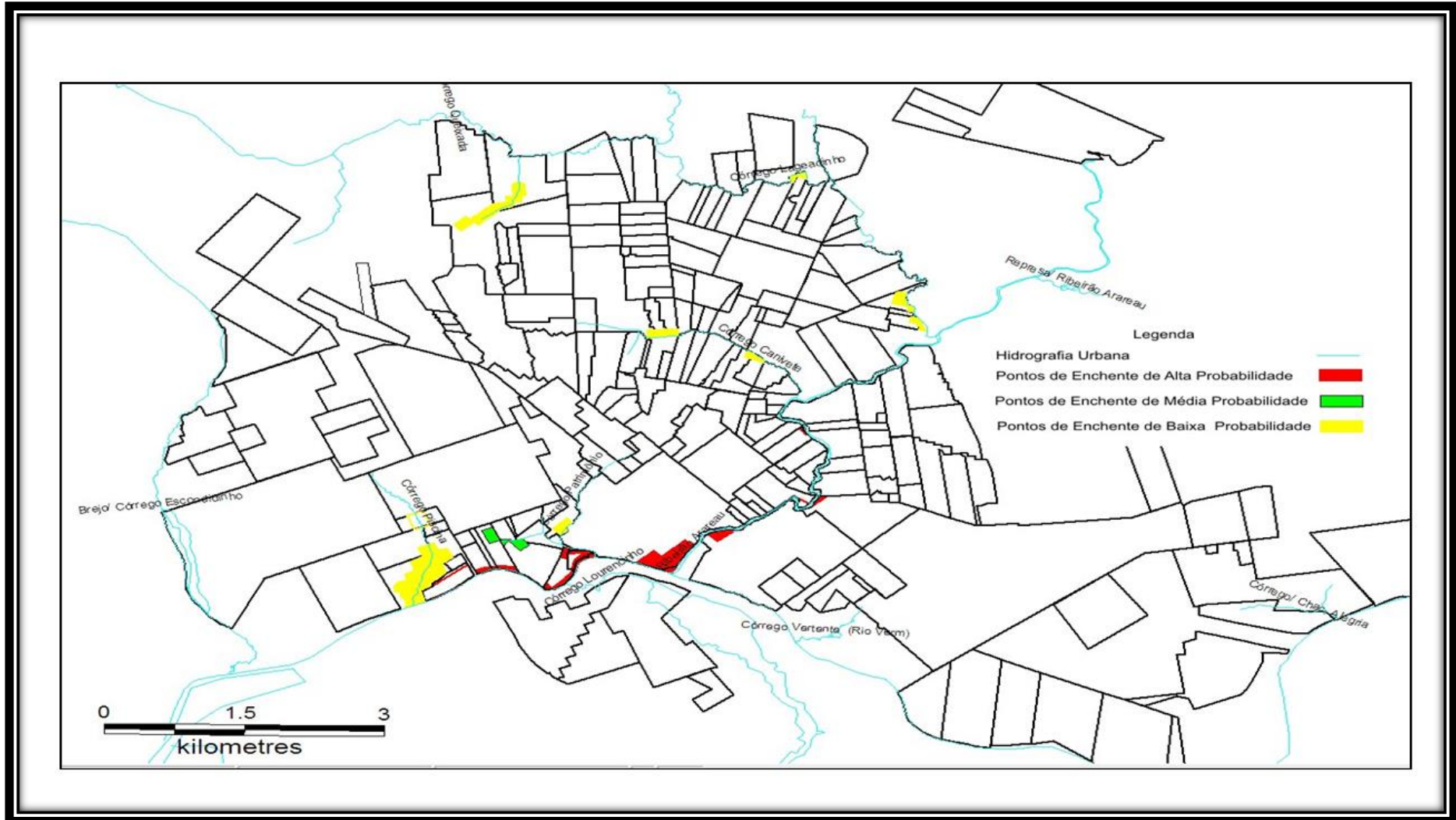


Figura 17: Áreas com níveis de probabilidades de ocorrências de inundação  
 Fonte:Trassi, (2015, p.68)

O espaço vivido pelos entrevistados foi produzido durante o tempo de diferentes formas, assim cada imóvel possui seu diferencial de qualidade e conforto, como é apontado por Corrêa.

Segundo Corrêa, (1989, p.63):

Em relação ao onde morar é preciso lembrar que existe um diferencial espacial na localização de residências vistas em termos de conforto e qualidade. Esta diferença reflete em primeiro lugar um diferencial no preço da terra – que é função da renda esperada-, que varia em função da acessibilidade e das amenidades. Os terrenos de maior preço serão utilizados para as melhores residências, atendendo à demanda solvável. Os terrenos com menores preços, pior localizados, serão utilizados na construção de residências inferiores, a serem habitadas pelos que dispõem de menor renda.

A expectativa de valorizar o espaço é evidenciada em cada um dos pesquisados, mesmo com a transformação da natureza, ainda assim o espaço vivido foi aos poucos adquirindo mais valor, hoje com a idealização do espaço concebido se projetam novas melhorias, portanto adiciona-se mais valor a este.

A partir disso, podemos considerar o que aborda Carlos (2007, p. 88):

As transformações no uso do espaço urbano revelam a contradição no processo de reprodução do espaço entendido, por exemplo, na passagem dos lugares conhecidos/reconhecidos pelos atos e ações da vida cotidiana que aí se desenvolve sem a mediação da troca ou pela constituição dos lugares da ausência, onde a forma efêmera impõe-se como única possibilidade de realização do moderno. Nesse contexto, o habitante se transforma em simples morador e, nesta condição, ganha status de cidadão apenas quando realiza sua condição de usuário de serviços, o que esvazia o sentido da cidadania, até a sua negação total.

A dinâmica econômica e tecnológica gerou uma transformação acelerada do espaço, mas esse fenômeno se desenvolve em diversas porções espaciais que podemos chamar de lugar. Dessa forma, analisar a constituição desses lugares é importante para entender o comportamento humano e sua relação com o meio.

De acordo com a cultura, ética e condições financeiras do sujeito ele produzirá diferentes objetos e comportamentos em diferentes lugares e isso será particular em cada indivíduo. Mesmo que cada um tenha sua forma de atuar em diversos lugares, os lugares por sua vez, também tendem a padronizar comportamentos.

E, é esse lugar, o espaço circundante do Córrego Canivete que visto sobre uma outra ótica, calcada na tríade de Lefebvre, é o lócus não apenas das relações e sentimentos mas, sobretudo, o espaço do valor de troca.

## 4 CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa apontou os principais elementos que nortearam o processo de transformação espacial na Microbacia do Córrego Canivete. No passado a ação humana no ambiente e as intervenções realizadas pelo poder público ao longo do processo de ocupação da calha do córrego, não deixaram apenas as marcas nas estruturas construídas, mas também impuseram outras condições que repercutirão nesse espaço no futuro.

O esforço em atingir o objetivo central dessa pesquisa que consistiu em compreender como que a produção do espaço na Microbacia do Córrego Canivete foi incrementando a valorização deste no tempo, foi possível tendo em vista o eixo norteador calcado nos conceitos de espaço vivido, percebido e concebido proposto por Lefebvre.

A metodologia proposta permitiu compreender e abarcar os diversos caminhos necessários para a elaboração da dissertação, desde o levantamento junto aos moradores onde houve a preocupação de englobar a totalidade do espaço referência, estabelecido no entorno do córrego, até as informações e dados necessários para complementar a análise fornecidos por órgãos públicos e entrevistados.

Em direção dos resultados obtidos vale aqui reafirmar que Rondonópolis teve seu crescimento desordenado e a gestão pública falhou em fiscalizar a ocupação de moradias nas proximidades de rios e córregos conforme a cidade foi expandindo. A ocupação nessas áreas ou nos arredores tem como característica cidadãos de baixa renda que devido ao baixo custo encontram ali uma oportunidade de adquirirem sua terra para construir seu lar.

No caso da Microbacia do Córrego Canivete não foi diferente, a ocupação se deu inicialmente pela sua borda próxima ao Distrito de Vila Operária e conforme a cidade foi crescendo o valor da terra foi aumentando tendo apenas aquelas terras mais próximas ao córrego com seus valores mais depreciados devido ao risco de inundações e a presença de animais típicos daquele ambiente.

Conforme o adensamento populacional foi aumentando a transformação do córrego foi ocorrendo e produzindo transtornos para quem morava próximo a ele, aumentando o aparecimento de animais nas residências, bem como, inundações e erosões nas ruas foram alguns dos casos que incomodavam os moradores, além da desvalorização dos imóveis.

Dessa maneira a maioria dos moradores aprovaram a canalização, mesmo entendendo a necessidade de preservar o meio ambiente como um benefício, no entanto percebem que a redução dos problemas existentes promoverá a valorização dos imóveis adjacentes.

De forma geral a vida cotidiana e sua dinâmica de relações sociais estão forjando pensamentos, comportamentos, ações e constituindo o sujeito diariamente, levando-o a perceber e conceber o espaço a partir do espaço vivido e das condições que este espaço lhe oferece e condiciona.

Vimos também que a natureza presente no espaço vivido estava incorporada à memória dos moradores mais antigos, no entanto, as demandas sociais e ambientais do espaço falaram mais alto e o interesse dos moradores se sobrepôs à vontade de manutenção da primeira natureza.

A pesquisa possibilitou conhecer uma parte do processo, mas não preencheu todas as lacunas. Apesar de dialogar com os diversos sujeitos afetos à questão da canalização, dentre os quais os partícipes dos grupos de pressão até os diretamente afetados, os moradores, não fechou o assunto em sua plenitude. É assim um primeiro momento de investigação cabendo, posteriormente, o aprofundamento para a compreensão de realidades semelhantes.

## REFERÊNCIAS

**A produção desigual do espaço urbano:** Considerações Sobre A Política Habitacional De Interesse Social No Município De Parnamirim/RN. Disponível em <<https://docplayer.com.br/12024522-A-producao-desigual-do-espaco-urbano-consideracoes-sobre-a-politica-habitacional-de-interesse-social-no-municipio-de-parnamirim-m.html>> Acesso em 06/07/2018.

**Agência de Notícias Primeira Hora.** Disponível em: <<http://primeirahora.com.br/apos-20-anos-moradores-veem-sonho-de-canalizacao-de-corrego-canivete-virar-realidade/>>. Acesso em 20/10/2018.

**Agora Mato Grosso.** Disponível em: <<https://www.agoramt.com.br/2017/07/governador-autoriza-construcao-de-4-pontes-na-obra-do-canivete/>>. Acesso em 19/10/2018.

**A Tribuna Mato Grosso.** Disponível em: <<https://www.tribunamt.com.br/2018/09/20/taques-cumpriu-poucas-promessas-para-rondonopolis/>>. Acesso em 19/10/2018.

ALBUQUERQUE, B. P. de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental.** 2007. 96 f. Monografia (Técnico de Laboratório de Biodiagnóstico em Saúde) – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz. Rio de Janeiro.

BAPTISTA M; CARDOSO A. **Rios e cidades:** uma longa e sinuosa história. Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n.2, p. 124-153, jul./dez. 2013.

BRANCO, S. M. **O meio ambiente em debate.** São Paulo: Moderna, 1988.

BERNARDES, J. A. IN: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia:** conceitos e temas. Ed.10. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.239-269.

CARLOS, A. F. A. **A (Re) Produção do espaço urbano.** São Paulo: Edusp, 2008.

CARLOS, A.F.A. **O espaço urbano:** Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, Maísa. **Condomínios horizontais populares fechados no processo de segregação sócio espacial em Rondonópolis-MT.** Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2015.

CHAGAS, E. F. **A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach.** Revista Philósofos; Goiânia, v.15, n. 2, p. 57-82, jul./dez. 2010.

CORRÊA, R. L. IN: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2013. p.41-51.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas.** 6º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CÔRREA, R.L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.



COSTA, H. S.A. **Os ritmos e a produção do espaço agrário na Bacia Do Rio Itiquira - MT.** 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMT-CUR. Rondonópolis.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

**Ecodebate site de informações, artigos e notícias socioambientais.** Disponível em:< <https://www.ecodebate.com.br/2014/05/07/regime-de-protecao-das-areas-de-preservacao-permanentes-no-codigo-florestal-lei-12-6512012-artigo-de-antonio-silvio-hendges/>> Acesso em 08/06/2018.

FERREIRA, L. F. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, v. 9, p. 65-83, jul/dez. 2000.

GATTI, B. A; FERES, N. L. **Estatística básica para ciências humanas.** São Paulo, Alfa-Omega, 1975.

GEORGE, P. **O meio ambiente.** São Paulo – SP: Difusão Europeia do Livro, 1973.

GERARDI, L. H. de O; SILVA, B. C. M. N. **Quantificação em geografia.** São Paulo: Difel, 1981.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** 14<sup>o</sup> Ed. São Paulo – SP: Contexto, 2006.

HIRATA, R. B. **Parque ecológico e de uso múltiplo olhos d'água: análise documental e situacional.** 2004. 46 f. Monografia (especialização em ecoturismo) – UNB/Brasília/DF, 2004.

HULSMeyer, A. F.; FRANÇOso, B. E.; PANISSA, A. E. de O. **As áreas de preservação permanente como espaços livres urbanos: um estudo de caso em Umuarama-PR.** Revista Akrópolis, Umuarama, v.23, n,2 p. 191-205, jul/dez.2015.

LACOSTE, Yves. **Geografia do Subdesenvolvimento: geopolítica de uma crise.** 7. ed. São Paulo: Difel, 1985.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** 4<sup>a</sup> edição. Editora Paris: Editions Anthropos. 1<sup>a</sup> versão, 2006.

LEFEBVRE, H. **A cidade do capital.** 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Tradução de Rubens Frias. Primeira Edição, Editora Moraes, São Paulo. 1991.

MAGALHÃES JR, A. P; MARQUES, C. P. M. **Artificialização de cursos d'água urbanos e transferência de passivos ambientais entre territórios municipais – reflexões a partir do caso do Ribeirão Arrudas, região metropolitana de Belo Horizonte – MG.** 2014. 16 f. (III Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo) – UFPA/Belém/Pará,2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARTINS, G, de A. **Estatística geral e aplicada.** São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, José de Souza. **As temporalidades da história na dialética de Henri Lefebvre** in: Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética. Editora Hucitec: São Paulo, 1996. pp 13-25.

MOREIRA, M.R.R. **A UFMT e a dinâmica espacial de seu entorno**. 2017. Rondonópolis. 165f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMT - CUR. Rondonópolis.

NEGRI, S. M. **Segregação sócio-espacial no contexto de desenvolvimento econômico da cidade de Rondonópolis – MT**. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) UNESP, Rio Claro-SP. 2008.

NEGRI, S. S. **Uso desigual do território em Rondonópolis no processo de expansão do agronegócio da soja em Mato Grosso**. 2010. 176 f. Tese – (doutorado em geografia) – UNESP/Campus de Rio Claro/SP, 2010.

PALMA, Ivone Rodrigues. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento de educação ambiental**. 2005. 72 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

PEREIRA, J M; ALVES, W S. **Córregos em áreas urbanas: a atual situação do córrego Tamanduá em Iporá-GO**. Revista Visão Acadêmica; Universidade Estadual de Goiás. Cidade de Goiás. s/p. 2013.

PEREIRA, J. M; ALVES, W. S. **Córregos em áreas urbanas: a atual situação do córrego Tamanduá em Iporá-GO**. Revista Visão Acadêmica, Goiás, p.01-12, nov. 2013.

**Portal da Prefeitura de Rondonópolis**. Disponível em: <<http://www.rondonopolis.mt.gov.br/?pg=noticia&intNotID=42784>> Acesso em 08/06/2018.

PORTELA, A. de A. **A produção do espaço urbano em Rondonópolis- MT: Um ensaio de ritmanálise**. 2016. Rondonópolis. 154f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMT – CUR. Rondonópolis.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RONDONÓPOLIS. **Plano diretor e revisão da legislação urbanística**. Rondonópolis, Diário Oficial de Rondonópolis, Dez.2017.

**RD News Portal de Notícias MT**. Disponível em: <[https://www.rdnews.com.br/executivo/em-rondonopolis-canalizacao-de-corrego-esta-ha-2-anos-atrasada/40590\\_05/2013](https://www.rdnews.com.br/executivo/em-rondonopolis-canalizacao-de-corrego-esta-ha-2-anos-atrasada/40590_05/2013)> Acesso em 20/10/2018.

REBOUÇAS, A. **Uso inteligente da Água**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

RODRIGUES, A. M. IN: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: ed.8°, Contexto, 2013. p.207-230.

RODRIGUES, O. M. **Ocupação e degradação da microbacia do Córrego Canivete na área urbana de Rondonópolis-MT**. Rondonópolis: UFMT, 1997. (Monografia de especialização em Educação Ambiental).

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7º Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, R. F. dos. **Planejamento ambiental: teoria e prática**. São Paulo – SP: Oficina de Textos, 2004.

Schmid, C. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre**: Em direção a uma dialética tridimensional. Geosp – espaço e tempo, São Paulo, nº32, p.89-109, 2012.

SETTE, Denise Maria. **O clima urbano de Rondonópolis**. São Paulo-SP: USP, 1996. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, K. C. da; SAMMARCO, Y. M. **Relação ser humano e natureza: um desafio ecológico e filosófico**. Revista Monografias Ambientais, Santa Maria, v.14, p.01-12, mai./ago. 2015.

SILVA, L. S. e. **Proteção ambiental e expansão urbana: a ocupação ao sul do parque estadual da cantareira**. 2004. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – USP. São Paulo.

SILVA, L. S. e. **Proteção ambiental e expansão urbana: A ocupação ao sul do Parque Estadual da Cantareira**. 2004. São Paulo. 187f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – PROCAM-USP.

SILVA, Vicente de Paulo da. SILVA, Rene Gonçalves Serafim. **A Geografia e o estudo da vida cotidiana: um caminho para a compreensão do espaço**. Caminhos da Geografia. Ubatuba. V.15. n.50, Jun/2014, p.164-171.

SOUZA M. L e RODRIGUES, G. B. **Planejamento urbano e ativismo sociais**. São Paulo: Unesp, 2004.

SOUZA, J. C. de. **A relação do homem com o meio ambiente: o que dizem as leis e as propostas de educação para o meio ambiente**. Revista Brasileira de Direito Constitucional, Osasco, n. 13, p.107-139, jan./jun. 2009.

SOUZA, T.M.O. **Análise socioespacial do Residêncial Francisca Garcete de Almeida em Rondonópolis-MT**. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2018.

SPAREMBERGUER, Raquel Fabiana Lopes; SILVA, Danielle Aita da. **A relação homem, meio ambiente, desenvolvimento e o papel do direito ambiental**. Revista Veredas do Direito, Belo Horizonte, v.2, p.81-99, dez. 2005.

SPOSITO, M. E. B. IN: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de.; SPOSITO, M. E. B. (Org.) **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013. p.123-145.

TRASSI, J. da. **Estudo do potencial de riscos de inundações nas microbacias da cidade de rondonópolis, Mato Grosso**. 2015. Rondonópolis. 167f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMT – CUR. Rondonópolis.

TRUGILLO, E A. **Percepção ambiental em córregos urbanos sob o olhar da comunidade educativa de Juara/MT.** 2009. Cáceres-MT. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – UNEMT-MT.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

TUCCI, C. E. M. IN: TUCCI, C. E. M; BERTONI, J. C. (Org.) **Inundações urbanas na América do Sul.** Porto Alegre: PRONEX-CNPq, 2003. p. 11-129.

VIEIRA, V. T.; CUNHA, S. B da. IN: GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B da. (Org.) **Impactos ambientais urbanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p.112-145.

## ANEXOS

### SITE DE NOTÍCIAS PRIMEIRA HORA

#### **Após 20 anos, moradores veem sonho de canalização de córrego Canivete virar realidade**

Obra no Canivete vai beneficiar 30 bairros de Rondonópolis. Famílias que já tinham perdido a esperança de ver a canalização finalizada hoje falam em ‘transformação’.

26 de junho de 2018 às 17h14



Casal esperou 17 anos pela obra: "O córrego do desespero hoje é o córrego dos sonhos". - Foto por: José Medeiros

Na semana que completa seus 54 anos, Crispiniano Joaquim da Silva diz que ganhou um presente pela qual espera há quase 20 anos: a canalização do Córrego Canivete, localizado em Rondonópolis.

“Eu já perdi a conta de quantos governos passaram por aqui prometendo a conclusão dessa obra, mas nada ia adiante; ver agora, após 17 anos de espera, que a canalização está realmente sendo finalizada é um sonho que está se tornando realidade”, diz o morador do Jardim Tropical, um dos bairros do município que é cortado pelo córrego.

O relato é feito ao lado de sua esposa, Natália Aparecida dos Santos Batista, 51 anos. “Me lembro como se fosse hoje o pesadelo que era viver aqui, à beira do córrego, em época de chuva” lembra a dona de casa, que criou os quatro filhos às margens do Canivete.

Ela conta que certa vez acordou com a casa tomada pela água, o colchão do filho boiando, ela em desespero. “Foi um pesadelo. Quando abri a porta para sair entrou mais água, chegava a altura do joelho, aquele dia achei que ia morrer”.



O acontecido se deu na década passada, numa das inúmeras enchentes que teve que enfrentar. Natália confessa que já tinha perdido as esperanças de ver o córrego sendo canalizado.

“De córrego do pesadelo, hoje eu chamo ele de córrego dos sonhos; e eu quero ver isso daqui terminado, pois hoje eu tenho esperança de que tudo isso daqui será transformado, hoje eu acredito que sonhar vale a pena, de que no futuro esse córrego será lindo, iluminado, com espaço para caminhada, e as novas gerações vão poder aproveitar mais que a gente”, fala a avó apontando o neto no colo.

Sentados debaixo de uma árvore, aproveitando a sombra que os protege do sol do meio dia e de seu forte calor – característico nesta época do ano -, o casal relembra diversas situações que quase o fizeram sair do lugar.

“Mas ir pra onde, se este sempre foi o nosso canto, nossa casa?”. Quando da enchente que quase derrubou sua moradia, Natália diz que a Defesa Civil do município quis remove-los do local. “Era perigoso morar aqui, mas ficamos acreditando sempre que um dia essa realidade ia mudar”.



Em determinado momento, o casal se levanta e convida a equipe para passear pelas obras. “Vocês veem tudo isso daqui? Antes isso daqui era um brejo enorme, nós tínhamos vergonha de dizer que morávamos aqui, e quando pedíamos para um taxista nos trazer nesta região eles se negavam”.



Hoje, o avanço das obras de canalização do córrego Canivete é visível. Grande parte dos mais de 12 quilômetros já receberam os serviços de topografia, limpeza e terraplanagem do canal, rachão da base, laje concretada e alvenaria de pedra levantada.

A obra, estimada em R\$ 13,4 milhões, conta com recursos do Ministério das Cidades, na ordem de R\$ 12,7 milhões, e também com contrapartida da Secretaria de Estado de Infraestrutura e Logística (Sinfra).

No projeto está prevista a execução de obra de canalização trapezoidal com pedra argamassada, pavimentação asfáltica do tipo TSD (Tratamento Superficial Duplo) com capa selante e galerias de águas pluviais nas ruas adjacentes ao córrego.

Além do Jardim Tropical, a obra de canalização do Córrego Canivete vai beneficiar 30 bairros da periferia de Rondonópolis. Com mais de 80% da obra concluída, a canalização deve ser finalizada no primeiro semestre de 2018.



Feliz também fica Maria Lúcia Ferreira dos Santos, a Dona Lucinha, de 64 anos. “Eu vejo essa obra correndo, sendo feita, os trabalhadores aqui terminando essa angústia e isso me enche o coração de felicidade; e pensar que não teremos mais que lidar com aquela água suja e fedida que corria para dentro de nossas casas quando o córrego enchia é uma vitória.”



## APÊNDICES

### Entrevistas com Moradores da Borda do Córrego Canivete em Rondonópolis

#### **Primeira Parte -**

- . Quais animais silvestres você já viu nas proximidades do córrego?
- . Como era o córrego no momento em que você chegou a este local? (características)
- . Você presenciou alguma ocupação nas proximidades do córrego?
- . Você presenciou a construção de moradia(s) nas margens do córrego?
- . Por que você veio morar aqui próximo ao córrego?

#### **Segunda Parte**

- . Jogava-se muito lixo no córrego Canivete ou na APP (área de preservação permanente) antes de iniciar a canalização?
- . Após o início das obras de canalização a quantidade de lixo descartado no córrego e nas margens deste tem diminuído ou aumentado?
- . Você já jogou lixo no córrego ou em sua proximidade?
- . Sua residência já destinou esgoto no córrego?
- . Você já identificou alguma residência despejando esgoto no córrego?
- . Cite alguns tipos de poluição no córrego?
- . Você já denunciou alguém jogando lixo no córrego? Por que?

#### **Terceira Parte**

- . Você utilizou a água do Canivete?
- . Você se preocupa com a qualidade do ambiente do córrego?
- . O que você fez anterior a canalização para preservação do córrego?
- . O que você faz atualmente para evitar mais danos ao córrego?
- . Você prefere o córrego anterior à canalização ou com a canalização?

- . O que o deixava impressionado no Canivete antes da canalização? (Algo que agradava antes)
- . Você gosta de morar próximo ao córrego Canivete? (razões)

#### **Quarta Parte –**

- . Quais serão os benefícios da canalização?
- . Quais serão os malefícios da canalização?

#### **Quarta Parte**

- . Quais os principais problemas enfrentados pelos moradores na região? (com relação ao córrego)
- . Quais os principais problemas enfrentados pelos moradores na região? (sem relação ao córrego)
- . Qual a nota de 0 a 10 você daria para a o lugar, Córrego Canivete com a canalização?
- . Qual a nota de 0 a 10 você daria para a o lugar, Córrego Canivete sem a canalização?
- . Sua casa foi tomada alguma vez por enchentes devido à proximidade com o córrego?
- . O poder público fez algum tipo de intervenção quando ocorreram danos causados por enchentes?
- . O que faria dá região, ser mais agradável para morar?

#### **Quinta Parte -** O Projeto de Canalização – visão dos moradores

- . Você participou das discussões para o projeto de canalização do Canivete?
- . Você lembra de alguma proposta diferente da canalização do Canivete?
- . Você acredita que as reuniões e discussões realizadas para tomada de decisão de canalizar o córrego foram suficientes? Porque?
- . A criação de um parque ecológico no córrego sem que houvesse canalização seria ao seu ver melhor que a canalização? Porque?
- . Já tem cerca de 10 anos que lançou o projeto de canalização, você acredita que o projeto finaliza este ano de 2018?

### Quinta Parte - “CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS”

1. Qual a sua idade?

Distribuição dos sujeitos por sexo e idade (n=)

Sexo	Idade						Total %
	18 a 25	26 a 35	36 a 45	46 a 55	56 a 65	+ de 66	
Feminino							
Masculino							
Total							

2. Qual a sua escolaridade?

Distribuição dos sujeitos por escolaridade – 2018 (n=)

Escolaridade	Sujeitos	%
Analfabeto		
1º. Grau ou Ensino Fundamental completo incompleto		
1º. Grau ou Ensino Fundamental		
2º. Grau ou Ensino Médio incompleto		
2º. Grau ou Ensino Médio completo		
3º. Grau ou Ensino Superior incompleto		
3º. Grau ou Ensino Superior completo		

3. Qual o tempo de residência neste local?

Distribuição dos sujeitos por tempo de residência (n= )

Tempo de residência							
	(-) 1	1 a 10	11 a 20	21 a 30	31 a 40	+ de 41	Total
Sujeitos							
%							

4. Qual o tipo de moradia que reside?

Distribuição dos sujeitos por tipo de moradia (n=)

Tipo de moradia				
	Própria	Alugada	Outras	Total
Sujeitos				
%				

### **O interesse do social pela canalização**

**Sexta parte** – (A comissão pró-canalização)

- . Como deu início a comissão pró-canalização?
- . Por que o apoio para canalizar o córrego e não para o revitalizá-lo?
- . Quais as principais dificuldades que perdura para os dias atuais?

### **Mapa mental dos moradores pioneiros nas margens do córrego Canivete**

**Sétima parte** – (Descrição de moradores pioneiros sobre como era o Córrego Canivete quando chegaram para morar nas suas proximidades). Descreva: como era o córrego assim que veio morar aqui?

- . Onde você lavava a roupa?
- . Onde você retirava água para beber?
- . Onde existiu plantios e quais tipos de cultivos existiam?
- . Existia pesca? Se sim, onde?
- . Era violenta a região?
- Como era as proximidades do Córrego Canivete?